

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
E NOVAS TECNOLOGIAS**

JOÃO ANTONIO RUFATO

**PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE
COVID-19: implicações para o processo de formação continuada e
condições de trabalho no ensino remoto**

**CURITIBA
2021**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS
TECNOLOGIAS**

JOÃO ANTONIO RUFATO

**PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE COVID-19:
implicações para o processo de formação continuada e condições de trabalho
no ensino remoto**

**CURITIBA
2021**

JOÃO ANTONIO RUFATO

**PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE COVID-19:
implicações para o processo de formação continuada e condições de trabalho
no ensino remoto**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Educação e Novas Tecnologias.

Área de Concentração: Educação

Orientadora: Prof^a Dra. Joana Paulin Romanowski

**CURITIBA
2021**

R922p Rufato, João Antonio

Práticas docentes na educação básica em tempos de COVID-19: implicações para o processo de formação continuada e condições de trabalho no ensino remoto / João Antonio Rufato. - Curitiba, 2021.

184 f. : il. (algumas color.)

Orientadora: Profa. Dra. Joana Paulin Romanowski
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional UNINTER.

1. Professores - Formação. 2. Prática de ensino. 3. Ensino à distância. 4. Professores - Educação (Educação permanente). 5. Tecnologia educacional. .6. COVID 19. I. Título.

CDD 371.334

ATA DA BANCA



uninter.com | 0800 702 0500

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO-PGPE
PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS
Secretaria do Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias

Defesa Nº 008/2021

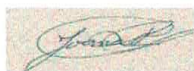
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS

No dia 31 de março de 2021, às 9h, reuniu-se via web conferência a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, composta pelos professores doutores: Dra. Joana Paulin Romanowski (Presidente-Orientador-PPGENT/UNINTER), Dra. Gláucia da Silva Brito (Integrante Externo/UFPR), Dr. Ademir Aparecido Pinhelli Mendes (Integrante Interno Titular-PPGENT/UNINTER), Dr. Ivo José Both (Integrante Interno Suplente-PPGENT/UNINTER), para julgamento da dissertação: “PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE COVID-19: IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA E CONDIÇÕES DE TRABALHO NO ENSINO REMOTO”, do mestrando João Antonio Rufato. O presidente abriu a sessão apresentando os professores membros da banca, passando a palavra em seguida ao mestrando, lembrando-lhe de que teria até vinte minutos para expor oralmente o seu trabalho. Concluída a exposição, o candidato foi arguido oralmente pelos membros da banca.

Concluída a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se e comunicou o Parecer Final de que o mestrando foi: APROVADO, devendo o candidato entregar a versão final no prazo máximo de 60 dias.

O Presidente da Banca Examinadora declarou que o candidato foi aprovado e cumpriu todos os requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação e Novas Tecnologias, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias, a contar desta data, a versão final da dissertação devidamente aprovada pelo professor orientador, no formato impresso e PDF, conforme procedimentos que serão encaminhados pela secretaria do Programa. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata que vai assinada pela Banca Examinadora.

Recomendações: A banca recomenda a continuidade da pesquisa e sua publicação.



Dra. Joana Paulin Romanowski
Presidente da Banca



Dra. Glauca da Silva Brito
Integrante Externo



Dr. Ademir Aparecido Pinhelli Mendes
Integrante Interno Titular



João Antonio Rufato
Mestrando

Dr. Ivo José Both
Integrante Interno Suplente

“Sendo professor,
nunca te falte consciência de classe
nem compromisso social”.

Paulo Freire

Dedico este trabalho aos
trabalhadores e trabalhadoras
da educação do nosso país, que
somam comigo os esforços
diários na busca por uma
educação libertadora e
emancipatória.

AGRADECIMENTOS

“As palavras proferidas pelo coração não têm língua que as articule, retêm-nas um nó na garganta e só nos olhos é que se podem ler”.

Jose Saramago

Gratidão! É essa a palavra que fixa em minha memória quando, com os olhos marejados faço uma viagem ao tempo, trilhando de volta o longo caminho percorrido até aqui. A quem, por algum momento esteve comigo nas passadas desse percurso, sonhando e construindo junto, meu muito obrigado!

Ao meu pai Antonio e à minha mãe Iracy, que são a sustentação e os pilares de referência na minha formação como pessoa, sempre me apoiando, acreditando e sonhando juntos. Minhas irmãs Cassia e Vaine pela cumplicidade, respeito e parcerias. Muito amor envolvido!

Ao companheiro da vida Gabriel, obrigado! Sou grato pela paciência e cumplicidade, por me ouvir, mesmo quando era só resmungo de mestrando. As suas dicas, leituras e releituras desse texto com seu pitacos, qualificaram esse trabalho. Tenho certeza disso.

À Profa. Dra. Joana Romanowski, de um currículo invejável, experiente, mulher forte e doce. O grande presente que recebi nessa caminhada. Pessoa de uma generosidade sem tamanho, prestativa e sensível. Me pegou pelas mãos e me fez caminhar pela trilha do conhecimento, com muita tranquilidade. Gratidão professora. Por mais Joanas nesse mundo!

Aos componentes da banca Prof. Dr. Ademir Pinhelli Mendes, Prof. Dr. Ivo José Both pelas significativas contribuições na construção desse trabalho, e Profa. Dra. Glaucia Brito, que para além de estar na banca, me oportunizou a participação em sua disciplina na Universidade Federal do Paraná, que muito me auxiliou na reflexão sobre tecnologias e formação de professores. Ao Prof. Dr. Jacques Lima, pela disponibilidade e desprendimento em contribuir. Todo o meu respeito e agradecimento

a esses mestres que são referências para meus estudos. Obrigado pela disponibilidade e comprometimento pela causa.

Ao irmão que a vida insiste em chamar de amigo, Marcos Ruiz, pela generosidade, grandeza e apoio profissional durante minha carreira, além de ser um grande incentivador para a minha entrada na vida acadêmica.

Aos amigos Gerson e Carine pelo apoio e dicas nas horas de correria das atividades, diga-se aí: projetos, gráficos, trabalhos, planilhas, planilhas, planilhas....

Aos colegas do mestrado que contribuíram de forma significativa em minha formação, seja pelas aulas, debates, troca de experiências e, nos momentos informais, ajudando a digerir as informações.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da Uninter, que sempre de forma muito prestativa nos auxiliaram nesse processo de aprendizado e amadurecimento. À Daniele Motta, secretária do programa, que com maestria organiza os trâmites burocráticos.

À Prefeitura Municipal de Curitiba, através da Secretaria Municipal de Educação que possibilitou um período de afastamento para realização do estudo. Pela importância desse programa, ficamos na expectativa de que possa atingir cada vez mais professores.

Aos colegas professores, que fizeram parte dessa pesquisa, toda minha gratidão.

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias.

Paulo Freire

RESUMO

Esta é uma pesquisa realizada com professores dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio da rede pública de ensino do estado do Paraná, no que tange à prática docente e às condições em que essa prática se efetivou no ano de 2020 em período da pandemia do Covid-19. É uma investigação vinculada ao grupo de pesquisa Educação, Tecnologia e Sociedade do programa de Pós-Graduação em Educação e Novas Tecnologias – UNINTER. O problema se compõe da seguinte questão: em que condições se efetiva a prática docente neste contexto de realização de aulas não presenciais devido a pandemia do COVID-19? Para responder essa pergunta a investigação teve como objetivo geral compreender as condições que se efetivou a prática docente no contexto de realização de aulas não presenciais nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio na rede pública de ensino do estado do Paraná, devido a pandemia do COVID-19 no ano de 2020. A metodologia de pesquisa é de abordagem qualitativa do tipo exploratória fundamentada em Weller e Pfaff (2010), Gatti e André (2010), Sánchez Gamboa (2012), Triviños (1987). Para essa pesquisa foram utilizados como instrumentos de coleta de dados um questionário on-line de perguntas com alternativas de respostas e de respostas curtas e os documentos produzidos pelos órgãos do sistema educacional. Para análise das respostas o agrupamento realizado pela própria plataforma *Google Forms* foi considerado, acompanhado da respectiva descrição e categorização. Em seguida, as respostas foram cotejadas com os autores que fundamentaram a pesquisa estabelecendo a discussão dos resultados; realizando a triangulação entre os dados da pesquisa com documentos que orientam as práticas docentes, que são emanados dos órgãos reguladores; e ainda, a triangulação de natureza mais interpretativa de nível teórico, que se realiza ao cotejar a sistematização e categorização dos dados com referenciais que sustentaram a fundamentação da pesquisa. Os resultados desta pesquisa revelaram a preocupação dos professores com o processo do ensino aprendizagem no modelo remoto; as dificuldades do não retorno dos alunos sobre as tarefas direcionadas pelo professor; a dificuldade do professor em administrar o tempo para conciliar atividades profissionais e domésticas; o déficit no processo de formação continuada; e as condições físicas e psicológicas do professor, alteradas significativamente nesse período. Propomos como produto desse trabalho jornadas formativas em comunidades de prática, com indicativos de trilhas que conversem com o resultado de nossa pesquisa, partindo das dificuldades enfrentadas pelos professores nesse período, considerando sua autonomia e experiência.

Palavras-chave: COVID-19. Formação de professor. Prática docente. Tecnologia digital. Condições de trabalho. Ensino remoto.

ABSTRACT

This is a research carried out with teachers from the final years of elementary and high school in the public school system from the state of Paraná, regarding their teaching practice and their work conditions during the period of the Covid-19 pandemic. It consists of an investigation linked to the research group Education, Technology and Society of the Graduate Program in Education and New Technologies - UNINTER. The following question was proposed to answer the problem of this research: in what conditions is the teaching practice effective in this context of conducting non-face-to-face classes due to the pandemic of COVID-19? To answer this question, the investigation had the general objective of understanding the conditions that the teaching practice took place in the context of conducting non-face-to-face classes in the final grades of elementary school and in high school in the public school system in the state of Paraná, due to the pandemic of COVID-19 in the year 2020. The research methodology is based on a qualitative exploratory approach based on Weller and Pfaff (2010), Gatti and André (2010), Sánchez Gamboa (2012), Triviños (1987). For this research, an online questionnaire with alternative answers and short answers was used as data collection instrument and the documents from the educational system departments. In order to analyze the participant's answers, the grouping created by the Google Forms platform was considered, accompanied by the respective description and categorization. Therefore, the answers were compared with the authors who supported the research, establishing the discussion of the results; performing the triangulation between the research data with documents that guide the teaching practices, which are emanating from regulatory institutions; furthermore, the triangulation of a more interpretative nature at a theoretical level, which takes place when comparing the systematization and categorization of data with references that supported the research foundation. The results of this research have revealed the teachers' concern in the teaching-learning process in the remote model; the difficulties for the students to return the tasks assigned by the teacher; the teacher's difficulty in managing their time regarding their professional and domestic activities; the deficit in the process of continuing education; and the physical and psychological conditions of the teacher, significantly changed during this period. We propose, as a product of this research, education journeys in communities of practice, with indications of trails that speak to the result of our research, starting from the difficulties faced by teachers in this period, considering their autonomy and experience.

Keywords: COVID-19. Teacher education. Teaching practice. Digital technology. Work conditions. Remote teaching.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – TRABALHOS SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TECNOLOGIAS.....	32
QUADRO 2 – CATEGORIZAÇÃO DA QUESTÃO 2.....	64
QUADRO 3 – RELATOS DA QUESTÃO 2.....	65
QUADRO 4 – RELATOS DA QUESTÃO 4.....	70
QUADRO 5 – CATEGORIZAÇÃO DA QUESTÃO 1.....	78
QUADRO 6 – RELATOS DA QUESTÃO 1.....	82
QUADRO 7 – CATEGORIZAÇÃO DA QUESTÃO 3.....	87
QUADRO 8 – RELATOS DA QUESTÃO 3.....	87
QUADRO 9 – TRILHAS FORMATIVAS.....	91

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – GÊNERO.....	59
GRÁFICO 2 – RAÇA	59
GRÁFICO 3 – IDADE.....	60
GRÁFICO 4 – PRIMEIRA FORMAÇÃO.....	60
GRÁFICO 5 – IES DA GRADUAÇÃO.....	60
GRÁFICO 6 – MODALIDADE DA GRADUAÇÃO.....	60
GRÁFICO 7 – ANO DE CONCLUSÃO DA GRADUAÇÃO.....	60
GRÁFICO 8 – PÓS-GRADUAÇÃO – MAIOR NÍVEL.....	60
GRÁFICO 9 – SEGUNDA FORMAÇÃO.....	61
GRÁFICO 10 – DISTRIBUIÇÃO DA FORMAÇÃO POR ÁREA DO CONHECIMENTO.....	61
GRÁFICO 11 – FORMAÇÃO INICIAL – TECNOLOGIAS.....	63
GRÁFICO 12 – FORMAÇÃO CONTINUADA – TECNOLOGIAS.....	63
GRÁFICO 13 – BUSCA DE FORMAÇÃO.....	63
GRÁFICO 14 – FAMILIARIDADE COM O AVA.....	63
GRÁFICO 15 – ATUAÇÃO – TIPO DE INSTITUIÇÃO.....	67
GRÁFICO 16 – ATUAÇÃO – QUANTIDADE DE ESCOLAS.....	67
GRÁFICO 17 – ATUAÇÃO – TIPO DE CONTRATO.....	68
GRÁFICO 18 – ATUAÇÃO – MODALIDADE DE ENSINO.....	68
GRÁFICO 19 – ATUAÇÃO – HORÁRIO DE TRABALHO.....	68
GRÁFICO 20 – ATUAÇÃO – DISCIPLINA QUE LECIONA.....	68
GRÁFICO 21 – ATUAÇÃO – CARGA HORÁRIA SEMANAL	69
GRÁFICO 22 – ATUAÇÃO – QUANTIDADE DE TURMAS.....	69
GRÁFICO 23 – ATUAÇÃO – QUANTIDADE DE ALUNOS.....	69
GRÁFICO 24 – ATUAÇÃO – DISPONIBILIDADE DE MATERIAIS.....	69
GRÁFICO 25 – DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES REMOTAS.....	75
GRÁFICO 26 – CONDIÇÕES DE EQUIPAMENTO.....	75
GRÁFICO 27 – UTILIZAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL ANTES DA PANDEMIA.....	7
GRÁFICO 28 – PROGRAMAS E MATERIAIS DISPONIBILIZADOS PELA MANTENEDORA TÊM SIDO SUFICIENTES.....	75
GRÁFICO 29 – PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS REMOTAS.....	76
GRÁFICO 30 – REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PELOS ALUNOS NO PERÍODO DA PANDEMIA	76
GRÁFICO 31 – APRENDIZAGENS NAS AULAS REMOTAS.....	75
GRÁFICO 32 – UTILIZAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS PELO PROFESSOR... PANDEMIA.....	75
GRÁFICO 33 – CARGA HORÁRIA DE TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA.....	76
GRÁFICO 34 – CARGA HORÁRIA SEMANAL COM AULAS ONLINE.....	76
GRÁFICO 35 – CARGA HORÁRIA SEMANAL COM PLANEJAMENTO E MATERIAL DIDÁTICO.....	77
GRÁFICO 36 – CARGA HORÁRIA SEMANAL COM ORIENTAÇÃO AOS ALUNOS.....	77
GRÁFICO 37 – EFEITOS DO TRABALHO REMOTO NA SAÚDE DO PROFESSOR.....	77
GRÁFICO 38 – APOIO DA CHEFIA IMEDIATA	85
GRÁFICO 39 – AJUDA EXTERNA.....	85

GRÁFICO 40 – GRUPO DE AUXÍLIO MÚTUO NA ESCOLA.....	86
--	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ACESSO DOS ALUNOS À INTERNET.....	79
FIGURA 2 – RENDA PER CAPITA DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA....	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem
- BNCC – Base Nacional Comum Curricular
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CIEB – Centro de Inovação para a Educação Brasileira
- CEEP – Conselho Estadual de Educação do Paraná
- CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
- CETIC – Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
- CH – Carga Horária
- CNE – Conselho Nacional de Educação
- CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação
- COVID-19 – *Corona Virus Disease* (“doença causada pelo vírus Corona”, em tradução literal do inglês).
- CRTE – Coordenação Regional de Tecnologia Educacional
- FMI – Fundo Monetário Internacional
- IES – Instituição de Ensino Superior
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- IPAE – Instituto de Pesquisas e Administração da Educação
- LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- NRE – Núcleo Regional de Educação
- RIC – Rede Independência de Comunicação
- SINEaD – Sistema Nacional de Educação à Distância
- SISMMAC – Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba
- SEED – Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Estado do Paraná
- TD – Tecnologias Digitais
- UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
- UNICEF – Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 DA PROBLEMATIZAÇÃO À DEFINIÇÃO DA PESQUISA.....	20
2 METODOLOGIA	26
3 A PRÁTICA DOCENTE, FORMAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR.....	31
3.1 ESTADO DA ARTE.....	31
3.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TECNOLOGIAS.....	33
3.3 TECNOLOGIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM TEMPOS DE COVID-19.....	40
3.4 CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR.....	52
4 AS CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA COVID-19 NO ESTADO DO PARANÁ.....	54
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	58
4.2 CONDIÇÕES DE FORMAÇÃO EM TECNOLOGIA.....	62
4.3 CONDIÇÕES DE TRABALHO.....	66
4.4 CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS PROFESSORES NA PANDEMIA.....	70
4.5 ATUAÇÃO DOCENTE NO PERÍODO REMOTO.....	72
4.6 APOIO PARA ATUAÇÃO DOCENTE NO PERÍODO REMOTO.....	84
4.7 A PRÁTICA PÓS PANDEMIA.....	86
5 JORNADAS FORMATIVAS - DEMANDAS EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA: DE PROFESSOR PARA PROFESSOR – PRODUTO DESTA DISSERTAÇÃO.....	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	99
APÊNDICE A – Questionário aplicado aos professores.....	107
APÊNDICE B – Respostas das perguntas de respostas curtas	125
APÊNDICE C – Parecer do comitê de ética.....	183

1 INTRODUÇÃO

Inserido no chão da escola desde o início da década de noventa e sempre guiado por posicionamentos que garantissem uma escola de qualidade para os filhos da classe trabalhadora é que pautei minhas ações e atitudes durante todo esse tempo. Minha história de vida foi marcada, desde muito novo, pelo trabalho. Para mim isso se deu antes mesmo dos meus dez anos de idade, e lembro-me bem que, ainda menino, sempre tive lado e postura, sabia o que queria e me posicionava em defesa do que entendia como correto. Isso me levou a experimentar momentos importantes de formação e liderança, passando por grêmios estudantis, liderança de grupos de jovens católicos, organizador de grupos esportivos independentes, centro acadêmico na universidade.

Na juventude, fui envolvido com a política partidária, quando ainda acreditava que por esse viés conseguiríamos resolver as questões que muito me afligiam, o que durou pouco, quando entendi como ali as coisas funcionavam. Mesmo envolvido naquele momento com trabalhos administrativos burocráticos em um cartório, pela minha história e vivência ativa, acabei optando pelo curso de educação física que realizei na Universidade Estadual de Londrina. Isso exigiu viagens diárias da minha cidade (a pequena Porecatu) até Londrina, que me consumiram três horas por dia de estrada durante cinco anos. Ainda na graduação, já comecei a dar aulas em escolas da educação básica, atividade que desenvolvo até hoje.

Com a formação em licenciatura plena, tive a oportunidade de desenvolver minhas atividades profissionais nesse período em outros espaços que não a escola, mas mantive sempre um vínculo de trabalho na escola, minha grande paixão. Com a perspectiva de ser um agente de mudanças das condições de vida e de trabalho, não concordando com encaminhamentos dados pela direção de uma escola que trabalhei, e entendendo que poderia contribuir naquela função, foi que me coloquei para dirigir a escola. Participei do processo de escolha, fui eleito e reeleito, ficando por dez anos na direção da escola, e retornando em 2016 para a sala de aula.

Por conta das participações ativas nos movimentos em defesa da escola e de melhores condições de trabalho, os meus caminhos se cruzaram também com o meio sindical. Tive a rica experiência em ser diretor do Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba (SISMMAC) por seis anos, ajudando a organizar efetivamente as lutas de uma categoria, momento esse que definitivamente

confirmaram meus posicionamentos e cunharam minha história de maneira bastante profunda, referendando as minhas escolhas na vida. Investi boa parte do meu tempo no trabalho prático, que garantia o meu sustento e na organização das lutas, defesa do que me faz acreditar que a vida pode ser melhor para todos.

Com a carga horária de trabalho bastante elevada, a questão da continuidade dos estudos foi ficando para trás, mas sempre com uma inquietação de que em algum momento da vida isso seria possível. Recentemente tive a oportunidade de realizar uma segunda licenciatura, em Pedagogia, a qual, de forma bastante consistente me trouxe reflexões, porém referendou meus entendimentos acerca da escola.

Agora, depois de mais de vinte e cinco anos de trabalho, com experiências em todos os níveis de ensino (da educação infantil ao ensino superior), gestão e sindicato, aliados a uma história que tende a ajudar a compreender melhor o funcionamento de nossa sociedade e as relações que o trabalho nos coloca, decidi realizar reflexões na academia, cursando o mestrado. Com esse desenho da vida, e com o acúmulo de minha história, entendi que seria oportuno discutir práticas de trabalho e sua relação com o processo de formação.

Diante do momento novo que vivemos e percebendo as angústias dos colegas professores¹, defini trazer para a discussão como problema do estudo o levantamento das ações práticas dos professores na realização das aulas online na situação de pandemia sobre a perspectiva da utilização das ferramentas digitais. Debrucei-me sobre o tema e espero compreender, na perspectiva de um professor, e no olhar sobre as ações e práticas dessa categoria num momento tão complexo e novo, buscando saber de que maneira essa categoria tem conseguido responder a demanda que está colocada. As respostas se expressam de modo diversificado, esse é um pressuposto que as experiências vividas me indicam. Numa segunda vertente busco examinar em que e como o processo de formação pode contribuir no desenvolvimento profissional desses professores, e quais as condições e o acúmulo que esses professores têm sobre o tema. Por conta disso, convido você para seguir sua leitura e pensar comigo sobre o papel que é ser professor nessa sociedade, seus desafios e suas possibilidades de se reinventar a cada momento.

¹ Mesmo sabendo que a maioria do professorado está representada por mulheres, para facilitar a leitura e evitar a repetição constante do termo "professores/as", utilizo-me do masculino genérico para fazer referência ao grupo de docentes entrevistados.

1.1 DA PROBLEMATIZAÇÃO À DEFINIÇÃO DA PESQUISA

A partir de 2020, o mundo vive uma situação inusitada, alterando a rotina, os costumes e as práticas diárias nos diversos segmentos da sociedade por conta da pandemia do COVID-19. A pandemia trouxe alterações para a vida em todas as dimensões: sociais, econômicas, de saúde, trabalho e de educação. Os sistemas de ensino se viram diante de um quadro de impossibilidade de continuidade das aulas presenciais e, assim, com a necessidade de discutir a forma de suprir demandas para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, permitindo o atendimento dos alunos. Visualiza-se, então, a necessidade de encaminhamentos emergenciais. Nesse sentido, foi aprovado em 28 de abril de 2020 um parecer do Conselho Nacional de Educação sobre reorganização do calendário escolar e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual. Nesse parecer, é reconhecido que em mais de 150 países, milhões de estudantes ficaram sem aulas, total ou parcialmente, com o fechamento das escolas e universidades. No seu teor, elenca que as dificuldades educacionais, dadas a extensão e intensidade da contaminação pela COVID-19, assim indicados:

- dificuldade para reposição de forma presencial da integralidade das aulas suspensas ao final do período de emergência, com o comprometimento ainda do calendário escolar de 2021 e, eventualmente, também de 2022;
- retrocessos do processo educacional e da aprendizagem aos estudantes submetidos a longo período sem atividades educacionais regulares, tendo em vista a indefinição do tempo de isolamento;
- danos estruturais e sociais para estudantes e famílias de baixa renda, como stress familiar e aumento da violência doméstica para as famílias, de modo geral; e
- abandono e aumento da evasão escolar (BRASIL, 2020)

Especificamente, a rede pública de ensino estadual do Paraná tomou a decisão de que os estudantes assistissem às aulas por meio de um aplicativo e em canais abertos de TV vinculados à RIC, afiliada da Rede Record no Paraná, ou ainda pelo *Youtube*.

No estado do Paraná o Decreto nº 4.230/2020 estabeleceu situação de emergência na saúde, e nele foram definidas as atividades consideradas essenciais para a manutenção da vida humana, possibilitando que alguns estabelecimentos permanecessem abertos durante o período da pandemia. Nesse mesmo decreto, ficou

definido que as escolas antecipariam o recesso previsto para julho de 2020², e o realizariam nas duas últimas semanas do mês de março. Depois desse período de recesso, iniciaram-se as atividades de ensino remoto. No curto período de duas semanas do recesso escolar antecipado, a Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Estado do Paraná (SEED-PR) desenvolveu seu programa de “ensino a distância”, denominado “Aula Paraná”, proposta trazida com atividades educacionais visando o não cancelamento do ano letivo.

O encaminhamento definido pelo órgão é de que os estudantes assistiriam às aulas por meio de um aplicativo e em canais abertos de TV ou ainda pelo *Youtube*. Segundo depoimento de professores, foram realizadas pelas escolas as mais diversas formas de proporcionar o acesso às atividades aos alunos.

A regulamentação das atividades escolares foi pautada, inicialmente, na Deliberação nº 01/2020 do Conselho Estadual de Educação (CEE/CP), aprovada em 31 de março de 2020, que instituiu o regime especial para o desenvolvimento das atividades escolares no âmbito do Sistema Estadual de Ensino do Paraná, e posteriormente na Deliberação nº 02/2020 do CEE/CP, aprovada em 04 de maio de 2020. Nessas Deliberações, o Conselho definiu que “fica autorizada às instituições de ensino credenciadas e com cursos e modalidades já autorizados e/ou reconhecidos de Educação Básica e Educação Superior à oferta de atividades não presenciais” (PARANÁ, 2020). De acordo com a Deliberação, também, as escolas e estabelecimentos credenciados devem seguir medidas sanitárias e de higiene recomendadas pelos órgãos de saúde para o desenvolvimento de suas atividades. A regulação fundamental destas deliberações reconhece a possibilidade de reordenamento do calendário escolar e do cumprimento dos dias e horas letivas de forma não presencial.

O contexto da pandemia é composto por dificuldades eminentes para toda a sociedade. Os reflexos da pandemia estão sendo percebidos em todos os segmentos. Indicativos apresentam uma crise econômica de elevada proporção durante a pandemia podendo se estender no período pós pandêmico. Por conta disso, pesquisadores têm trazido discussões sobre as condições da vida, e as dificuldades

² Resolução de alteração de calendário N.º 1.249/2020 – GS/SEED, disponível em http://www.gncpedroaraujo.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/29/860/334/arquivos/File/RES_1249_2020_GS_SEED_calendario_2020_adequado.pdf

para a população nesse período da pandemia, e apresentando algumas possíveis consequências para o pós-pandemia³. Boaventura Santos (2020, p.15) aponta que “qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população”.

O autor discorre sobre os grupos em que a quarentena atinge particularmente de modo mais intenso por viveram em situação de vulnerabilidade já antes da pandemia e que deve se intensificar com ela. Apontando nesse grupo as mulheres, os trabalhadores precários, informais, ditos autônomos, os trabalhadores de rua, populações de rua, os moradores nas comunidades pobres das cidades, favelas, os deficientes, os idosos. Grupos com características bem específicas que demandam um olhar diferenciado do governo, e que já vivem à margem das políticas públicas disponibilizadas. E segue dizendo que as pandemias não matam tão indiscriminadamente como se julga:

Grande parte da população do mundo não está em condições de seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde para nos defendermos do vírus porque vive em espaços exíguos ou altamente poluídos, porque são obrigados a trabalhar em condições de risco para alimentar as famílias, porque estão presos em prisões ou em campos de internamento, porque não têm sabão ou água potável, ou a pouca água disponível é para beber e cozinhar, etc. (BOAVENTURA SANTOS, 2020, p.23).

O modelo neoliberal crescente e controlado pelo capital financeiro global, de acordo com Boaventura Santos (2020), é formado por áreas de investimento privado que devem ser geridas de modo a gerar o máximo lucro para os investidores, colocando a margem os modelos de prestação dos serviços públicos à população. Passar por uma crise de saúde sem precedentes, que tem resultado em muitas mortes, desemprego, fome e diminuição da renda média da população, dentro desse modelo, é devastador.

E sendo assim, Boaventura Santos (2020, p.24) afirma que “chegamos aos nossos dias com os Estados sem capacidade efectiva para responderem eficazmente à crise humanitária que se abateu sob os seus cidadãos”. E antecipando o futuro vindouro em relação a retomada da normalidade o autor aponta:

³ Além dos efeitos da pandemia, muitas adaptações e novas formas de ordenamento social e do trabalho tem sido proposta buscando meios de organizar e realizar o trabalho.

No actual momento de choque, as instituições financeiras internacionais (FMI), os bancos centrais e o Banco Central Europeu incitam os países a endividarem-se mais do que já estão para fazer face aos gastos de emergência, ainda que lhes permita alargar os prazos de pagamento. O futuro proposto por estas instituições só escapará aos mais distraídos: a pós-crise será dominada por mais políticas de austeridade e maior degradação dos serviços públicos onde isso ainda for possível (BOAVENTURA SANTOS, 2020, p. 25).

No cenário que está sendo construído, desenha-se para o período pós-pandemia uma conjuntura de tempos mais difíceis, principalmente para os menos abastados que dependem das estruturas governamentais para o atendimento de saúde, educação, assistência social e outros. Tema que já vem sendo apontando por estudiosos na área no que se refere inclusive ao financiamento do sistema educacional e a possível diminuição das receitas para a educação básica em virtude dos efeitos econômicos adversos da pandemia da COVID-19.

Diante da previsível diminuição de recursos, são propostas medidas urgentes para atenuar o aprofundamento das desigualdades na educação, as quais convergem para a transferência de recursos da União aos governos subnacionais. Finalmente ressalta-se o papel virtuoso do investimento na educação, dada a capilaridade desta e o seu caráter intensivo em pessoal (ALVES et al, 2020, p.979).

No cenário educacional, alguns pesquisadores começam a lançar as primeiras impressões e alguns dados sobre a dinâmica educacional no período da pandemia, apontando um aprofundamento nas discussões e mudanças necessárias para a escola num futuro próximo. António Nóvoa (BAHIA, 2020) relata que a transição digital, pelos mais diversos meios, irá acontecer mais rápido do que imaginamos, mudando assim a escola, quando será preciso modificar os ambientes, e para o qual devemos nos reinventar enquanto educadores no pós-crise, mudanças na forma de ensinar já se mostravam necessárias há bastante tempo. Para ele, os métodos de ensino que envolvem trocas de experiências, construção coletiva e busca de modelos diferenciados, que agreguem a tecnologia, no entanto, foram acelerados e ampliados pela pandemia da COVID-19. Os professores, segundo ele, devem estar abertos às mudanças e disponíveis para incorporar, permanentemente, na escola as novidades deste momento. Os espaços comunitários virtuais mostram-se tão importantes quanto o modelo físico conhecido da escola.

Já Luiz Carlos de Freitas (APPTV AO VIVO, 2020) alerta que este contexto tomou de surpresa os sistemas educacionais e as soluções colocadas têm sido

improvisadas. Mas não basta criticar as soluções, é preciso propor alternativas que valorizem mais a comunidade escolar e menos as questões burocráticas.

É nesse contexto que essa pesquisa se situa, focalizando a prática docente de professores da educação básica considerando as condições em que essa prática se efetiva. A prática desses professores envolve a formação para realizar as aulas online; o acesso às ferramentas digitais e a internet tanto de professores como de alunos; o trabalho na preparação das aulas visando a inclusão dos alunos no processo de ensino aprendizagem; o contato com as famílias; a alteração da jornada e do processo de trabalho.

Dessa forma, um conjunto de questões se apresenta: Como os professores dos anos finais do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino do estado do Paraná estão incorporando as ações das aulas online neste momento da pandemia do COVID-19 e de isolamento social? Existe no processo de formação continuada desses professores algum tipo de reflexão e/ou instrumentalização para atuar de forma remota? Quais as condições técnicas e domínio do assunto tem esse professor? Os professores incorporaram a tecnologia digital em suas práticas pedagógicas no decorrer de sua carreira? Quais condições foram disponibilizadas para isso? E se eleger como questão principal: em que condições se efetiva a prática docente neste contexto de realização de aulas não presenciais devido a pandemia do COVID-19?

O **objetivo geral** deste trabalho é compreender as condições que se efetivou a prática docente no contexto de realização de aulas não presenciais nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio na rede pública de ensino do estado do Paraná, devido a pandemia do COVID-19 no ano de 2020.

Como objetivos específicos buscamos:

- a) Identificar a formação dos professores da rede pública de ensino no estado do Paraná para a inserção de tecnologias;
- b) Apontar as situações na utilização das ferramentas disponibilizadas aos professores da rede pública de ensino no estado do Paraná e as condições de acesso;
- c) Discutir o processo da prática pedagógica dos professores no contexto da COVID-19 nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio;

- d) Propor um processo de discussão e formação de professores no que diz respeito ao uso das tecnologias nas séries finais do ensino fundamental e médio nas escolas públicas do Paraná.

Na delimitação do estudo o foco se direciona para o segmento dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio das escolas da rede pública de ensino do estado do Paraná.

Diante da necessidade imediata de alteração nos processos das aulas por conta da pandemia do COVID-19, percebendo as angústias e as discussões entre o professorado para a realização e a incorporação dos novos métodos de ensino, se deu o levantamento e a discussão da temática. O propósito é refletir sobre os possíveis caminhos que busquem minimizar as dificuldades encontradas pelos professores e pensarmos sobre o processo de formação desses trabalhadores. Agora é um bom momento para no *pari passu* acompanhar quais são as mudanças no processo de formação necessárias para dar conta de atender essa emergência que está posta.

A metodologia do estudo de abordagem qualitativa e com base em dados obtidos por questionário, envolveu professores da educação básica do estado do Paraná com dados empíricos e está fundamentada e descrita mais adiante.

Assim esta pesquisa está organizada nos seguintes itens: introdução que apresenta a trajetória de vida e de trabalho do pesquisador, o problema de pesquisa e os objetivos. Em continuidade, a trajetória da metodologia descrevendo e fundamentando os procedimentos de investigação. O terceiro item contém a discussão dos fundamentos e referenciais que subsidiam o estudo, e depois a descrição dos dados e sua discussão cotejando com os referenciais. E na sequência o produto resultante da investigação constituído como roteiro insurgente de práticas docentes e formação para aulas remotas na educação básica e no término desse relatório de pesquisa as considerações finais.

2 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa é de abordagem qualitativa considerando Weller e Pfaff (2010), Gatti e André (2010), Sánchez Gamboa (2012) em que os aportes teóricos metodológicos carecem ser considerados no desenvolvimento do estudo. Nesta perspectiva esclarecem Gatti e André (2010, p. 29) os estudos sobre o humano-social, o humano educacional solicitam “um mergulho em interações situacionais”. Assim, é possível interpretar e compreender aproximando-se do real coerente com as formas humanas de agir, pensar, expressar, etc. Com efeito, para compreender um fenômeno em estudo é preciso ir além da sua manifestação aparente, considerando sua especificidade, as relações e as contradições que o produzem, sempre em movimento e constituídas na prática social conforme Triviños (1987).

Os pressupostos teórico-metodológicos, conforme nos ensina Thompson (apud Sena Júnior, 2004), ainda que no limite da demarcação das questões norteadoras, implicam, primeiro, na compreensão de que a prática não é dirigida pela teoria, mas a teoria vai expressar a ação prática dos sujeitos. Nesse sentido, os conceitos e as interpretações são decorrentes de análises e reinterpretações de fatos e experiências. Por mais abstratos que sejam os procedimentos de sua auto interrogação, esta deve ser remetida a um compromisso com as propriedades determinadas da evidência. Implicam também a provisoriedade do conhecimento, ao afirmar que o conhecimento é sempre provisório, incompleto, seletivo e limitado, pois as questões que o pesquisador faz às evidências interferem nas interpretações decorrentes, as quais expressam em sua base determinados conceitos e não outros. Deste modo, novas perguntas podem ser feitas, novas evidências serão descobertas se outras premissas fundamentarem a investigação.

O campo desta investigação são as práticas de docentes da educação básica pública, especialmente, dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio em tempo de pandemia do COVID-19. Por se tratar de uma pesquisa introdutória e exploratória, utilizamos como instrumento um questionário de perguntas com alternativas de respostas (obrigatórias) e respostas curtas, as quais, os professores tinham a opção de responder ou não. O retorno das questões de respostas curtas é de número menor o total de professores pesquisados, pois era uma questão não obrigatória. Alguns professores responderam uma delas, duas, três e quatro.

Para o envolvimento e a participação dos professores, atendendo as orientações de respeito às normas de ética em pesquisa o questionário observa:

- a) Não é necessário incluir sua identificação preservando o anonimato das respostas;
- b) Ao responder o questionário há concordância que o conteúdo das respostas possa compor os dados da pesquisa;
- c) As respostas ao questionário não geram renumeração pelos dados fornecidos;
- d) As respostas serão mantidas no anonimato e usadas exclusivamente na pesquisa;
- e) Para realização desta pesquisa, sua colaboração é de absoluta importância. Assim expreso meus sinceros agradecimentos;
- f) O preenchimento é muito simples, as questões são claras e utilitárias e o tempo de resposta é muito rápido. A duração média das respostas ao questionário é de 10 e 15 minutos e os dados recolhidos serão mantidos no anonimato e apenas utilizado para o fim exposto.

Anteriormente a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética do Centro Universitário Internacional Uninter e aprovada em 03 de julho de 2020, com o Parecer de número 4.133.063. O parecer do comitê de ética se encontra no apêndice C, deste trabalho.

O questionário foi disponibilizado na plataforma *Google Forms*. Foi respondido por professores que se disponibilizaram a participar da pesquisa. Devido ao universo de investigação e o número elevado de professores a serem contatados, foi feita a opção pelo uso de um serviço online de administração de pesquisas para possibilitar o acesso ao questionário e o acompanhamento das respostas.

A escolha pelo *Google Forms* se deve à facilidade de acesso. Na elaboração do questionário foram observadas as recomendações de elaboração de questões como recomendam Melo e Bianchi (2015): (i) observar dados que favoreçam caracterizar os respondentes como público alvo da investigação; (ii) preservar o anonimato; (iii) considerar o foco das questões atentando o campo de conhecimento em que se situa a investigação; (iv) ressaltar o formato das perguntas; (v) evitar questões longas. Isso exigiu revisões e releituras com a participação da orientadora da pesquisa.

Para examinar e validar a efetividade do instrumento proposto, foi realizado um pré-teste com professores que ao responderem, realizaram uma análise das questões e fizeram uma devolutiva sobre o instrumento. Com essa apreciação foi possível

ajustar o questionário quanto ao tempo necessário para respondê-lo, considerando: a extensão, organização e conteúdo das perguntas cotejando com os objetivos da pesquisa. O questionário preliminar se encontra no apêndice A, deste trabalho.

A pesquisa foi realizada com professores da rede de ensino do estado do Paraná, prioritariamente das escolas públicas, que atuam nos anos finais do ensino fundamental e/ou no ensino médio, sendo eles de contrato efetivo ou temporário, obtendo então 355 retornos. Optamos no decorrer do trabalho em limitar a análise às respostas dos professores que atuam na escola pública, ficando então com 320 professores participantes. O convite se deu por e-mail e *whatsapp*. A inclusão foi feita a partir do núcleo de contatos pessoais e em seguida por indicação de contato, ou seja, um professor indica outro professor de suas relações e que se envolveram com práticas pedagógicas no contexto da COVID-19.

O critério utilizado para delimitar a participação em nossa pesquisa foi: ser professor em efetivo exercício nos anos finais do ensino fundamental e/ou no ensino médio da rede pública de ensino do Paraná. Foram excluídos os professores que não atendiam ao critério mínimo exigido que é ser professor em exercício nos anos finais do ensino fundamental e/ou no ensino médio da rede pública de ensino do Paraná e dos professores respondentes que tinham atuação somente na rede privada. Só após o aceite em participar é que foi encaminhado o questionário de pesquisa. Os respondentes não foram identificados e as questões que gerassem constrangimento poderiam não ser respondidas. Não tivemos previsão de ressarcimento de gastos porque as respostas foram online e contaram com a colaboração voluntária dos participantes. Quanto ao possível risco de constrangimento dos participantes ao responder alguma questão estão, por exemplo, aquela em que o participante assinala a alternativa de não possuir formação adequada.

Para análise das respostas o agrupamento realizado pela própria plataforma *Google Forms* foi considerado, acompanhado da respectiva descrição. Em seguida, as respostas foram cotejadas com os autores que fundamentam a pesquisa estabelecendo a discussão dos resultados. Na compreensão dos dados obtidos a análise do conteúdo foi fundamental. Nesta perspectiva Bardin (2010) recomenda examinar o conteúdo como uma técnica de pesquisa com características específicas e metodológicas que favorecem objetividade, sistematização das respostas dos participantes e inferências. Para Bardin (2010, p. 42), as técnicas de análise das comunicações ao serem desenvolvidas por procedimentos sistemáticos e descritos

permite absorver o conteúdo das mensagens estabelecendo indicadores. Essa descrição sucinta e organizada autoriza deduzir os conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens. É por meio da inferência, destacando as tendências e subjetividades das respostas obtidas pelo questionário, que se efetiva a análise dos dados.

Com efeito, um conjunto de leituras dos dados em níveis da primeira leitura até a última leitura, feitas em tempos sucessivos, destacando as respostas, partindo da leitura flutuante, segue a releitura compreensiva, a leitura de sistematização destacando as respostas. Isso permite separar em grupos, a fim de organizar os níveis de respostas obtidos para categorizar. Nesse processo novamente foram trilhadas as etapas de Bardin (2010), para o processo da análise de dados: a descrição analítica, a interpretação referencial dos dados e a pré-análise, realizada pela organização das respostas e pela leitura flutuante, que possibilita ao pesquisador elaborar hipóteses que o ajudam interpretação dos dados. São atributos de análise, que Bardin (2010) define como objeto, processos e propriedade. Os objetos se originam do contexto social, que elencam os sujeitos e seus papéis, permeados pela cultura e práticas. Nos processos, são destacados os aspectos psicológicos e comportamentais, relacionados às emoções, pensamentos e ações. E, por fim, a propriedade que abrange referências temporais, espaciais, quantitativa e qualitativa.

Na continuidade, a análise dos dados se realiza por meio dos procedimentos de codificação, classificação e categorização, que faz uma leitura sobre os elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e depois por reagrupamento. Ao efetivar a interpretação desses dados, o pesquisador encontra os elementos básicos dos resultados que é revelado na escrita dos investigados. Ao trabalhar com as respostas, diversas vezes os dados foram definidores das categorias, permitindo a validação dos conteúdos em jogo modo transparente e fidedigno procurando expressar as condições em que se efetiva a prática docente neste tempo e contexto da epidemia COVID-19.

Deste modo, é possível estabelecer a primeira triangulação de análise dos dados obtidos na pesquisa, quando o cotejamento se expressa pela leitura exaustiva, organização, sistematização, categorização para se obter as inferências interpretativas (TRIVINÓS, 1987).

Uma segunda triangulação entre os dados se faz pelo cotejamento com os documentos que orientam as práticas dos docentes e que são emanados dos órgãos

reguladores: conselhos de educação, nacional e estadual; secretaria estadual de educação e pelo conselho e gestores escolares, pois, segundo Triviños (1987, p. 138), esses confrontos “têm por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo”.

Uma terceira triangulação de natureza mais interpretativa de nível teórico se realiza ao cotejar a sistematização e categorização dos dados com referenciais que sustentam a fundamentação da pesquisa, aqui a "triangulação da teoria". Como recomenda Triviños (1987, p. 170), a “coerência, a consistência, a originalidade e a objetivação (não objetividade), por um lado, constituindo os aspectos do critério interno da verdade, e, por outro, a intersubjetividade, o critério externo” o que contribuiu para o rigor da análise e confiabilidade das interpretações realizadas. Assim, no limite das reflexões e interpretações possíveis os dados “conversaram” com a teoria. Nesse processo se insere o pesquisador procurando manter o entendimento de modo científico, mas sem ignorar a subjetividade constituída pela experiência como ressalta Bardin (2010) ao se referir ao rigor da objetividade, da cientificidade e a riqueza da subjetividade. Com efeito, o propósito da pesquisa é ultrapassar o senso comum, mas não manter a rigidez que descarta e anula o investigador.

3 A PRÁTICA DOCENTE, FORMAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR

A pesquisa focaliza a prática docente dos professores da educação básica, anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Para isso examina a formação do professor e as condições de trabalho para poder compreender o contexto da implementação das aulas remotas em função da pandemia nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio na rede pública de ensino do estado do Paraná. Assim, foi realizado um estado da arte em torno de publicações que tivessem esse foco de estudo.

Em seguida foram examinadas as implicações e relações entre formação, tecnologias e prática docente e as condições de trabalho. Essa organização atende exclusivamente o caráter didático de composição do texto, pois o entendimento é de que estes itens estabelecem uma relação intrínseca, ou seja, no atual contexto para a exercer a profissão de professor é necessária uma formação densa de nível superior na qual se insere as tecnologias como possibilidade de melhoria da prática educativa, mas essa prática se estabelece de modo adequado se existirem condições de trabalho e apoio aos docentes.

3.1 ESTADO DA ARTE

Abordamos aqui um tema emergente quando nos referimos ao período da pandemia da COVID-19. O propósito é compreender o contexto da implementação das aulas remotas em função da pandemia nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio na rede pública de ensino do estado do Paraná, e as condições em que ela se efetiva, considerando o processo de formação dos professores, bem como o acesso às tecnologias digitais e informacionais.

A temática educação e COVID-19 é extremamente nova e não encontramos no banco de teses e dissertações da CAPES nenhuma produção por “educação e COVID”. Buscando também nos periódicos da CAPES não foi encontrado nenhum artigo com essa referência, quando realizado este levantamento em julho de 2020. Entendendo que essa discussão da utilização das tecnologias digitais passa pelo processo de formação, decidimos então buscar no banco de teses e dissertações da CAPES trabalhos que abordassem a temática da formação dos professores.

Utilizamos então, na busca, “formação de professores em tecnologias digitais na educação básica”, e não encontramos nenhum trabalho, nem no banco de teses e dissertações, e nem no banco de periódicos. Partimos então, novamente no banco de teses e dissertações, para a busca por “formação de professores em tecnologias digitais” e foram encontrados três trabalhos:

QUADRO 1 – TRABALHOS SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TECNOLOGIAS DIGITAIS.

Título	Autor	Resumo
Formação de professores em tecnologias digitais em diálogo com as políticas públicas no estado do Paraná	Ana Maria Marques Palagi	O resultado da pesquisa aponta que as políticas públicas federais, de formação continuada dialogam em suas propostas e implementações, havendo uma correspondência muito estreita em todas as ações, com a políticas públicas da rede estadual do Paraná. A pesquisa mostrou, também, que as ofertas de formação continuada em tecnologias digitais, pela rede estadual do Paraná, têm como predominância cursos e oficinas, e que seus objetivos estão predominantemente em instrumentalização, visando ao aspecto profissional na perspectiva do “uso de” determinadas tecnologias digitais.
Formação de professores em tecnologias digitais: contribuições para a prática pedagógica	Elis Teresinha Basílio Gurjão	A demanda por transformações são crescentes (sic), entretanto, como observamos neste estudo, muitas das iniciativas são descontinuadas e acabam por não entrelaçar a prática do professor com os processos formativos dos alunos, os distanciando quando o assunto é tecnologias em sala de aula. O que foi observado é que para a efetivação do uso de tecnologias em sala de aula é igualmente necessário que

		seja reconhecida a autonomia nos processos de escolarização autorizando o sujeito do conhecimento como partícipe de suas aprendizagens.
Avaliando uma proposta de formação de professores em tecnologias digitais na rede municipal de educação de Niterói	Carla Sena dos Santos Pinto	A partir das conversas, foi possível constatar os limites e os avanços na formação de professores em tecnologias digitais na Rede Municipal de Educação de Niterói, o que contribuiu para o desenvolvimento da política pública de formação na Assessoria de Mídias e Novas Tecnologias.

A discussão e os resultados apontados nos trabalhos acima nos deram subsídios para as nossas reflexões durante a pesquisa.

3.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TECNOLOGIAS

A formação de professores é um tema recorrente nas discussões no meio educacional, sejam eles teóricos ou práticos. As mantenedoras estabelecem programas próprios ou vinculados às instituições de educação superior para atender o professorado com a formação continuada. Trazemos para o centro da discussão o processo de formação desses professores, tanto inicial quanto continuada. Procuramos levantar se existe no processo de formação inicial e continuada desses professores algum tipo de reflexão e/ou instrumentalização que atenda à demanda da utilização das ferramentas digitais no sistema educacional. Quais as condições técnicas e domínio no manuseio dessas tecnologias digitais tem esse professor? Os professores incorporaram a tecnologia digital em suas práticas pedagógicas no decorrer de sua trajetória de trabalho docente? Quais condições foram disponibilizadas pelas mantenedoras para que os professores pudessem desenvolver aulas à distância?

Com a pandemia do COVID-19, as mantenedoras das redes de ensino foram forçadas a responder de forma imediata para a sociedade, no sentido da manutenção das atividades de ensino. A linha geral dessas respostas foi centrada na utilização das

tecnologias digitais. Desta forma, vieram à tona tanto a discussão sobre a utilização das tecnologias digitais na prática pedagógica, quanto o acesso e a condição das crianças e adolescentes na utilização dessas tecnologias. Essa segunda dimensão é muito importante, porém não será objeto desse estudo. Nosso estudo foca-se no primeiro desses problemas, a prática pedagógica, ou seja, a prática e a resposta dos professores nesse período da pandemia.

Investigamos aqui os professores que trabalham nos anos finais do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino do estado do Paraná, pesquisando como estão incorporando as ações das aulas online neste momento de pandemia do COVID-19 e de isolamento social. O ponto de partida da análise de informações focaliza a formação inicial e principalmente no processo de formação continuada dos professores em relação às tecnologias digitais e como tem sido a utilização dessas ferramentas, agora colocadas de forma emergencial pela mantenedora.

A educação é um assunto do qual todas as pessoas se colocam como conhecedoras e no direito de opinar, desde políticos em período eleitoral aos leigos de diversas outras áreas ditando receitas, regras e propondo soluções aos problemas apresentados no sistema educacional geral, **pois a educação é uma prática social que envolve a sociedade em sua totalidade**. Isso significa que todos, em algum momento da vida, se inseriram no universo educacional, nem que apenas como estudantes. Nós, os profissionais e estudiosos da área, sentimos no chão da escola e na prática cotidiana as dificuldades e limitações que enfrentamos na tentativa de promover o processo de ensino-aprendizagem e melhorar a qualidade do que nos propomos a fazer de modo a fomentar uma educação emancipadora. Para o alcance dessa educação é fundamental que os professores possam ser formados adequadamente. E para pensarmos a formação do professor trazemos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.394/1996 que diz:

Art. 62. A formação dos docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (redação dada pela lei 13.415, de 2017)

§ 1º A união, o distrito federal, os estados e os municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais do magistério. (parágrafo incluído pela lei 12.056, de 2009).

§ 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância (BRASIL, 1996)

A legislação é que dá a sustentação legal para as políticas de implementação do processo de formação do professor no Brasil, assim são apontados aqui os principais marcos legais que além da LBD, a resolução 02/2015 do Conselho Nacional de Educação – CNE, substituída então pela resolução 02/2019 do CNE, e o Parecer CNE/CP Nº 14/2020.

O termo formação é empregado nas diferentes esferas da sociedade, desde as áreas administrativas, industriais, da saúde, política e educação. Entendemos a formação como um processo de melhorias contínuas no preparo e desenvolvimento profissional dos indivíduos. Assim se realiza de modo permanente promovido por constantes retomadas, com utilização de novas técnicas, incentivos e motivação para melhoria dos processos de ensino, considerando a organização do tempo, buscando qualidade para promover melhores resultados. Marcelo (1999, p.11) já apontava que “todos exigimos e reconhecemos a necessidade de formação, sobretudo num mundo em que a informação nos chega cada vez com mais facilidade e, portanto, nos faz ver o quanto desconhecemos e deveríamos ou gostaríamos de saber”.

A formação é trazida como uma necessidade de aprimoramento da prática pedagógica para acompanhar as demandas que nos são apresentadas. Segundo Marcelo (1999, p.11) são três os fatores que influenciam e decidem a importância da formação na sociedade atual: “o impacto da sociedade da informação, o impacto do mundo científico e tecnológico e a internacionalização da economia”. Os fatores apontados por Marcelo (1999) perpassam por todas as estruturas organizacionais de nossa sociedade, sejam elas públicas ou privadas. É possível acreditar que nem um segmento conseguiria ficar fora desses processos formativos com seus trabalhadores mantendo a qualidade dos serviços e ou melhorias nos produtos realizados.

Essa discussão na área educacional na formação de professores vem ganhando espaço e é assunto garantido em todo e qualquer lugar que se converse sobre políticas educacionais. É uma demanda que se apresenta com uma necessidade eminente de se avançar, quer seja ela no processo inicial ou continuado de formação do professorado. A necessidade está colocada para que se faça levantamentos de dados e pesquisas relativas ao tema, para que se possa atribuir processos e encaminhamentos que melhorem as políticas públicas, a qualidade das práticas pedagógicas e as condições do aprendizado do alunado. Não à toa as pesquisas que abordam o tema são bastante numerosas. Um estudo realizado por

Romanowski e Cartaxo (2017, p.1) apresenta dados analisados no período 1987 a 2017:

Para este estudo foram consultadas as bases de dados brasileiras (Catálogo de Teses e Dissertações/Capes e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações) e utilizado o descritor 'formação de professores', o filtro 'teses e dissertações, área – educação'. No período analisado 1987 a 2017 foram localizadas 6.851 pesquisas em um universo de 68.683 teses e dissertações da área da educação.

Apesar da quantidade de produção científica na área de educação e formação de professores, Gatti (2014, p.34) afirma que “ainda resta sem resposta uma clara política integrada na direção dos cursos iniciais de formação de professores”. Apontando as dificuldades apresentadas pelos cursos de licenciatura, mostrando uma preocupação eminente com o fato qualidade:

O que se verifica é que não adianta apenas visar à quantidade, mas é necessário igualmente considerar a qualidade de oferta, em várias dimensões, entre elas o currículo ofertado e as condições de assistência e permanência nos cursos oferecidos (GATTI, 2014, p.34).

O sistema educacional brasileiro historicamente passou por várias modificações. Lentamente a população transpôs o analfabetismo, chegando ao século XXI com as matrículas na educação básica ultrapassando 90% das crianças do país. Foi ampliado o número de anos em que os alunos devem permanecer nos bancos escolares: o ensino fundamental passou a ter nove anos de duração, cursado do 5 aos 14 anos de idade. Diante de toda a discussão dessa estrutura é fundamental que se faça uma reflexão sobre os processos de formação dos professores brasileiros para que então possamos entender quem são e como desenvolvem suas atividades profissionais. A isso se somam as necessidades da sociedade na atualidade, pois exigem que as organizações invistam em formação dos professores, para que se consiga dar as respostas mais apropriadas para cada situação que se apresenta no contexto educacional.

Entre os aspectos a serem considerados se situa a concepção de formação de professores. Com efeito, segundo Marcelo (1999, p.12) a concepção está alicerçada nos seguintes princípios:

entender a formação de professores como um contínuo; o princípio de integração de práticas escolares, curriculares e de ensino; a necessidade de ligar a formação inicial com o desenvolvimento profissional; integração teórico-prática; isomorfismo; individualização etc.

Os pilares apontados por Marcelo (1999) desenham um esquema de formação dos professores que vai desde à vinculação da formação inicial até as práticas profissionais desenvolvidas em sala de aula, nas quais se abre uma discussão necessária sobre a aproximação da universidade com a escola, com o intuito de relacionar o discurso com as práticas, contribuindo mutuamente na interação dos processos de formação e atuação profissional e na interação universidade e escola. As demandas da prática pedagógica na atualidade abrangem o desenvolvimento de propostas de ensino aprendizagem que possibilitam proporcionar aos alunos mais aprendizagem. Dessa forma, a inserção das tecnologias pode se constituir uma melhoria das aulas: aulas motivadoras, atrativas e que considerem a diversidade cultural e social dos alunos, bem como a diversidade de estilos de aprender e interagir com o conhecimento.

Nessa pesquisa, que focaliza as práticas pedagógicas desenvolvidas e utilizadas pelos professores no período de pandemia do COVID-19, torna-se fundamental realizar uma discussão do processo de formação continuada do professor, haja vista uma relação direta nesse momento de pandemia com a utilização de ferramentas digitais e metodologias diferenciadas para o processo de ensinar, o que obrigatoriamente envolve o processo de formação dos professores. Vale ressaltar que o processo de formação precisa ser pensado a partir do contexto do professor em suas práticas cotidianas, conforme ressalta Vosgerau, Brito, Camas (2016) apontando que um processo de integração das tecnologias digitais na ação pedagógica deveria corresponder à existência de modelos pedagógicos e de currículos que dessem significado educativo ao uso das tecnologias educacionais em sala de aula e para além dela.

A abordagem tradicional de ensino, utilizado ainda por muitas escolas, reforça o desinteresse que o aluno tem na realização das atividades escolares. Para além das escolas fomentarem condições para a efetivação de práticas diferenciadas de aprendizado via tecnologia, aos professores das disciplinas, se impõe o desafio de atualização de modo a conhecer o que existe de possibilidades para desenvolver uma prática pedagógica mais inclusiva. As demandas da prática pedagógica na atualidade abrangem o desenvolvimento de propostas de ensino aprendizagem que possibilitam proporcionar aos alunos mais aprendizagem. Dessa forma, a inserção das tecnologias pode se constituir uma melhoria das aulas: aulas motivadoras, atrativas e que

considerem a diversidade cultural e social dos alunos, bem como a diversidade de estilos de aprender e interagir com o conhecimento.

Com efeito, em uma sociedade digital, o maior investimento deveria ser na conexão de qualidade para todos, com baixos preços e disponível em todas as escolas conforme apontado por Vosgerau, Brito, Camas (2016). Nesse sentido, a formação continuada de professores ocupa uma discussão intensa por se constituir em uma possibilidade de realização das mudanças nas práticas educativas, prioritariamente nesse período de pandemia. Há demandas da educação básica a serem consideradas nesse processo como a diversidade e a diferença, a inclusão, as novas formas de ensinar, as tecnologias educacionais, os processos de avaliação como indicam Romanowski, Martins e Saheb (2019).

Entendemos que o professor é preparado e capacitado para desenvolver as suas funções profissionais pelo processo de formação inicial, período que desenvolve sua graduação, garantindo os conhecimentos necessários através das disciplinas que compõe o currículo e as práticas obrigatórias que se dão através dos estágios supervisionados. No entanto, em publicação de estudos realizada por Gatti (2014), os dados demonstram insuficiência em vários aspectos no processo de formação inicial do professor. O processo de formação se mantém desconectado, seguindo pela característica de quantidade e não da qualidade, insuficiência dos currículos para atender as demandas necessárias, a pouca aplicabilidade prática relacionada às vivências, até a carga horária dos estágios obrigatórios.

De modo geral, observa-se nas ementas dos currículos das licenciaturas, em seu conjunto, que os fundamentos da educação e as questões das redes educacionais são tratados com superficialidade excessiva, passando ao largo da possibilidade de oferecer uma formação mais sólida (GATTI, 2014, p.39).

A autora aponta também preocupação com um crescimento exponencial nos últimos anos da quantidade de vagas abertas na modalidade a distância e de Instituições de Ensino Superior que migraram seus cursos de licenciatura no modelo presencial já existentes, para o ensino à distância (GATTI, 2014). Os dados têm demonstrado uma inversão dos números de alunos matriculados na modalidade presencial e EaD. O que Gatti (2014) aponta em relação ao tema é que, diferente de outros países que já utilizam essa modalidade de ensino há muito tempo, no Brasil o processo de formação superior na modalidade à distância é algo recente, com estruturas, condições físicas, materiais, e pedagógicas insuficientes, o que gera

preocupações segundo a autora, inclusive com a formação dos professores para atuar com essa modalidade de ensino.

Em estudo realizado por Vosgerau, Brito, Camas (2016, p.107), e apontado no texto do Plano Nacional de Educação 2014-2016, sobre tecnologias educacionais e formação de professores, as autoras destacam que

houve um avanço em relação a documentos anteriores na preocupação com as tecnologias educacionais, mas ainda há muito a ser feito nos planos estaduais e municipais para que a formação do professor de fato ocorra e para que ele não seja um mero utilizador de tecnologias para ensinar e, sim, um mediador do processo de construção da aprendizagem, que utiliza a tecnologia como um catalisador.

Nos cursos de formação disponibilizados ao professorado segundo Vosgerau, Brito, Camas (2016, p.107),

não se pensa em formar o professor para que ele assuma o papel reflexivo e de empoderamento do uso das tecnologias, de forma metodológica, com a finalidade de trazer inovações para suas aulas, deixando de ser um mero espectador e usuário acrítico de tecnologias, para refletir sobre sua ação, realizando um diálogo com a situação concreta de utilizar as TICs, na descoberta de novos modos de ser e de agir.

Entendendo a formação como um processo contínuo e considerando as mudanças e inovações durante o desenvolvimento profissional, é de fundamental importância que se traga para o centro das discussões o papel relevante da formação continuada dos professores. Para Boeno (2013, p. 37),

a formação continuada de professores esteve sempre atrelada à atualização dos conhecimentos científicos, para que os currículos fossem adequados corretamente e repassados aos alunos. Simultaneamente a estas atualizações de nível conteudista, a formação continuada também tem atendido, ao longo da história, aos interesses políticos, econômicos e ideológicos dos governos municipais, estaduais e federais, empresários e mercado global, conforme a influência de cada grupo nos sistemas de ensino.

Na mesma direção, Almeida (2001) explicita o processo de formação continuada do professor:

Para dar conta do tamanho do desafio é preciso entender que o professor está sempre em processo de formação, quer seja quando está estudando, preparando suas atividades, refletindo sobre os desafios da prática, se relacionando com os alunos ou colegas. Entender dessa maneira a formação do professor requer pensá-lo em suas dimensões coletiva, profissional e organizacional, contribuindo para a sua emancipação profissional e para a autonomia na produção de seus saberes. Significa também reconhecer que o processo de aprender a ensinar se prolonga durante toda a carreira docente (ALMEIDA, 2001, p. 5).

A formação continuada constitui um dos elementos de desenvolvimento profissional dos professores, pois contempla a formação inicial e constitui condição de acesso para níveis mais elevados na carreira docente e entre as condições de profissionalização está uma sólida formação aliada à conquista da autonomia individual e coletiva.

3.3 TECNOLOGIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM TEMPOS DE COVID-19

A tecnologia está presente desde o início da humanidade. As demandas da sociedade de cada tempo foram exigindo mudanças, alterações e avanços nos processos de trabalho de todas as áreas, sejam elas na agricultura, saúde, indústria e no meio educacional. Ferramentas, sistemas e métodos foram se alterando com o intuito de melhorar, facilitar e otimizar os processos, produtos e serviços. Costa (2017, p.17) aponta o termo tecnologia “como a extensão da ação humana, da sua evolução, em que o homem facilita e amplia o seu fazer para além do seu corpo, melhorando sua qualidade de vida”. Já Brito (2006, p. 8) fala que tecnologia “vai muito além de meros equipamentos, pois permeia em toda a nossa vida, inclusive em questões não tangíveis”. Lévy (1999, p.22) destaca que “as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura”. Reafirmando a posição dos autores citados, o conceito de tecnologia de Bueno (1999, p.87) aponta:

A tecnologia é, assim, um processo contínuo através do qual a humanidade molda, modifica e gere a sua qualidade de vida. Há uma constante necessidade do ser humano de criar, a sua capacidade de interagir com a natureza, produzindo instrumentos desde os mais primitivos até os mais modernos, utilizando-se de um conhecimento científico para aplicar a técnica e modificar, melhorar, aprimorar os produtos oriundos do processo de interação deste com a natureza e com os demais seres humanos.

A constante utilização das tecnologias nas diferentes áreas do conhecimento facilitou o avanço e modernização dos processos. Diante disso, Tajra (2001) classifica tecnologia em três grupos: (i) tecnologias físicas, que são instrumentos físicos, como caneta, livro, aparelhos eletrônicos, entre outros equipamentos; (ii) tecnologias organizadoras, enquanto estratégias de relações entre nós e o mundo e processos que gerem os sistemas produtivos; (iii) e as tecnologias simbólicas, relativas à forma e símbolos de comunicação entre as pessoas. Ainda, a própria tecnologia pode se

constituir em potencial para novas formas de criação de artefatos e propostas de aplicativos a serem explorados nas relações sociais.

É comum quando nos referimos às tecnologias se pensar logo em tecnologias digitais representadas por computador, celular, *tablet*, *smartphone*, *smart tv*. Como bem vimos, a tecnologia sempre esteve presente no processo de desenvolvimento da humanidade e a tecnologia digital foi inserida de modo mais recente em nossa cultura contemporânea. Esta tecnologia está inserida nas diversas áreas do conhecimento e é muito utilizada nas atividades pessoais, criando novas possibilidades de comunicação e expressão. A sua utilização tem sido cada dia maior, fazendo parte de nosso cotidiano.

O uso da tecnologia digital vem crescendo em todas as áreas, segmentos, e faixas etárias da população mundial. Entre os distintos grupos as pesquisas têm indicado que os nascidos a partir de 1990 são considerados nativos digitais como indica Prensky (2001). As crianças e adolescentes estão, nestas últimas gerações, crescendo junto com a massificação da utilização dessas tecnologias:

As tecnologias de um modo como nunca visto antes, fazem parte da vida das crianças desde pequenas, influenciando as suas experiências, aprendizagens e conhecimento. Nesse 'novo mundo' as crianças nascem rodeadas pelas informações, crescem tendo acesso às várias tecnologias (DOMINICO, JOHANN, NUNES, 2020, p.136).

Por mais que essas tecnologias digitais estejam acessíveis a uma grande parcela da população mundial, entre elas as crianças e jovens em idade escolar, estão entre as que mais utilizam dessas ferramentas no dia a dia nos mais variados espaços, desde casa, trabalho, clube, escola, mercado e na rua. Sua utilização tem objetivos diversos: troca de informações, jogos, pesquisa, trabalho e estudo. Essa abordagem vai passar obrigatoriamente pela cibercultura, que segundo a perspectiva de Lemos (2003, p. 11), é a “cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais” e para Lévy (1999, p. 17) é um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Com efeito, vivemos atualmente numa cibercultura e vamos aqui, trazer para o centro da conversa o ambiente escolar, já que esta pesquisa atinge o público que tem idade para frequentar meio educacional formal. A escola, por características próprias, concentra muitas pessoas de determinadas faixas etárias, hoje prioritariamente as nascidas no século XXI, sendo essas consideradas consumidores

assíduos dessas tecnologias. A utilização dessas tecnologias digitais é denominada de cibercultura, sendo realizada em qualquer tempo e espaço, inclusive na escola, quer seja, na utilização pessoal, pedagógica ou profissional. Podemos assim afirmar que a escola também é espaço da cibercultura.

Esses espaços onde se disseminam a cibercultura são chamados de ciberespaços. De acordo com Lévy (1999, p. 17), ciberespaço “especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.

Os atuais alunos da escola pública estão inseridos na cibercultura, utilizando as ferramentas e os meios digitais disponíveis, em espaços para além do ambiente escolar. Assim, entendemos que se faz necessário a escola avançar no sentido de promover a utilização desses instrumentos, para motivar a participação do alunado no processo de aprendizagem.

É necessário apontar também que a escola tem um desafio gigantesco para absorver e avançar nas mudanças exigidas pela sociedade atual. Nesse sentido Coutinho e Lisbôa (2011, p.5) alertam que a escola tem que ser “capaz de desenvolver nos estudantes competências para participar e interagir num mundo global, altamente competitivo que valoriza o ser flexível, criativo, capaz de encontrar soluções inovadoras para os problemas de amanhã”, e isso tende a ser feito com o envolvimento e o incentivo dessa participação diária de todos na escola.

De forma geral, no ambiente escolar estão presentes dissonâncias em relação a utilização dessas tecnologias. Temos de um lado o alunado que apresenta uma certa facilidade na utilização desses recursos e de outro lado uma parcela dos professores, que geralmente, apresentam dificuldades na utilização desses recursos, o que coloca um dilema nas questões práticas. Não se trata de culpabilizar os professores pela sua resistência à utilização das tecnologias e sim apontar quais são os possíveis fatores que levam a essa parcela de professores a não utilizarem desses meios.

É importante ressaltar de acordo com os dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), nem todas as classes sociais têm acesso ao uso das tecnologias de comunicação e informação: 20 milhões de domicílios não possuem Internet (28%), nas classes D e E apenas 14% têm computadores em casa e nessas classes o acesso à internet é de 50%. Nas

classes A e B o acesso à internet é de 95%, e em torno de 90% possui computador em casa (CETIC, 2020).

Assim, uma somatória de fatores dificulta a inserção efetiva da cibercultura na escola: a formação inicial e continuada do professor em muito ignora o tema das tecnologias digitais, as condições estruturais e física e de equipamentos disponibilizados aos professores são insuficientes. O acesso à rede mundial de computadores é outro limitador nessa utilização. Mesmo diante de todas essas situações apresentadas é fato, e não se consegue mais negar, que o mundo virtual é uma realidade, e que não seria mais possível seguir sem as tecnologias digitais, inclusive nas escolas (LÉVY, 1999). As formas dessa incorporação pelos professores são alvo de reflexão a partir do tempo e espaço onde eles estão inseridos e das condições práticas e materiais que cada um tem, incluindo-se aí o processo de formação continuada.

Formação docente na cultura digital permite aprender quando for oportuno, com ou sem momentos presenciais, mas sempre com a possibilidade de estarmos juntos, de aprender colaborativamente e de construir roteiros pessoais. Com a riqueza de mídias, tecnologias e linguagens, podemos integrar conteúdo, interação, produção tanto individual como grupal do modo mais conveniente para cada aluno e para todos os participantes (MORAN, 2011, p. 47).

Reflexo dessa realidade é a expansão e consolidação da modalidade de Educação a Distância (EaD). Tal modalidade, tão comentada nesse ano de 2020, não é algo novo. No Brasil, no final do século XIX, alguns jornais de circulação no Rio de Janeiro, divulgavam anúncios que ofereciam cursos de formação profissional por correspondência, segundo dados de estudos realizados pelo Instituto de Pesquisas avançadas em Educação (IPAE, ALVES, 2007 apud SILVA, RUFATO, 2019). E no decorrer do século XX, outros sistemas de ensino à distância foram implementados no Brasil.

No início, o meio mais utilizado era a correspondência, o que foi se alterando de acordo com o avanço das tecnologias, como rádio, televisão e internet. Nessa perspectiva de progresso na realização dos cursos à distância Moore e Kearsley (apud AMARO, 2012) apresentam etapas em cinco gerações, caracterizadas pelas principais tecnologias de comunicação: 1) correspondência; 2) transmissão por rádio e televisão; 3) universidades abertas; 4) teleconferência por vídeo, por áudio e por computador; e 5) classes virtuais online com base na internet.

É verdade que nos últimos anos tem se intensificado a utilização da modalidade de educação à distância, inclusive exigiu a regulamentação da legislação federal que autorizou a sua implementação, principalmente no ensino superior para ampliar o acesso da população a este nível de escolarização. Foi criado em 1994 pelo Ministério da Educação e do Desporto o Sistema Nacional de Educação à Distância (SINEaD), com o Decreto nº1.237/1994,

com os objetivos de facilitar a todo cidadão, por meio da educação aberta, continuada e a distância, o acesso ao conhecimento social e científico disponível na sociedade brasileira e de servir de apoio à consecução dos propósitos do Plano Decenal de Educação para Todos, aplicando os recursos das comunicações, telecomunicações e informática no sistema educacional brasileiro (BRASIL, 1994).

A partir da referida legislação, o tema passa a ser mais discutido, o que é efetivado posteriormente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96):

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada (BRASIL, 1996).

Tal dispositivo, que inaugura a Educação a Distância em nosso conjunto normativo, foi, quase uma década depois, regulamentado pelo Decreto 5622 de 2005⁴, do qual destacamos alguns trechos:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. § 1º A educação a distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para:

I - Avaliações de estudantes;

[...]

Art. 4º A avaliação do desempenho do estudante para fins de promoção, conclusão de estudos e obtenção de diplomas ou certificados dar-se-á no processo, mediante:

II - Realização de exames presenciais.

[...]

Art. 30. As instituições credenciadas para a oferta de educação a distância poderão solicitar autorização, junto aos órgãos normativos dos respectivos sistemas de ensino, para oferecer os ensinos fundamental e médio a distância, conforme § 4º do art. 32 da Lei nº 9.394, de 1996, exclusivamente para:

II - Em situações emergenciais
(BRASIL, 2005)

⁴ Decreto revogado doze anos depois pelo Dec. 9057/2017, que alterou a regulamentação do Art. 80 da LDB, ou seja, a norma geral do Ensino a Distância no país.

Ou seja, a legislação oficializa a implementação de Educação à Distância em todos os níveis de ensino, como também na educação continuada. Com isso, o aumento de matrículas na modalidade foi substancial, crescendo a cada ano, principalmente nas instituições de ensino privadas. Essa modalidade de educação se vê diante de impasses e se agrava diante da crise provocada pela pandemia do COVID-19, em que as instituições passam a realizar o ensino na modalidade a distância, ditas “ensino remoto” envolvendo desde os anos iniciais da educação à pós-graduação. Ademir Mendes (PROGRAMA ATUALIDADES DA EDUCAÇÃO, 2020) afirma que o que tem sido oferecido aos alunos da rede pública do estado do Paraná pode ser denominado como ensino remoto com limitações, mesmo por que na educação básica não se tem a cultura e nem a estrutura para a realização da educação à distância, utilizando nesse momento de pandemia ferramentas já existentes no mercado. Sobre o ensino remoto, Moreira e Schlemmer (2020) afirmam que:

O termo remoto significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O Ensino Remoto ou Aula Remota se configura então, como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pelo COVID-19, que impossibilita a presença física de estudantes e professores nos espaços geográficos das instituições educacionais.

Não entendemos que a Educação à distância (EaD) seja o mesmo que ensino remoto. A primeira se aplica a uma modalidade de ensino, com organização e metodologia específica. A segunda, no caso, o ensino remoto é ação desenvolvida nesse momento pontual para que os alunos tenham a possibilidade de dar continuidade aos estudos por meio de plataformas ou aulas on-line. De acordo com Oliveira e colaboradores (2020, p. 13) “o Ensino Remoto Emergencial (ERE) é um modelo adotado em situações emergenciais para apoiar a aprendizagem dos educandos, mas não se configura como uma modalidade educacional com regulamentação própria [...]”.

Ainda sobre a educação em período de pandemia, a diretora-geral adjunta de Educação da UNESCO, Stefania Giannini (2020) destaca que

infelizmente, um dos resultados mais palpáveis da COVID-19 é o abismo socioeconômico cada vez maior entre os estudantes, e as crianças mais vulneráveis são as que sofrem os maiores impactos. Mais de 365 milhões de

crianças estão deixando de receber alimentação escolar, que as mantém saudáveis e motivadas a aprender.

Segundo Giannini (2020), a escola tem papel importante na promoção de apoio a saúde e bem-estar, destacando que as atividades escolares realizadas em casa podem gerar estresse para as famílias; as crianças sem acesso à internet podem ficar marginalizadas no desenvolvimento da escolarização; permanecer em casa pode interferir na saúde mental, especialmente as que tiveram perda de familiares pela doença, entre outras intervenções ocasionadas pelo longo isolamento social. Nessa mesma linha, Ademir Mendes (PROGRAMA ATUALIDADES DA EDUCAÇÃO, 2020) aponta a dificuldade das famílias para garantir minimamente uma estrutura física e de equipamentos para as atividades remotas, já que em alguns lares, são mais de um usuário para um equipamento e muitas vezes com uma internet precária.

A publicação de artigos na área de saúde sobre o COVID-19 já é intensa. Na plataforma Scielo são 56 artigos localizados em revistas na área de Saúde. No entanto, na área de educação não foram localizadas publicações nem na plataforma Scielo e nem na plataforma Educa da Fundação Carlos Chagas.

Vários *webinar*⁵ têm sido realizados discutindo a questão do COVID-19 e a educação. Em um desses eventos, promovido pela Fundação Getúlio Vargas, Guedes (2020) destaca que o sistema educacional na crise enfrenta três momentos: 1º momento é a surpresa seguida de susto; 2º momento são iniciativas diversas com possibilidades de aulas remotas; 3º momento é o retorno as aulas que vai exigir adaptações e revisões. Destaca Guedes (2020), que no segundo momento se expressaram diversas formas de busca de envolvimento dos estudantes e suas famílias. Entre as situações das implementações das aulas remotas há destaque para a metade das redes educacionais que não possuem condições de desenvolvimento do ensino remoto, quer pela situação econômica, o nível de escolarização dos pais, a infraestrutura de conectividade e acesso à internet, o acesso aos equipamentos e mesmo a formação de professores. Reforça Guedes (2020) que o estabelecimento do regime de colaboração entre os entes governamentais em nível federal, estadual e municipal não se efetiva, ao não estabelecer uma política homogênea a nível nacional.

⁵ Expressão que vem sendo largamente utilizada neste momento para designar as conferências e debates feitos de forma online, com produção e divulgação pela internet

Antes deste momento de pandemia já era evidenciado um processo educacional diferenciado e com situações gerando demandas para acompanhar as exigências por uma sociedade em transformação. Ant3nio N3voa (BAHIA, 2020) destaca a import3ncia da forma33o continuada em tempos de crise, defendendo como essencial neste momento a discuss3o e o compartilhamento para novas aprendizagens.

O padr3o escolar atual que vigora no sistema de ensino brasileiro tem sofrido por parte de seus envolvidos, uma vez que alunos e professores enfrentam in3meras desigualdades. A escola n3o tem conseguido acompanhar, no mesmo ritmo, as altera33es e avan3os sociais e tecnol3gicos, ficando assim muito aqu3m de suas expectativas e interesses.

A crise se estabelece por diversos fatores, tanto pedag3gicos e relacionados 3 forma33o docente, como tamb3m estruturais. H3 demandas por equipamentos e encaminhamentos pedag3gicos, d3ficit na forma33o profissional dos educadores, acompanhados da quase inexistente forma33o continuada, aliados 3 espa3os escolares com condi33es f3sicas insuficientes e deterioradas, como denunciado por Silva Junior e Sampaio (2010); Garcia e Hillesheim (2017).

Para al3m das situa33es do macro sistema educacional, a escola e, na ponta do processo, o professor, s3o respons3veis por realizar pesquisas, experimentos, que permitam mitigar as situa33es de diferencia33o tanto na utiliza33o de instrumentos e ferramentas como nas pr3ticas cotidianas, originadas nas transforma33es sociais. "Cabe aos professores acompanhar as mudan3as e atualizar suas pr3ticas pedag3gicas com a integra33o das tecnologias e suas possibilidades de forma natural, assim como ela 3 vivenciada fora da escola" (CARVALHO JUNIOR, 2015, p.1).

Considerando que a tecnologia 3 uma importante ferramenta de comunica33o e informa33o na escola, se insurge a necessidade de sua utiliza33o. Diariamente educadores subsidiam com conte3dos e informa33es os alunos promovendo o ensino e a aprendizagem. O papel do professor exige que ele possibilite tais mudan3as, para que ent3o possa responder 3s demandas que s3o colocadas, alterando, flexibilizando e substituindo, quando necess3rio.

3 bom lembrar que existe tamb3m uma inseguran3a por parte dos professores, de n3o serem substituídos pela m3quina como a princ3pio, mas por outros professores, mais bem preparados, abertos 3 inova33o, sem complexo para a utiliza33o destas novas ferramentas, e com compet3ncias

específicas para tirar proveito delas, colocando-as, sobretudo, a serviço da aprendizagem (SANTOS, 2005, p. 4).

Os nossos alunos estão diuturnamente ligados às ferramentas tecnológicas existentes para a realização das tarefas e demais ações do dia a dia, seja em casa, no clube, com a família, com os amigos, seja via celular, computador, videogames e outros. A escola tem que fazer todo o esforço possível para dar condições ao aluno de realizar ações para favorecer seu envolvimento em práticas escolares e conseqüentemente provoque melhores resultados a aprendizagem. “Nesse contexto, a escola necessita redimensionar a sua prática, enquanto local de produção do saber científico e tecnológico, haja vista o seu papel na preparação do cidadão para atender às novas exigências do mundo do trabalho” (SANTOS, 2005, p.2).

Para Santos (2005) as mudanças no processo de ensinar envolvem a compreensão das condições socioculturais e econômicas dos educandos; a relação teoria e prática; o acolhimento para a inovação; descentralização do ensino do professor para o aluno; práticas cooperativas, que pressupõe uma formação competente. “A formação supõe uma competência técnica que não se desvincula da realidade e permite interagir nos diferentes aspectos da tarefa docente, estabelecendo a mediação entre o pedagógico, técnico-científico, sociopolítico e cultural” (SANTOS, 2005, p. 5).

É uma tendência, por conta da facilidade de acesso às informações que as pessoas aumentem substancialmente os conteúdos de interesse, até mesmo os direcionados pelo mediador, nesse caso, o professor. “As tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor - o papel principal - é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los” (MORAN, 2000, p.2).

Como Moran aponta, o professor precisa saber qual é verdadeiramente a sua função na mediação pedagógica que se estabelece, realizando então, ações que fortaleçam, incentivem e facilitem o aprendizado. Essa questão se apresenta desde a década de 1990, pois

acordos internacionais na direção da universalização da educação básica foram estabelecidos, como o direito à educação definido na constituição de 1988 e reafirmado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº9394/96. A partir do Fórum Mundial de Educação em Dakar, no Senegal, em 2000, governos de 164 países, entre eles, o Brasil, adotaram um marco de ação para lançar os compromissos de Educação Para Todos (EPT). Entre as estratégias expressas no marco de Dakar, está e ênfase no potencial das

Tecnologias da informação e comunicação (TICs) para a educação (CALDAS et al, 2019, p. 226).

No decorrer das últimas décadas os governos têm realizado de forma constante programas e projetos que auxiliam a população a acessarem algumas tecnologias digitais. Para além de internet chegando nas escolas, verificamos também alguns editais para criação e elaboração de ferramentas pedagógicas que colaboram com o aprendizado e assimilação de conteúdos por alunos da rede pública. Vale apontar ainda que os melhores resultados tendem a aparecer com a formulação de políticas públicas, àquelas que perduram por longos períodos. O que presenciamos com muita frequência são projetos pontuais de determinado governo, sem continuidade no governo sucessor.

O caso específico da rede pública estadual no Paraná é um exemplo clássico do que estamos falando. No início dos anos 2000, o governo do estado desenvolveu e implementou ações significativas no que tange a estrutura física, material e de formação dos professores para a utilização das tecnologias digitais nas escolas do estado. Como se tem o entendimento de que se necessita de todo um aparato para o real funcionamento da proposta, viu-se então, naquele momento, ações articuladas que possibilitavam efetivamente as práticas pedagógicas com apoio das tecnologias em sala de aula. As escolas foram equipadas com laboratórios de informática conectados à rede de internet da empresa de energia estadual, todas as salas de aula receberam um televisor adequado e desenvolvido em parceria com a Universidade Federal do Paraná especificamente para esse uso, com entrada de *pendrive* e compatível com os programas implementados. Os professores receberam cada um, o seu *pendrive* e um *tablet*. Um programa de formação foi desenvolvido para toda a rede de ensino, incluindo funcionários que davam suporte estrutural e técnico para o funcionamento do programa. Os núcleos regionais de educação implementaram departamentos que faziam as assessorias técnicas às respectivas escolas. Com o passar do tempo e a mudança de governo, isso tudo foi ficando obsoleto, sem manutenção e reposição, o sistema não acompanhou a demanda de atualização e programas de formação no tema foram se extinguindo, desorganizando toda uma estrutura logística, física e de formação que estava em funcionamento.

Esses apontamentos reforçam a necessidade de se pensar a implementação de ações educacionais como políticas públicas, que independentemente do governo do momento, se mantem a necessidade de não se romper com Políticas Educacionais

a cada 4 anos de mandato de um partido político no país, estados ou municípios. As interrupções de programas sem se fazer a necessária avaliação ou a continuidade em Políticas Públicas Educacionais, geralmente, se apresentam como um retrocesso. É necessária uma continuidade, pois, é um processo contínuo com demandas imediatas de atualização, principalmente quanto às tecnologias digitais, nas quais, as mudanças são constantes.

Ressalta-se que, quando se trata de tecnologias digitais, sistemas, programas e equipamentos, eles têm, por si só, um prazo de validade relativamente curto, devendo as alterações, substituições e o processo de formação ser contínuos, o que nem sempre ocorre (CALDAS et al, 2019, p. 243)

Os documentos normativos para a educação básica citam a utilização das tecnologias digitais, como por exemplo, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é o documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Sua principal função é balizar a qualidade da educação estabelecendo patamares de aprendizagens. Nesses patamares são apontadas que as

competências gerais consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, ela é definida como mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores (BRASIL, 2018, p. 8)

A BNCC apresenta já em sua introdução, quando se refere às competências gerais da educação básica, apontamentos no que diz respeito a utilização das tecnologias digitais no processo de formação dos estudantes. Das dez competências apresentadas no documento, três delas fazem referência de forma direta ao assunto. Na primeira competência:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018 p.7).

Na quarta:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas (BRASIL, 2018. p.7).

E na quinta:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018. p.7).

Desse modo, os registros sobre a utilização das tecnologias digitais no ambiente escolar aparecem de forma oficial nos documentos norteadores da educação básica no Brasil. Ainda nesse documento quando se faz a discussão do currículo, o qual deve levar em consideração as características regionais e garantir a autonomia dos sistemas e redes de ensino e as características dos alunos, resultado esse, esperado de discussões e participação da comunidade escolar, espera-se algumas ações, entre elas “selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender” (BRASIL, 2018, p.17).

Diante das mudanças constantes demandadas pela sociedade em relação as tecnologias digitais e sua utilização, é preciso inserir processos de implementação e utilização que vão se dar de forma gradual e com envolvimento e responsabilidades de várias frentes.

Para que o uso das TIC signifique uma transformação educativa que se transforme em melhora, muitas coisas terão que mudar. Muitas estão nas mãos dos próprios professores, que terão que redesenhar seu papel e sua responsabilidade na escola atual. Mas outras tantas escapam de seu controle e se inscrevem na esfera da direção da escola, da administração e da própria sociedade (IMBÉRNOM, 2010, p. 36).

O trabalho tende a ser colaborativo, para que cada instância contribua de forma a construir um processo de avanço na utilização dessas tecnologias digitais, não devendo ser só responsabilidade do professor a sua utilização. O professor deve ter conhecimento e formação necessária, disponibilizada pelas mantenedoras, e não deve ser culpabilizado pelo insucesso e lentidão na aplicação desses recursos na escola. Cabe nesse momento pensar como se efetiva esse processo.

3.4 CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR

As condições de trabalho em diferentes estudos partem das situações práticas colocadas ao professor no exercício diário de suas atividades, incluindo desde concurso público, carreira, condições materiais, estruturais, organizacional, tempo de planejamento, formação continuada e serviços de apoio aos educadores e à escola, inseridos no contexto cotidiano. Assim, as condições de trabalho podem ser definidas como a junção de recursos objetivos em que se realiza o trabalho educativo.

As reformas implementadas nos últimos anos possibilitaram alterações nas relações de emprego e trabalho chegando também ao ambiente educacional, impondo uma precarização dos contratos, diminuindo direitos e garantias conquistados sempre com muita luta no decorrer da história. Essas mudanças interferem diretamente nas questões de carreira, salário e valorização dos trabalhadores. Com efeito, é preciso refletir sobre as condições materiais no chão da escola, desde estrutura física, materiais de auxílio, material didático, número de alunos em sala de aula, estrutura de pessoal disponível nas unidades escolares, e ainda as relações pessoais estabelecidas na estrutura organizacional entre os diferentes níveis hierárquicos. Pensar que a escola como direito de todos recebe os alunos sem distinção, e que a partir dessa universalização se demanda de estrutura e condições adequadas e mais específicas para esse atendimento, muitas vezes especializado. Garantir essas condições com qualidade sempre teve um custo elevado para essa parcela de trabalhadores, as conquistas sempre vieram acompanhadas de muita luta e resistência. As reformas educacionais apresentadas a partir da década de noventa no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso, apresentam novas formulações para a educação básica.

Passa a ser um imperativo dos sistemas escolares formar os indivíduos para a empregabilidade, já que a educação geral é tomada como requisito indispensável ao emprego formal e regulamentado, ao mesmo tempo em que deveria desempenhar papel preponderante na condução de políticas sociais de cunho compensatório, que visem à contenção da pobreza (OLIVEIRA, 2004, p.3).

A implementação desses novos conceitos e práticas no interior das escolas alteram as condições do trabalho realizado por esses trabalhadores, intensificando ainda mais as atividades diárias. Segundo Oliveira (2004, p.4),

essa nova regulação repercute diretamente na composição, estrutura e gestão das redes públicas de ensino. Trazem medidas que alteram a configuração das redes nos seus aspectos físicos e organizacionais e que têm se assentado nos conceitos de produtividade, eficácia, excelência e eficiência, importando, mais uma vez, das teorias administrativas as orientações para o campo pedagógico.

[...]

A expansão da educação básica realizada dessa forma sobrecarregará em grande medida os professores. Essas reformas acabarão por determinar uma reestruturação do trabalho docente, resultante da combinação de diferentes fatores que se farão presentes na gestão e na organização do trabalho escolar, tendo como corolário maior responsabilização dos professores e maior envolvimento da comunidade.

No senso comum, dissemina-se que essa parcela de trabalhadores são portadores de diversas vantagens, benefícios e privilégios em relação aos demais trabalhadores, como por exemplo três meses de férias no ano, estabilidade, licença prêmio, aposentadoria especial. Quando se dissecam tais informações se verifica a não veracidade delas. Sendo que os dados indicam que o trabalhador da educação, mesmo sem uma formação específica acaba atendendo várias outras demandas do ambiente escolar desempenhando funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras, como registra Oliveira (2004), situação que acaba sendo reforçada ainda mais pelas estratégias de gestão já mencionadas, que apelam ao comunitarismo e voluntariado.

As condições de trabalho docente se tornaram mais precárias no contexto da pandemia do COVID-19, pois a oferta do ensino remoto com o uso da tecnologia foi a opção adotada pela maioria dos sistemas de ensino, contudo não ocorreu a oferta de equipamentos para professores e alunos para desenvolverem as tais aulas remotas. A isso se soma que os professores não estavam familiarizados com o uso desses equipamentos tecnológicos, e os poucos de cursos de formação ofertado aos professores foram insuficientes para atender a demanda colocada. Com efeito, a insegurança e as condições de trabalho precárias se agravaram em 2020.

4 AS CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA COVID-19 NO ESTADO DO PARANÁ

Neste item estão relatados os resultados obtidos na pesquisa por meio do questionário respondido pelos professores. A coleta de dados ocorreu período de 15 de julho a 14 de agosto de 2020. O questionário elaborado, como explicitado no capítulo 2 desta pesquisa, foi validado por três professores da educação básica que fizeram apontamentos para a melhoria do instrumento. Só então disponibilizamos para a população a ser pesquisada observando as normas éticas de pesquisa.

Para a realizar a coleta, no primeiro momento encaminhei para os meus contatos pessoais e dos grupos de pesquisa da orientadora com a solicitação que eles respondessem e replicassem aos seus contatos. Em seguida se formou uma rede muito participativa e colaborativa na disseminação do instrumento, sendo que com dez dias de pesquisa já passávamos de 300 respondentes. Ao final do período houve o retorno de 355 questionários, dos quais depois de excluídas as respostas que não contemplavam as exigências iniciais, professores da rede pública da educação básica, totalizando 320 questionários analisados.

O instrumento foi elaborado e disponibilizado no *Google Forms*, o que em nossa avaliação, por conta da quantidade de questionários que pretendíamos buscar, seria o melhor procedimento para a realização da pesquisa e a sistematização dos gráficos no próprio sistema, quando do retorno. O instrumento está em anexo nos apêndices desse documento. A sua distribuição foi realizada por e-mails e *Whatsapp*, como já indicado. Na apresentação do instrumento estão descritas as informações sobre a pesquisa, o termo de consentimento livre e esclarecido, o tempo de respostas e a finalidade da pesquisa, objetivos e o registro no comitê de ética, nesse campo o respondente fez o registro de seu e-mail de desejar receber o retorno da pesquisa. O instrumento está organizado em quatro eixos assim denominados: i) perfil docente; ii) formação; iii) condições de trabalho; iv) atuação docente no tempo remoto. O instrumento contém 46 questões, das quais 42 de opção de múltipla escolha e 4 questões de respostas curtas. O tempo estimado para responder foi de 20 minutos.

Além do questionário foram examinados documentos que orientaram a organização pedagógica da educação básica neste período de pandemia da COVID-19 emitidos pelos órgãos das mantenedoras do sistema de ensino. No início da pandemia o secretário de educação do estado do Paraná, Sr. Renato Feder, realizou

uma chamada dos professores por meio de uma *live*. Nesta *live* foram indicados encaminhamentos. No entanto, mesmo durante a transmissão foi tomada posição de recuo, pois, pelo posicionamento do grupo docente, foi indicado a inviabilidade das ações propostas. Na continuidade, outras orientações foram emanadas pela secretaria, sem a participação dos gestores escolares. Essas decisões da Secretaria de Estado de Educação caracterizam uma opção de ações verticalizadas na implementação das aulas remotas, desconsiderando toda e qualquer contribuição do conjunto dos professores, sejam elas, de forma independente ou por sua representação de classe. Essas decisões geraram muitas dúvidas no professorado durante o processo de implementação. A secretaria publicizou as orientações, encaminhou as diretivas e disponibilizou os meios de utilização, tanto para professores como para alunos, como um programa chamado “Aula Paraná”. Conforme Brito et al (2020, p. 191) o referido documento:

SEED-PR lançou, então, no dia 06 de abril de 2020 o “Aula Paraná”, como solução de aulas não presenciais desenvolvidas para dar continuidade ao calendário escolar durante a pandemia. O programa foi construído visando ao suporte de cinco plataformas, desenvolvidas para atender aos estudantes e professores(as) de todas as realidades e níveis educacionais do Estado do Paraná. Nessa perspectiva, o “Aula Paraná” abrangeu: 1) a TV aberta; 2) o YouTube; 3) Google Classroom; 4) o aplicativo e 5) as trilhas de aprendizagem (BRITO et al, 2020, p.191).

As várias frentes objetivavam que as aulas chegassem aos alunos por diversos meios. A transmissão por TV aberta foi uma delas. Foi elaborada uma grade de horários com aulas semanais para contemplar as séries finais do ensino fundamental e do ensino médio. Um edital foi aberto para credenciamento de professores⁶, pelo qual o estado contratou docentes para compor o grupo de trabalho com vistas à produção de material audiovisual destinado a estudantes da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino. Logo na sequência, após cobrança da comunidade escolar, incluíram-se nas aulas produzidas pela SEED professores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais⁷. As aulas geradas por estes professores foram gravadas em Curitiba e disponibilizadas para todos os alunos, com aulas referentes a cada componente curricular. O material gravado pelos professores foi disponibilizado para os alunos por diversos meios, além da TV aberta, também no canal do *Youtube*, sendo que assim, os alunos poderiam ter acesso às aulas em qualquer momento, ainda foi

⁶ Resolução nº 1.014/2020 – GS/SEED (PARANÁ, 2020).

⁷ Resolução nº 1.175/2020 – GS/SEED (PARANÁ, 2020).

oferecido por meio do aplicativo “Aula Paraná” podendo assistir às videoaulas ao vivo, acompanhando grade horária de transmissão da TV e do *YouTube*. Pensando nos alunos sem o acesso digital foram criadas as trilhas de aprendizagem que acompanhavam os conteúdos das aulas, sendo essas disponibilizadas de modo impresso aos alunos⁸.

Para a viabilização de todo esse processo, e na tentativa de que os professores respondessem com agilidade à demanda colocada e na adaptação e metodologia e aplicabilidade dos conteúdos aos alunos, se fez necessário um processo de formação, pois, até então, a utilização de ferramentas digitais era incipiente nas escolas públicas do estado do Paraná. Para isso a SEED criou o Canal do Professor no *Youtube*, com uma proposta de formação online que acontecia em três *webinars* ao dia. Essas *webinars* foram disponibilizadas também no aplicativo “Aula Paraná”. Outra forma criada para a formação foi o do Grupo de Estudos Formadores em Ação, inicialmente para algumas áreas. O Professor Formador ficou responsável por um grupo de estudos e formação com até outros 20 professores da sua região para discutir o currículo das suas disciplinas para uma visão mais moderna e intermediada por tecnológicas digitais. Essa ação foi certificada com uma carga horária de 60 horas e o professor formador recebeu uma bolsa de seiscentos reais. Essas ofertas, no entanto, não conseguiram atingir todos os professores.

É relevante apontar que as escolhas da SEED pensadas nesse momento de pandemia referendam as práticas da considerada “nova direita”⁹ de forma pragmática e gerencialista, que já vinham sendo implementadas mesmo antes da pandemia, sendo o estado do Paraná, um braço atuante no projeto do governo federal para num projeto considerado como desmonte da educação. O momento foi só de intensificação, aplicando o viés empresarial defendido pelo governo Ratinho Júnior, representada na SEED pelo seu secretário Renato Feder. Como aponta Freitas (2018, p.29),

a educação está sendo sequestrada pelo empresariado para atender a seus objetivos de disputa ideológica. A educação vista como um “serviço” que se adquire, e não mais como um direito, deve ser afastada do Estado, o que justifica a sua privatização. Do ponto de vista ideológico, a privatização também propicia um maior controle político do aparato escolar, agora visto com “empresa”, aliado à padronização promovidas pela base nacionais

⁸ Essas aulas impressas deveriam ser retiradas na escola quinzenalmente.

⁹ Casimiro (2018) diz que a “nova direita” foi estruturada no Brasil desde a redemocratização dos anos 1980, imersa no tecido social como organizações da sociedade civil que criam uma estrutura largada de influências.

comuns curriculares e pela ação do movimento “escola sem partido”, este último, um braço político da “nova” direita na escola.

Aplicar no meio educacional as características empresariais, como diz Freitas (2018), acaba por isolar a educação de seus vínculos sociais e passa a ser vista como uma questão puramente de gestão.

Deste modo, os professores participantes desta pesquisa vivenciaram este processo. Para compor os resultados das análises da prática docente durante a pandemia do Covid 19 foram consideradas as respostas dos 320 professores que responderam ao questionário de investigação. Para a organização dos dados, os questionários foram numerados do 1 ao 320.

Na primeira parte estão indicadas as respostas referentes as questões de múltipla escolha, tomando por referência o agrupamento realizado pelo *Google Forms*. Nesse questionário utilizamos ainda para algumas questões a escala Likert, 1 a 5. Pouco é o nível inferior e muito é o nível superior. 1. Discordo fortemente. 2. Discordo. 3. Não concordo nem discordo. 4. Concordo. 5. Concordo fortemente. O professor tinha como marcar somente uma opção.

Partindo dos questionários respondidos pelos professores, a análise considera os níveis de leituras realizados propostos por Bardin (2010) como anunciado na metodologia. Parto de uma leitura flutuante que favoreceu compor uma visualização do todo das respostas. Em seguida um novo movimento descrevendo os dados num primeiro agrupamento ensejando uma compreensão geral. Depois, foi possível perceber as categorias emergentes oriundas das reflexões e cotejamentos realizados até a última leitura, feitas em tempos sucessivos, destacando as respostas, portando da leitura flutuante, segue a releitura compreensiva, a leitura de sistematização destacando as respostas. Isso permite separar em grupos, a fim de organizar os níveis de respostas obtidos para categorizar.

Para apresentar esses resultados foi feito o agrupamento em: (i) caracterização dos professores participantes da pesquisa; (ii) condições de formação em tecnologias; (iii) condições de trabalho; (iv) os professores e as condições de saúde na pandemia; (v) atuação docente no período remoto; (vi) apoio para atuação docente no período remoto.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA

Em relação, à caracterização dos nossos professores respondentes, apontamos os dados para demarcar o público participante do estudo. A pesquisa como já dito foi respondida por 355 professores do sistema de ensino do estado do Paraná atuantes nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, ficando para análise 320 respondentes que trabalham na educação pública, pois não foram considerados as respostas dos trabalhadores que trabalham somente nas instituições privadas.

A maioria de professores é do gênero feminino, em torno de 70%, e os outros 30% são do gênero masculino. Em relação a cor/raça dos respondentes a composição se deu por uma maioria que se declararam de cor branca, em torno de 75%. Outras declarações em torno de 17% indicam a alternativa pardo, e apontamentos abaixo dos 5,5% de pessoas que se declararam pretas, amarelas, indígenas ou que preferiram não se identificar. A idade dos professores pesquisados apresentou um número semelhante entre as faixas etárias, se sobressaindo em uma pequena margem as pessoas com mais de cinquenta anos, número esse, que se aproxima de 30% e sendo uma minoria as pessoas com até trinta anos de idade, com percentual de 4%. No que tange a primeira formação acadêmica, ficou caracterizado com números muito aproximados que metade tiveram a formação em instituições públicas e a outra metade em instituições privadas. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2020), em 2019, foram registrados 137.660 docentes na educação básica do estado do Paraná. Sendo 74.005 das séries finais do ensino fundamental e ensino médio. Historicamente o magistério é uma profissão eminentemente feminina como aponta Rabelo (2007, p.60), “a quantidade de mulheres que escolhe a profissão do magistério é muito maior que a dos homens que têm optado pela docência” e aponta que na legitimação da docência como profissão majoritariamente feminina, as instituições da sociedade têm papel importante. Principalmente a família, a escola e a igreja, que muitas vezes limitam a escolha da mulher, impondo forçosamente a opção pela carreira docente. Esse resultado de uma maioria feminina também é referendado pelos números de nossa pesquisa. Outra característica de necessária observação, diz respeito a idade do professorado em pleno exercício da profissão, levando em consideração que a maioria dos professores estão acima dos 40 anos, sendo quase 30% acima de 50 anos de

idade. Esses números, nos colocam a refletir, as relações possíveis entre idade e a utilização das tecnologias digitais.

Informação relevante é que mais de 95% dos professores pesquisados realizaram seu curso de graduação de forma presencial, o que pode indicar também, um primeiro estranhamento em relação a utilização das metodologias não-presenciais de ensino. Os dados demonstraram ainda, que a formação inicial dos entrevistados está distribuída entre os diversos componentes curriculares, e que, quase metade (48%) dos pesquisados tiveram sua formação inicial entre 2001 e 2010, 40% terminaram antes dos anos 2000, enquanto uma minoria, em torno de 12% concluíram mais recentemente, no período de 2011 e 2020. 35% responderam que já realizaram segunda formação acadêmica, os resultados mostram que ela se deu nos diversos componentes curriculares, se sobressaindo o curso de pedagogia. Quando perguntados sobre a realização de pós graduação, somente 4% disseram não ter realizado nenhum curso de pós graduação. A maioria absoluta (76%) tem como maior nível de formação a especialização, 17% o mestrado e 3% o doutorado.

Os gráficos de 1 a 10, a seguir, permitem visualizar esses resultados.

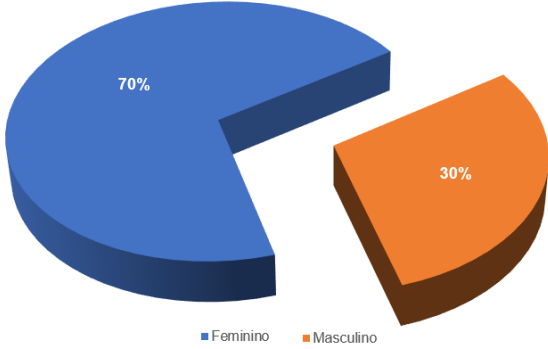
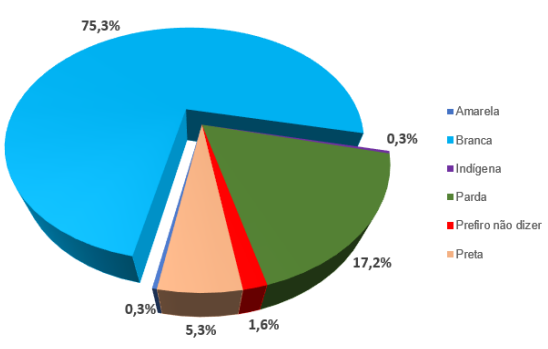
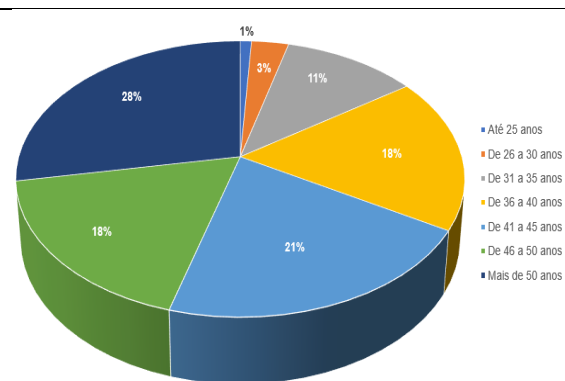
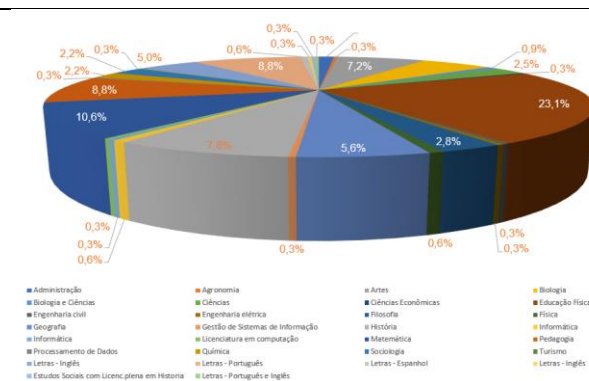
GRÁFICO 1 – GÊNERO	GRÁFICO 2 – RAÇA																				
 <table border="1"> <caption>Dados do Gráfico 1 - Gênero</caption> <thead> <tr> <th>Gênero</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Feminino</td> <td>70%</td> </tr> <tr> <td>Masculino</td> <td>30%</td> </tr> </tbody> </table>	Gênero	Porcentagem	Feminino	70%	Masculino	30%	 <table border="1"> <caption>Dados do Gráfico 2 - Raça</caption> <thead> <tr> <th>Raça</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Branca</td> <td>75,3%</td> </tr> <tr> <td>Parda</td> <td>17,2%</td> </tr> <tr> <td>Preta</td> <td>5,3%</td> </tr> <tr> <td>Amarela</td> <td>1,6%</td> </tr> <tr> <td>Indígena</td> <td>0,3%</td> </tr> <tr> <td>Prefiro não dizer</td> <td>0,3%</td> </tr> </tbody> </table>	Raça	Porcentagem	Branca	75,3%	Parda	17,2%	Preta	5,3%	Amarela	1,6%	Indígena	0,3%	Prefiro não dizer	0,3%
Gênero	Porcentagem																				
Feminino	70%																				
Masculino	30%																				
Raça	Porcentagem																				
Branca	75,3%																				
Parda	17,2%																				
Preta	5,3%																				
Amarela	1,6%																				
Indígena	0,3%																				
Prefiro não dizer	0,3%																				
Fonte: O Autor (2021).	Fonte: O Autor (2021).																				

GRÁFICO 3 – IDADE



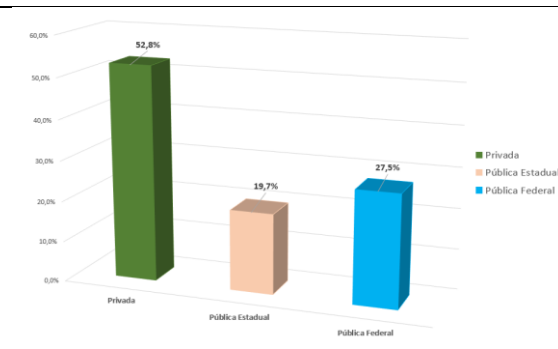
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 4 – PRIMEIRA FORMAÇÃO



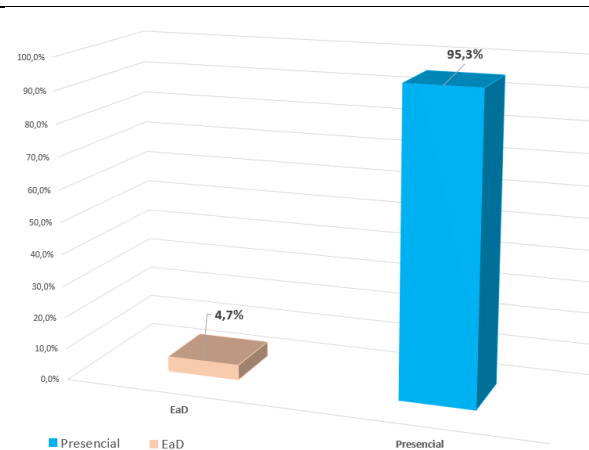
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 5 – IES DA GRADUAÇÃO



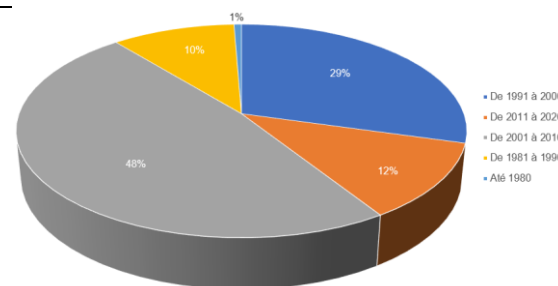
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 6 – MODALIDADE DA GRADUAÇÃO



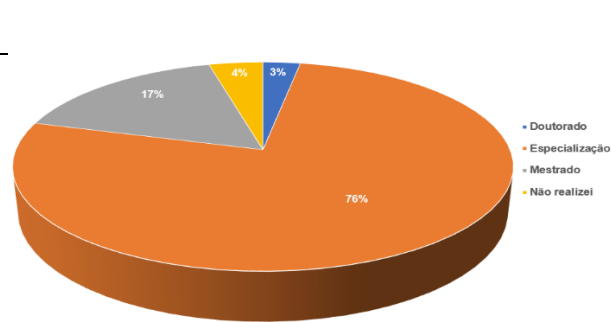
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 7 – ANO DE CONCLUSÃO DA GRADUAÇÃO



Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 8 – PÓS GRADUAÇÃO – MAIOR NÍVEL



Fonte: O Autor (2021).

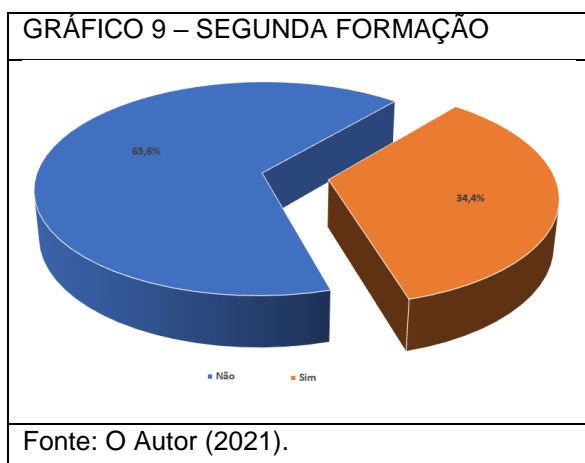
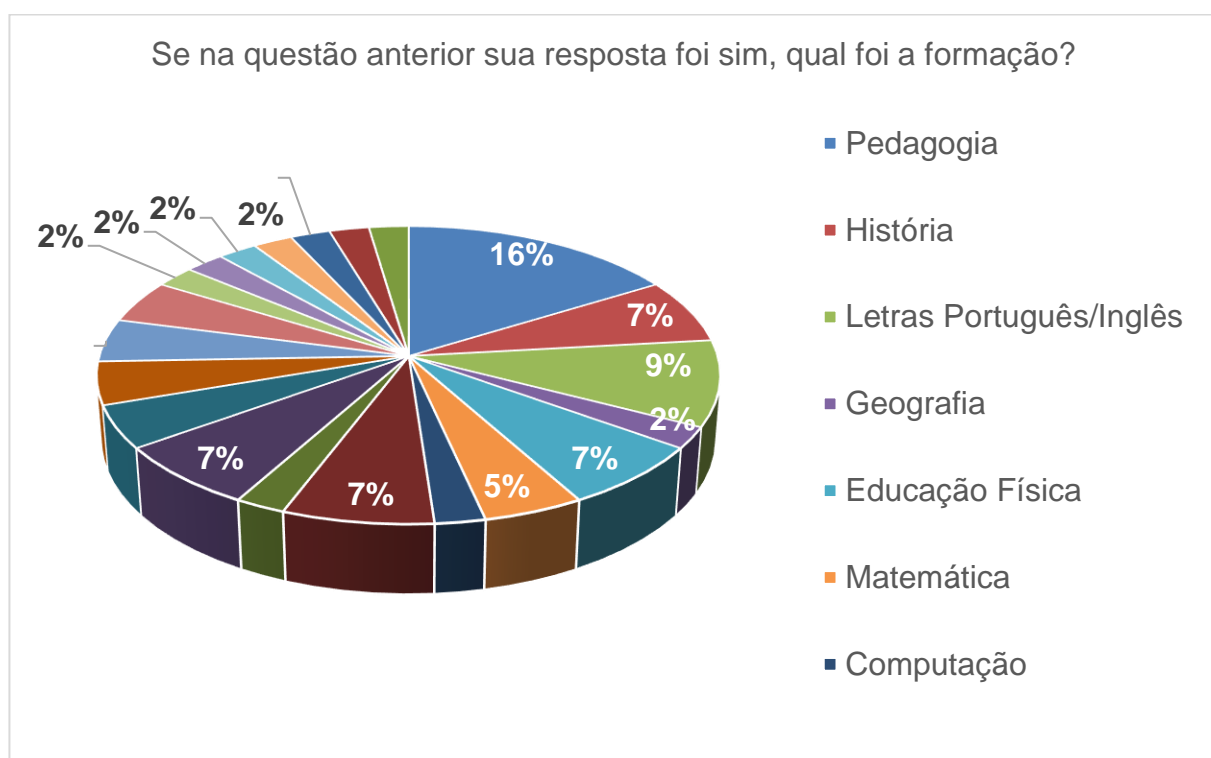


GRÁFICO 10 – DISTRIBUIÇÃO DA FORMAÇÃO POR ÁREA DO CONHECIMENTO



Pelo censo educacional 2019 do INEP, 2020 no Paraná, quando se trata dos anos finais do ensino fundamental, 98,6% dos docentes possuem nível superior completo (95,1% em grau acadêmico de licenciatura). No ensino médio, 99,1% têm nível superior completo (92,4% em grau acadêmico de licenciatura e 6,7%, bacharelado).

Esse conjunto de dados aponta que os professores possuem formação compatível com o exercício para a docência na educação básica como recomenda a Lei 9394/96 que define a formação como de nível superior. A maioria é do gênero feminino e também a maioria é experiente. Os dados indicam que a maioria tem mais

de 30 anos de idade, o que caracteriza a maturidade como definido em Marcelo (1999). Assim, as condições de formação e experiência estão presentes nos professores que participaram da investigação.

4.2 CONDIÇÕES DE FORMAÇÃO EM TECNOLOGIA

Durante a pesquisa, procuramos levantar se o professor teve no processo de formação inicial e continuada algum tipo de reflexão e/ou instrumentalização que atendesse a demanda da utilização das ferramentas digitais no sistema educacional. Como detectamos nas respostas dos professores, ficou caracterizado que uma maioria, mais de 70%, não tiveram nenhuma abordagem sobre a utilização das ferramentas digitais na formação inicial. Os outros 30% tiveram uma disciplina específica ou tiveram o tema tratado dentro de uma disciplina.

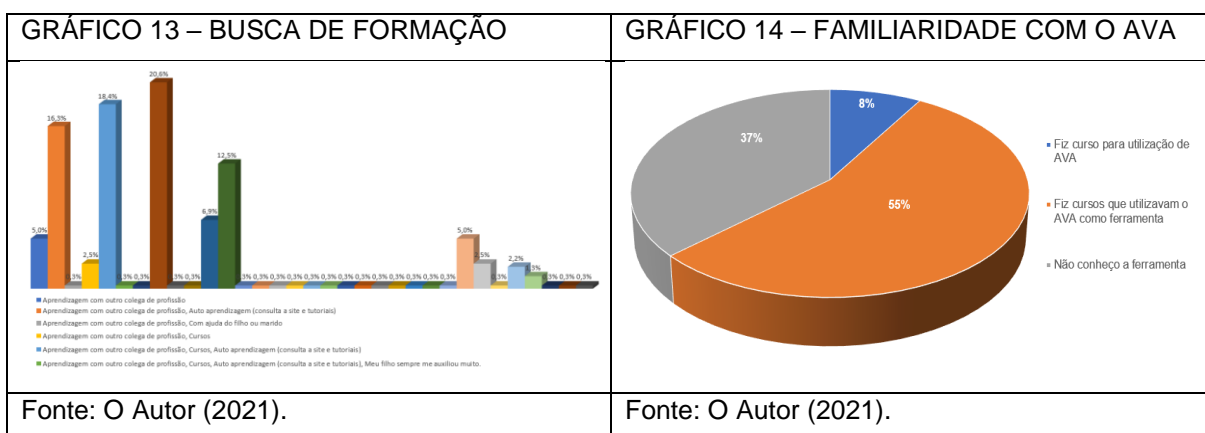
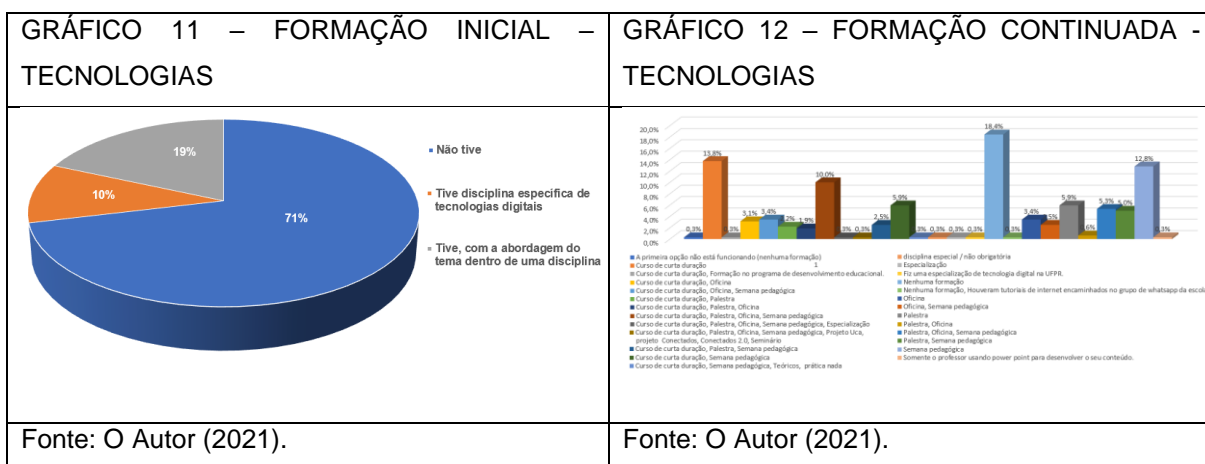
Quando perguntados se durante sua carreira profissional foram disponibilizados processos de formação continuada ofertados pela sua instituição e quais os tipos, 20% apontaram não ter tido nenhuma formação nesse sentido, enquanto os demais (80%) tiveram algo discutido na semana pedagógica, curso de curta duração, palestras, oficinas ou programa de desenvolvimento educacional. Dados esses que apontam ausência de formação, são apresentados também em pesquisa de Semis 2020, p. 16 onde, para mais de metade (51,1%) dos professores entrevistados, relatam não ter recebido formação de suas redes ou mantenedores para trabalhar.

A maioria dos professores pesquisados (93%) declarou ter buscado formação em tecnologias digitais via consulta a sites, tutoriais ou recorrendo a colegas de trabalho, e somente 5.6% disseram não ter recorrido a busca de nenhuma formação. Quando perguntados se conhecem ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), próximo de 40% responderam que não. Os demais disseram que já realizaram cursos que utilizaram algum tipo de AVA. Em relação ao processo de formação dos professores tanto inicial quanto a continuada ficou caracterizada que uma minoria teve acesso ao tema na formação inicial, dado que se justifica, haja vista, que o grupo de professores pesquisados é caracterizado por um público mais velho e que a utilização das tecnologias digitais é um tema mais recente. Situação que poderia ser resolvida ou pelo menos minimizada no processo de formação continuada, onde apontam que essas abordagens se deram em momentos restritos e com pequena carga horária, e

ainda assim 20% da amostra disseram não ter tido essa abordagem na carreira profissional.

A formação continuada é um direito do professor e uma obrigatoriedade das mantenedoras em ofertar ao seu corpo docente ações e programas que busquem a melhoria no trabalho. Como afirma Gatti (2007), “o sistema realiza a formação necessária dos professores durante o exercício profissional, complementando uma formação inicial deficiente e/ou inexistente”. Para acompanhar as demandas exigidas no processo de mudanças e melhorias que são colocadas pela sociedade e que efetivamente se reflete nos ambientes educacionais, como por exemplo: a utilização das tecnologias digitais no processo de ensino aprendizagem.

Os gráficos de 11 a 14, a seguir, ilustram esses resultados.



A formação em tecnologia em educação para o professor, está relacionada a uma necessidade de atualização constante, acompanhamento e suprimento das demandas na sociedade e mais especificamente no meio educacional,

não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de *acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização* que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo os papéis de professor e aluno (LÉVY, 1999, p.174).

Numa das questões abertas, que denominaremos aqui de Q2 (questão 2), solicitamos que o respondente indicasse que tipo de formação gostaria de ter recebido para atuar com aulas remotas. Tivemos o retorno de 270 respostas e que, quando analisadas foram caracterizadas da seguinte forma: utilização de ferramentas; cursos na área; formação em tecnologia; produção e edição de vídeos; metodologias; formação presencial/práticas; videoconferências; adaptação curricular. Seguem as respostas classificadas na categorização, por nível de incidência do maior para o menor.

QUADRO 2 – CATEGORIZAÇÃO DA QUESTÃO 2

Utilização de ferramentas	102
Cursos da área	56
Formação em tecnologia	33
Produção e edição de vídeos	25
Metodologias	21
Formação presencial/práticas	15
Videoconferências	07
Adaptação curricular	01

Os professores apresentaram em suas respostas, com uma incidência muito maior em relação aos demais apontamentos, as questões que se referem à necessidade de formação para a utilização das ferramentas propostas para o período de aulas remotas. Para que o professor possa conhecer e acessar as diferentes alternativas de ensino na modalidade remota, se faz necessário passar por processos formativos, já que a formação continuada pode contribuir para que o professor se sinta mais preparado e sejam minimizadas suas dificuldades frente ao uso de tecnologias digitais (TD) (Kenski, 2012; Richit, Mocrosky & Kalinke, 2016). Enquanto Rocha (et al, 2020) dizem que o professor que utiliza TDs com o objetivo de alterar seus modos de ensino e acaba necessitando de constantes processos formativos, que possam

repercutir em uma ressignificação de sua prática pedagógica. Kenski (2012) alerta, contudo, que se o professor escolher uma tecnologia inadequada ou não a utilizá-la de forma pedagógica, esta pode prejudicar os processos educacionais. Por conta disso, a formação do professor para o uso dessas tecnologias é fundamental.

Destacamos os apontamentos dos professores em relação à utilização de metodologias diferenciadas para esse momento. Aos depoimentos no quadro a seguir vários professores indicam as adaptações necessárias, as solicitações de formação e ainda um professor que apontou a necessidade de uma adaptação curricular. Seguem abaixo alguns desses relatos.

QUADRO 3 – RELATOS DA QUESTÃO 2

Professor 59	“Formação direcionada a fundamentar de forma conceitual e prática as metodologias que comprovem de forma crítica e científica argumentativa o processo de aprendizagem remota com adolescentes sem condições materiais nem preparo, considerando as faltas de condições materiais, espaços físicos e formação dos professores. Pois, estamos apenas reproduzindo conteúdos de forma intuitiva e arcaica”.
Professor 133	“Acredito que estou aprendendo, mas ministrar aulas via ambiente virtual, não é fácil. Assim, entender recursos tecnológicos, para criar recursos para os estudantes”.
Professor 173	“Uma formação direcionada ao uso das ferramentas que estou utilizando nesse momento”.
Professor 220	“Acredito que fomos pegos no susto, pois não havia como nos prepararmos para essa modalidade, mesmo que não houvesse a necessidade do isolamento. Muito disso se deve ao fato de que, as políticas públicas para a educação não estão preocupadas em garantir a universalidade do acesso, ou a mínima qualidade para a educação. Sinto a sensação de que as atividades remotas garantem a manutenção de um sistema de ensino precário, cujo objetivo é garantir a progressão das alunas e alunos para a próxima etapa da educação básica, mesmo que isso custe num prejuízo acadêmico muito grande dessas e desses estudantes”.

Professor 271	“Na verdade, não sou professora de educação à distância. Mesmo estas aulas remotas, da forma que nos foi imposto o trabalho, deveriam ter um período de preparo que antecederesse o início dos trabalhos efetivos com alunos. Com orientação/conhecimento só menos da plataforma, capacitação para preparar e usar material no ambiente virtual... Fomos e estamos sendo obrigados a trocar os pneus do carro enquanto o mesmo está em movimento. O risco de muitos se ferirem neste processo é grandioso”.
Professor 29	“Adaptações Curriculares Específicas na Educação Física, MEET, CLASSROOM, FORMS, enfim todas as ferramentas para utilização nas plataformas que estão operando”.

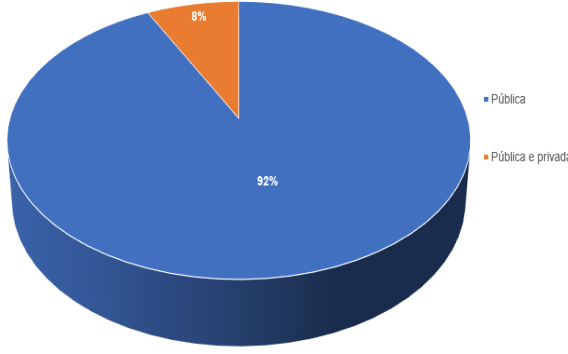
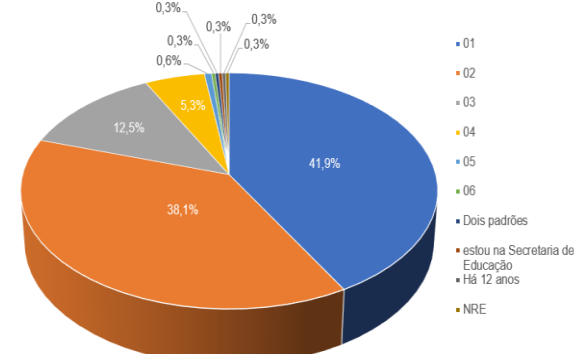
4.3 CONDIÇÕES DE TRABALHO

Das respostas obtidas sobre as condições de trabalho, uma minoria disse acumular funções na rede pública e privada, enquanto mais de 90% trabalham exclusivamente na rede pública. Em relação à quantidade de escolas em que o professor desenvolve suas atividades, em torno de 42% dos professores trabalha numa única escola, 38% em duas escolas, e os demais 20% em três ou mais escolas, com casos de professores que trabalham em seis escolas. Quando se aborda o vínculo empregatício uma maioria absoluta, próximo de 80%, declaram ser concursados, os demais são os contratos temporários, chamados de processo seletivo simplificado (PSS) e ainda alguns casos com contratos pela consolidação das leis do trabalho (CLT). Disseram também em sua maioria que desenvolvem suas atividades laborais com alunos do ensino fundamental e a minoria com alunos do ensino médio e relatam em sua maioria (92%) que trabalham no período diurno. Quando abordados sobre as disciplinas de atuação no momento, aparecem atuações nas diversas áreas do conhecimento, com um certo destaque para o componente curricular de educação física, em torno de 23% e demais áreas com percentuais semelhantes entre elas. Isso se explica pelo fato de eu ser professor de educação física e, por óbvio, minha rede maior de contatos ser de minha área de atuação.

Perguntamos também quais condições foram disponibilizadas pelas mantenedoras para que os professores pudessem desenvolver aulas a distância. Sabemos de antemão que não foi disponibilizado pelo governo do estado nenhum equipamento aos professores para a realização das tarefas remotas. Nas respostas ao questionamento, em torno de 70% dos professores apontaram que apenas orientações foram dadas por meio de conversas e tutoriais. Nesta perspectiva, Marcelo (1999) ressalta que o processo de formação necessita ser contínuo, formação em que os professores têm pouco envolvimento são restritas para a promoção de melhorias na prática.

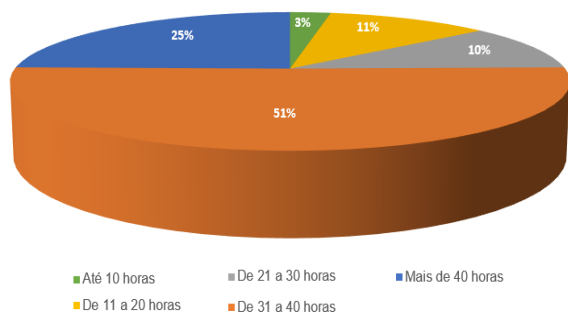
Fica então evidenciado pelas respostas que as condições gerais para a realização do trabalho remoto, seja do ponto de vista da formação que tiveram ao longo de sua trajetória, seja do ponto de vista dos instrumentos materiais necessários para operar as atividades, ficam sob responsabilidade individual de cada professor, dada a ausência, em sua grande maioria, da disponibilização dessas condições seja pelas instituições de ensino que os formaram, seja pela mantenedora que os contrata para o trabalho pedagógico.

Os gráficos 15 a 20 permitem visualizar essas condições de trabalho.

GRÁFICO 15 – ATUAÇÃO – TIPO DE INSTITUIÇÃO	GRÁFICO 16 – ATUAÇÃO – QUANTIDADE DE ESCOLAS																												
 <table border="1"> <caption>Dados do Gráfico 15</caption> <thead> <tr> <th>Tipo de Instituição</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Pública</td> <td>92%</td> </tr> <tr> <td>Pública e privada</td> <td>8%</td> </tr> </tbody> </table>	Tipo de Instituição	Porcentagem	Pública	92%	Pública e privada	8%	 <table border="1"> <caption>Dados do Gráfico 16</caption> <thead> <tr> <th>Quantidade de Escolas / Categoria</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>01</td> <td>41,9%</td> </tr> <tr> <td>02</td> <td>38,1%</td> </tr> <tr> <td>03</td> <td>12,5%</td> </tr> <tr> <td>04</td> <td>5,3%</td> </tr> <tr> <td>05</td> <td>0,6%</td> </tr> <tr> <td>06</td> <td>0,3%</td> </tr> <tr> <td>Dois padrões</td> <td>0,3%</td> </tr> <tr> <td>estou na Secretaria de Educação</td> <td>0,3%</td> </tr> <tr> <td>há 12 anos</td> <td>0,3%</td> </tr> <tr> <td>NRE</td> <td>0,3%</td> </tr> </tbody> </table>	Quantidade de Escolas / Categoria	Porcentagem	01	41,9%	02	38,1%	03	12,5%	04	5,3%	05	0,6%	06	0,3%	Dois padrões	0,3%	estou na Secretaria de Educação	0,3%	há 12 anos	0,3%	NRE	0,3%
Tipo de Instituição	Porcentagem																												
Pública	92%																												
Pública e privada	8%																												
Quantidade de Escolas / Categoria	Porcentagem																												
01	41,9%																												
02	38,1%																												
03	12,5%																												
04	5,3%																												
05	0,6%																												
06	0,3%																												
Dois padrões	0,3%																												
estou na Secretaria de Educação	0,3%																												
há 12 anos	0,3%																												
NRE	0,3%																												
Fonte: O Autor (2021).	Fonte: O Autor (2021).																												

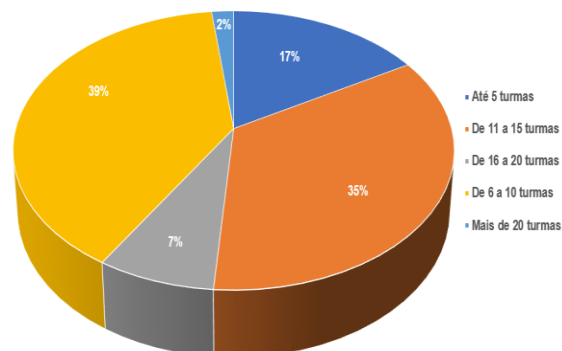
uma relação direta com a disciplina trabalhada pelo professor, haja vista, a diferença da carga horária semanal de cada componente curricular. Nos gráficos 12 e 24 estão indicadas essas condições.

GRÁFICO 21 – ATUAÇÃO – CARGA HORÁRIA SEMANAL



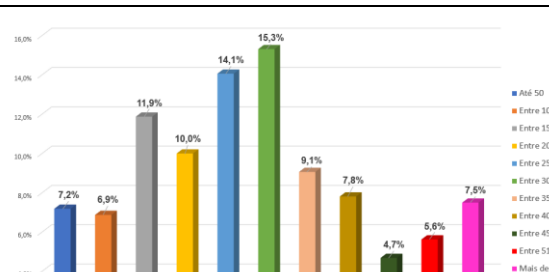
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 22 – ATUAÇÃO – QUANTIDADE DE TURMAS



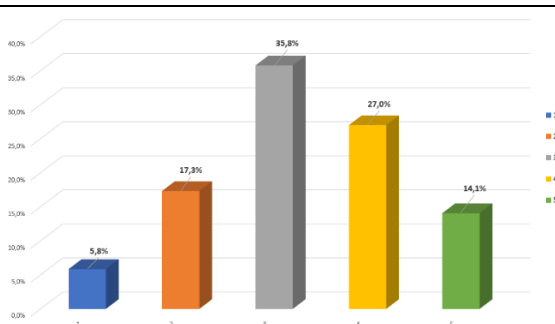
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 23 – ATUAÇÃO – QUANTIDADE DE ALUNOS



Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 24 – ATUAÇÃO – DISPONIBILIDADE DE MATERIAIS



Fonte: O Autor (2021).

A quantidade de turmas e o número de alunos atendidos pelos professores, aliado às deficitárias condições estruturais e de formação são fatores preponderantes para o desenvolvimento do trabalho docente. Quando isso tudo se soma as demandas trazidas pelo período pandêmico, as exigências se intensificam, aumentando as exigências e diminuindo ainda mais, as condições, do já, trabalho precarizado.

As condições de saúde dos professores, assim como dos trabalhadores de uma forma geral, dependem fundamentalmente das relações entre as exigências e condições de realização do trabalho, denominadas

genericamente de cargas de trabalho, derivadas do contexto e das características da organização do trabalho, nesse caso, da atividade de docência (CRUZ; LEMOS, 2005, p.59).

Assim, se anteriormente os professores já manifestavam situações de dificuldades de manutenção de sua saúde, estas condições se manifestam de modo mais intenso durante a Pandemia do COVID 19 exigindo a realização de pesquisas específicas para aprofundar esta questão.

4.4 CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS PROFESSORES NA PANDEMIA

Na quarta questão aberta de resposta curta que denominaremos Q4 (questão 4), solicitamos ao respondente que comentasse sobre questões não abordadas no questionário. Tivemos o retorno de 125 respostas e que, quando analisadas percebemos questões já apontadas no questionário, tais como: necessidade de mudanças; formação continuada; tempo para organização e planejamento; momento de aprendizado; desinteresse dos alunos; mudanças constantes por parte da secretaria; questões muito boas; precarização do trabalho; falta de acesso por parte dos alunos; desigualdades. Em relação às condições de saúde na pandemia, optamos por abordar a temática em nosso trabalho, o que inicialmente não estava previsto. Nos surpreendeu a quantidade de apontamentos trazidos pelos professores em relação à saúde física e mental desses profissionais no período da pandemia. Entendemos a relevância do assunto, principalmente num momento que essas questões foram intensificadas, justificadas pelo aumento no volume de trabalho, cobrança e exigências da mantenedora, aliada ao “novo momento” que se exigiu modificações nas práticas profissionais. Seguimos com relatos trazido por esses professores.

QUADRO 4 – RELATOS DA QUESTÃO 4

Professor 2	“tema relevante ao momento atual e para pensar as condições de trabalho do professor e sua formação”.
Professor 27	“Muita pressão da secretaria, criando ferramentas para nós monitorar, quando começamos a dominar algo, apresentam outra exigindo novos conhecimentos”.

Professor 302	“Estou extremamente estressado e angustiado, perdendo minha saúde com tudo isso. Só tenho cobranças e mais cobranças de algo que não deu certo, mas que insistem em prosseguir devido à política”.
Professor 64	“Vejo que há uma questão relevante para o gênero feminino. Infelizmente além de termos que dar conta do trabalho docente estamos com os filhos em casa. Somado a isto, as tarefas domésticas. A sobrecarga de trabalho para as professoras com filhos, no meu caso, me deixou limitada quando ao poder dar o melhor de mim nas aulas remotas. Uma realidade cruel”.
Professor 173	“Não sei se é o espaço, mas acredito ser importante destacar a saúde do professor”.
Professor 114	“Esse momento de pandemia está sendo bem complicado para todo mundo. Nós professores estamos sendo ainda mais cobrados por todo mundo (MEC, secretarias de educação, gestão da escola e famílias), mas recebemos pouco apoio. A falta de comunicação e devolutivas de atividades por parte de muitos alunos está nos desanimando. Muita cobrança em cima dos professores para pouco apoio e retorno”.
Professor 160	“Saúde mental do profissional docente na pandemia é uma questão muito pertinente para se debater. Haja visto que muitos docentes apresentaram quadro depressivo e outros”.
Professor 253	“Esqueceram da saúde mental do professor. Do quanto essa abordagem é contrária ao perfil do profissional do magistério. As mantenedoras deveriam oferecer também cursos ou palestras sobre a manutenção da saúde mental e física. O professor também é vítima da pandemia, tem medo, tem família, perde aulas, perde o sono, perde o sonho”.

Professor 264	“Ansiedade e estresse provocados pela desorganização da mantenedora e pelo controle excessivo do trabalho remoto. Ferramentas que poderiam ser utilizadas para levantar”.
---------------	---

O que ficou marcado nessa questão foi a necessidade para os professores de se discutir as situações da saúde dos professores diante desse contexto vivido, o que fica como indicativo para tal aprofundamento em novos estudos no tema com esse recorte específico. A discussão sobre a saúde do trabalhador de forma geral não é algo novo e não é nova também a discussão dessas condições no meio educacional.

Parte-se da premissa de que com a reestruturação produtiva assistida de forma mais ostensiva nas duas últimas décadas, novas demandas têm sido apresentadas à educação escolar com relação aos seus objetivos, refletindo em mudanças nas formas de gestão e organização do trabalho na escola (OLIVEIRA, 2004, p.1127).

Nos últimos períodos as reformas se intensificaram, permitindo alterações significativas nas relações de trabalho, incluindo-se também o meio educacional. Essas mudanças intensificaram a precarização dos contratos, diminuindo direitos e garantias dos trabalhadores. No período de pandemia as alterações exigidas no modelo de ensinar e a utilização de novos meios para acessar e alcançar o aluno, trouxeram ainda mais o aumento no volume de trabalho e o desgaste emocional desse professor. Dados referendados por uma pesquisa realizada por Semis (2020, p.14), sobre as condições de saúde do professor no período da pandemia:

Estresse envolvido na necessidade de aprender rápido para adequar o planejamento, risco de contaminação, insegurança em relação ao futuro, falta de reconhecimento das famílias e gestores, aumento no tempo de preparo das aulas e de dedicação aos alunos e sensação de não conseguir dar conta de todas as demandas domésticas, familiares e profissionais aparecem entre os fatores destacados pelos professores.

4.5 ATUAÇÃO DOCENTE NO PERÍODO REMOTO

Nas questões abaixo utilizamos no questionário a escala Likert, 1 a 5. Pouco é o nível inferior e muito é o nível superior, assim classificados: 1. Discordo fortemente. 2. Discordo. 3. Não concordo nem discordo. 4. Concordo. 5. Concordo fortemente. O professor tinha como marcar somente uma opção.

Quando perguntados se estão desenvolvendo atividades remotas no período de pandemia, tivemos como retorno que uma maioria, expressada por 92% que estão entre os níveis quatro e cinco, o que representa concordar e concordar fortemente que sim, e menos de 1% estão entre os que discordaram fortemente. Esses números se justificam, pois com o direcionamento dado pelo governo do estado com o Decreto 4.230/2020 que autoriza o trabalho remoto e com a deliberação 01/2020 do CEE referendando a posição dessa forma de trabalho na educação, aliada à organização da SEED, exigiram que os professores iniciassem de forma remota o atendimento aos alunos.

Quanto aos equipamentos utilizados para realizar o trabalho nas aulas não presenciais, 60% dos entrevistados apontaram utilizar o equipamento com exclusividade; 30% relataram dividir a utilização do equipamento com mais uma pessoa em casa; e ainda 10% dividindo a utilização do equipamento em casa com duas ou mais pessoas. Quando abordados sobre a qualidade dos equipamentos que estão sendo utilizados no período da pandemia, tivemos o retorno de que para 70% os equipamentos utilizados são bons e ótimos. Nesse quesito, nos causou um certo estranhamento, pois a expectativa inicial era de que as condições dos equipamentos dos professores pudesse ser um empecilho para a realização do trabalho remoto, o que a pesquisa não confirmou.

Na abordagem sobre se já utilizavam material didático digital em suas aulas, as respostas foram de que 65% utilizavam muito ou sempre e 15% não utilizavam ou quase não utilizavam. Os demais 20% apontaram um nível intermediário de utilização.

No próximo questionamento, sobre as tecnologias, foi perguntado se os programas e os materiais disponibilizados pela instituição na qual trabalha têm sido suficientes para o desenvolvimento de suas atividades remotas. Mais de 40% dos professores entendem que sim, tendo apontado respostas muito ou plenamente satisfatórias. 35% dos professores apontam nível intermediário de satisfação com estes elementos. E apenas 22% expressam insatisfação determinante.

Quando o assunto é em relação a participação dos alunos nas aulas remotas, metade dos professores responderam a opção intermediária, que indica que em torno de metade dos alunos, apenas, estão participando. Já no que diz respeito aos alunos conseguirem realizar e entregar as atividades remotas solicitadas, ficou evidenciado que 44% dos alunos respondem metade do que foi proposto, 23% não respondem nada ou quase nada e 33% respondem tudo ou quase tudo. Tais dados justificam

assim a preocupação dos professores da não participação dos alunos e a devolutiva das atividades propostas, o que também aparece na pesquisa da Nova Escola 2020 p. 17 onde os professores apresentam como as principais preocupações, a garantia ao acesso à tecnologia de todos os alunos e professores (64%), e acompanhar a presença e a aprendizagem dos alunos a distância (54,7%).

Em resposta à afirmação de que com as aulas realizadas foi possível provocar aprendizagem nos estudantes, 24% responderam que concordam e concordam fortemente, enquanto pouco mais de 30% discordam e discordam fortemente, sendo que uma quantidade significativa dos respondentes optou pelo nível três, não concordando, nem discordando, esse número foi próximo de 45%.

Uma considerável maioria dos professores afirmaram realizar avaliações da aprendizagem dos estudantes. Chega a 70% os professores que concordam fortemente ou concordam com tal afirmação. Foi perguntado também sobre o tempo gasto semanalmente com estas avaliações das atividades, o que para 61% é de até dez horas, 31% afirmam gastar mais de 10 horas. Apenas 7,5% disseram não fazer avaliações das atividades.

Quanto a carga horária semanal utilizada para planejamento e preparação de material didático, 15% disseram gastar até cinco horas, 34% responderam gastar de cinco a dez horas, já para 23%, esse tempo é maior de que quinze horas e em torno de 4% disseram não preparar planejamento e material didático.

No tempo gasto semanalmente ministrando aulas on-line, 32% responderam não ministrar aulas on-line. Dos demais, 26% dos entrevistados disseram gastar mais de quinze horas nessa atividade, 18% afirmam gastar de 5 a 10 horas, 14% até cinco horas e 10% afirmam gastar de 10 a 15 horas semanais com aulas online.

Quando foram questionados sobre o tempo gasto semanalmente com atividades de orientação dos alunos, tivemos números semelhantes nas respostas, com próximo de 30% dos professores se enquadrando em cada uma das três categorias: até 5 horas; de 5 a 10 horas; e mais de 10 horas. Apenas 9% declararam não realizar atividades de orientação para os alunos.

Questionados a respeito da carga horária geral de trabalho e seus efeitos, os professores apontaram o seguinte. Para 84% a afirmação foi de que a carga horária de trabalho no período de pandemia tem sido maior ou muito maior, enquanto para 6% declarou estar trabalhando menos ou muito menos nesse período. Apenas 10% afirmam não ter percebido alteração nesse sentido. O alto índice de concordância

nessa questão se dá pela necessidade de reestruturação, planejamento e utilização de novas ferramentas, até então não conhecida, pela maioria dos professores e em novas tarefas atribuídas ao professor, como por exemplo, realizar a busca ativa de alunos ausentes.

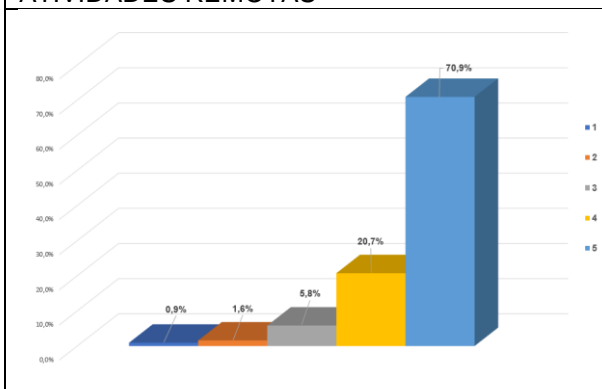
Refletindo sobre as consequências dessas mudanças, apenas 8% apontaram sentimentos de tranquilidade e esperança. Quase todo o resto (92%) expressou situações de mais cansaço, ansiedade e estresse, em diferentes nuances e combinações.

Perguntados sobre qual seria a maior dificuldade profissional dos(as) docentes nesse período de trabalho remoto, vimos que uma maioria apontou que é o acompanhamento e avaliação da aprendizagem dos estudantes. E na sequência foi apontado a dificuldade de lidar com as ferramentas virtuais e ministrar aulas remotas.

Em relação à predominância no uso de equipamentos, os professores apontaram que, na sua percepção até agora, próximo de 90% dos alunos estão utilizando o celular e para uma minoria a televisão, o tablet ou o computador.

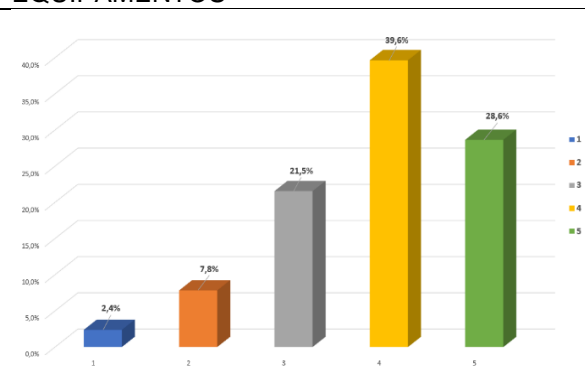
Nos gráficos 25 a 37 estão sistematizados estes dados sobre as condições para atuação docente na pandemia do COVID 19.

GRÁFICO 25 – DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES REMOTAS



Fonte: O Autor (2021).

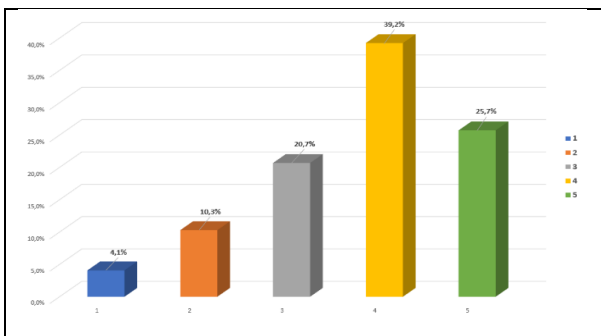
GRÁFICO 26 – CONDIÇÕES DE EQUIPAMENTOS



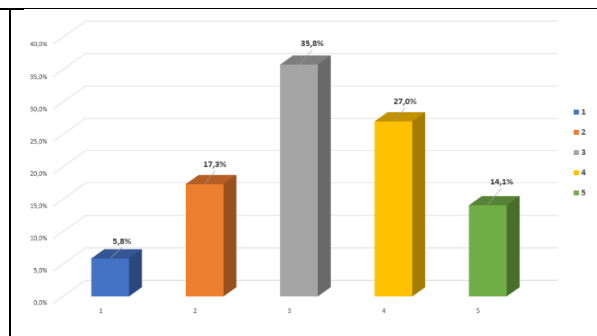
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 27 – UTILIZAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL ANTES DA PANDEMIA

GRÁFICO 28 – PROGRAMAS E MATERIAIS DISPONIBILIZADOS PELA MANTENEDORA TÊM SIDO SUFICIENTES

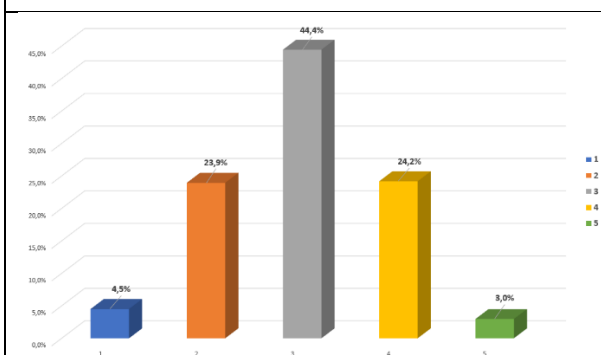


Fonte: O Autor (2021).



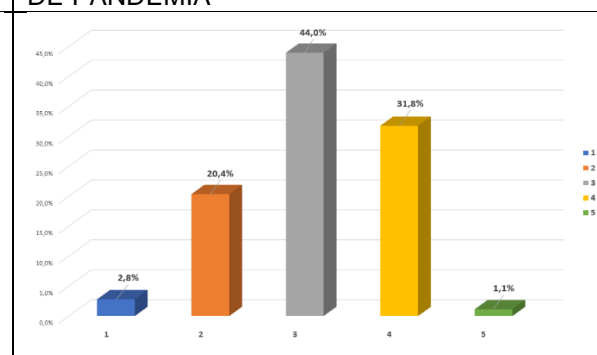
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 29 – PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS REMOTAS



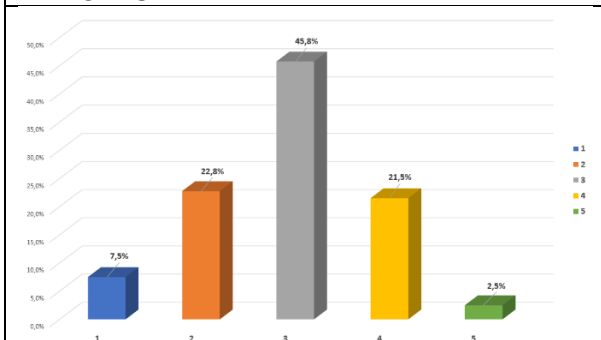
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 30 – REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PELOS ALUNOS NO PERÍODO DE PANDEMIA



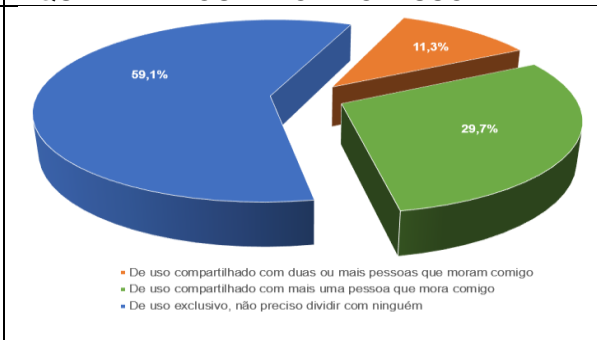
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 31 – APRENDIZAGENS NAS AULAS REMOTAS



Fonte: O Autor (2021).

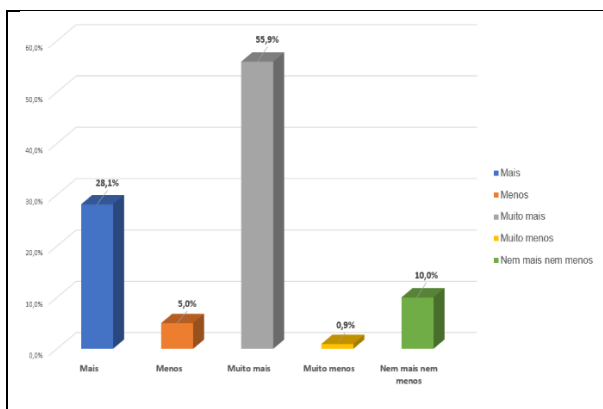
GRÁFICO 32 – UTILIZAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS PELO PROFESSOR



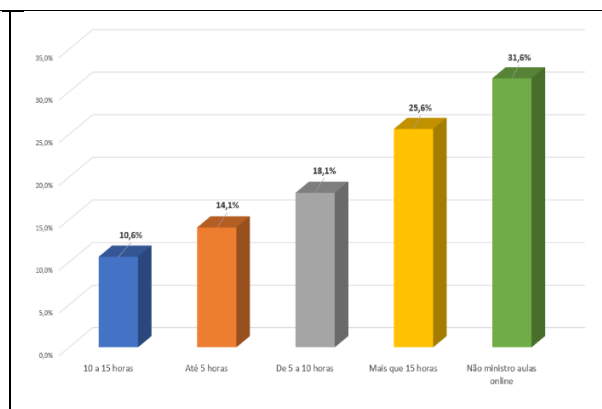
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 33 – CARGA HORÁRIA DE TRABALHO DURANTE NA PANDEMIA

GRÁFICO 34 – CARGA HORÁRIA SEMANAL COM AULAS ONLINE

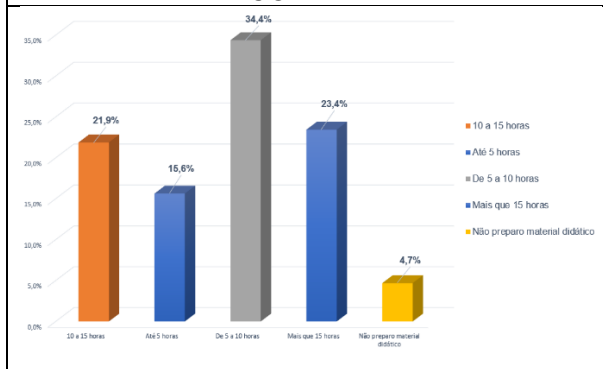


Fonte: O Autor (2021).



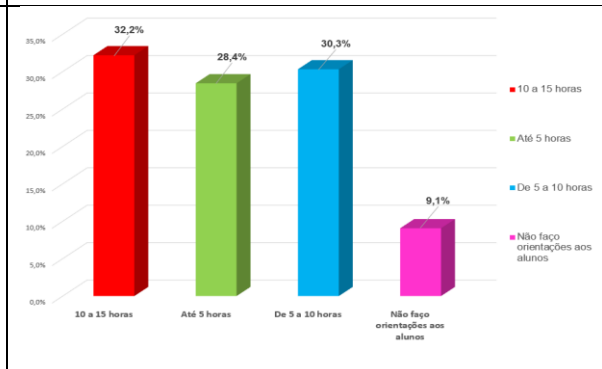
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 35 – CARGA HORÁRIA SEMANAL COM PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO



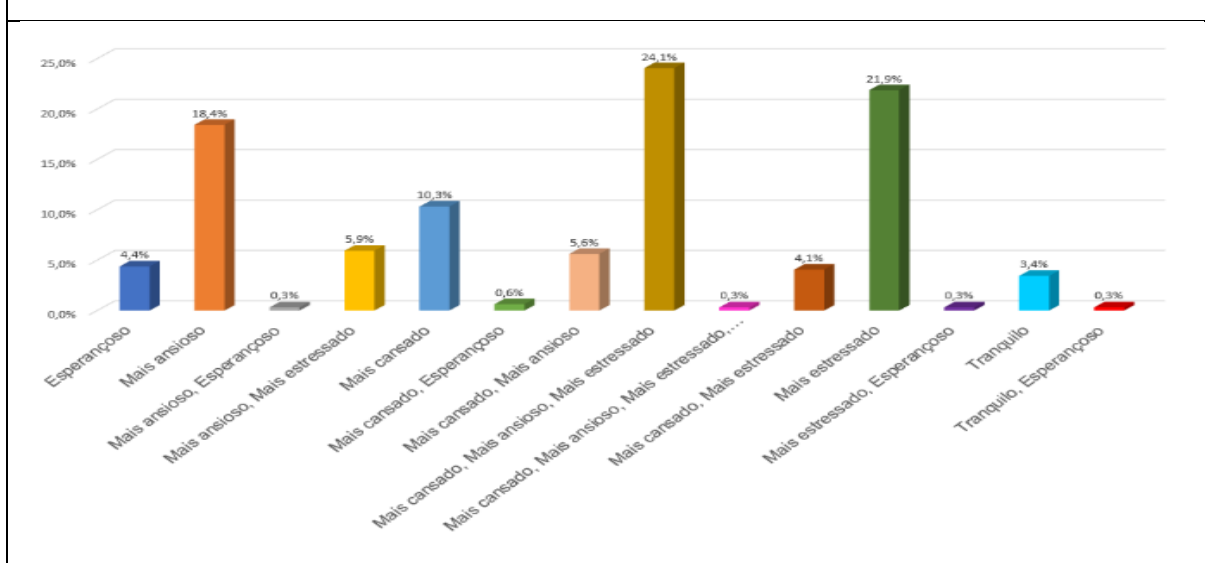
Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 36 – CARGA HORÁRIA SEMANAL COM ORIENTAÇÃO AOS ALUNOS



Fonte: O Autor (2021).

GRÁFICO 37 – EFEITOS DO TRABALHO REMOTONA SAÚDE DO PROFESSOR



Fonte: O Autor (2021).

Para abordar a atuação docente no período remoto, elaboramos algumas questões para os professores e aqui, em uma das questões abertas, a que denominaremos Q1 (questão 1), que foi a seguinte: Comente as condições do desenvolvimento e como foi a sua prática, e aponte a situação vivida nas atividades profissionais nesse período de pandemia. Tivemos o retorno de 260 respostas, que foram separadas da seguinte forma: não adesão e participação dos alunos; maior volume de trabalho; processo de atualização; desgaste físico, psicológico e situações de sofrimento; problemas estruturais; boas condições/processo tranquilo e encaminhamentos descontraídos e confusos da mantenedora. São apresentadas no quadro 1 as respostas classificadas, por nível de incidência do maior para o menor.

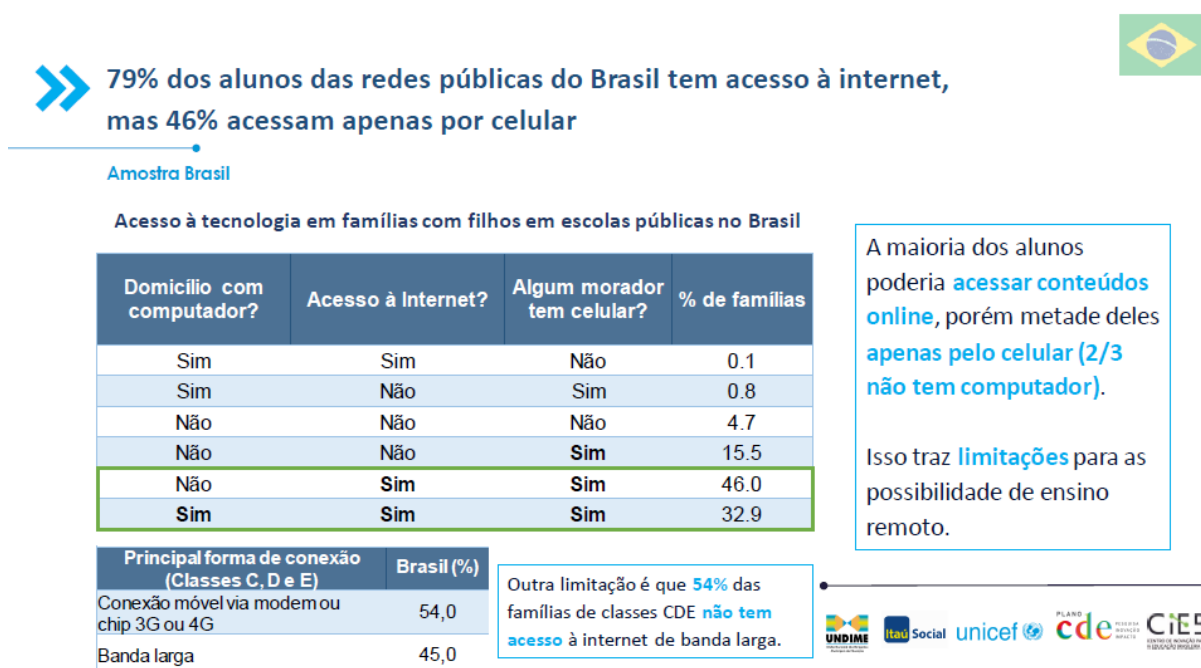
QUADRO 5 – CATEGORIZAÇÃO DA QUESTÃO 1

Adesão e participação dos alunos	70
Processo de atualização	65
Desgaste físico, psicológico e situações de sofrimento	63
Encaminhamentos confusos e descontraídos da mantenedora	60
Maior volume de trabalho	54
Problemas estruturais	32
Boas condições e processo tranquilo	23

Nas respostas dos professores à esta questão percebemos um misto de sensações e preocupações, sendo que a maior delas foi de que os alunos aderissem e participassem das atividades propostas. Demonstrando assim, um comprometimento dos professores no processo de aprendizagem de seus alunos, assumindo o seu papel de ensinar, mesmo diante de uma nova perspectiva, que é o ensino remoto. Segundo dados do estudo “Enfrentamento da cultura do fracasso escolar”, lançado pelo UNICEF (2021), em parceria com o Instituto Claro, e produzido pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - Cenpec, mais de 5,5 milhões de crianças e adolescentes não tiveram atividades escolares em 2020. Essa situação já existia em 2019 e se agravou com a pandemia. A situação do fracasso escolar é recorrente no Brasil e como relata Florence Bauer representante do UNICEF no Brasil. “Essa cultura do fracasso escolar acaba por excluir sempre os mesmos estudantes, que já sofrem outras violações de direitos dentro e fora da escola (UNICEF, 2021, p. 6).

Em uma pesquisa organizada pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) entre o final de abril e o início de maio, contando com a participação de 3.978 redes municipais de ensino, que representam 71% do total do país, intitulada “Desafios das Secretarias de Educação do Brasil na oferta de atividades educacionais não presenciais”¹⁰, os gestores apontam que, naquele momento, ainda que 83% dos alunos das redes públicas do Brasil vivam em famílias vulneráveis (que recebem até 1 salário mínimo per capita), 79% dos alunos das redes públicas do Brasil tem acesso à internet. A pesquisa aponta que 33% dos domicílios contavam com computador com acesso à internet e havia algum morador com celular, enquanto 46% contavam com acesso à internet apenas pelo celular.

FIGURA 1 – ACESSO DOS ALUNOS À INTERNET



FONTE: UNDIME/CONSED, 2020

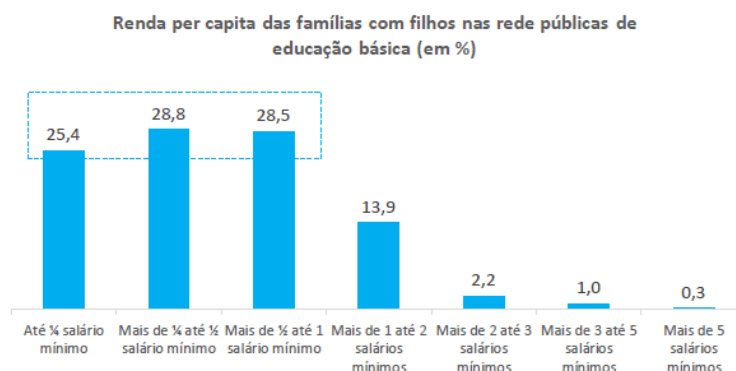
FIGURA 2 – RENDA PER CAPITA DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

¹⁰ A pesquisa foi realizada em parceria com o Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB), Fundação Itaú Social, Fundação Lemann e Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) – Disponível em: https://undime.org.br/uploads/documentos/php7UsIEg_5ee8efc8a8c7e.pdf. Acesso em: 02 nov. 2020.



83% dos alunos das redes públicas do Brasil vivem em famílias vulneráveis (que recebem até 1 salário mínimo per capita)

Amostra Brasil



Isso mostra que a maior parte das famílias das escolas públicas **estará vulnerável durante a crise** gerada pela pandemia.



FONTE: UNIDIME/CONSED, 2020

Nessa mesma pesquisa o relatório aponta que se percebe um esforço das redes educacionais, dos professores e das famílias na tentativa de manutenção dos vínculos e na sequência das atividades escolares.

Os professores perceberam a dificuldade na prática do dia a dia com os seus alunos, o que ficou caracterizado nos dados da pesquisa, que trouxeram as dificuldades de retorno e a pouca participação dos alunos nas atividades propostas, o que foi referendado pela pesquisa Undime que mostra que, menos de 80% dos alunos da rede pública brasileira tem acesso à internet, sendo que desses quase metade acessa somente pelo celular.

No caso do Paraná, a SEED, dentro de sua organização, proporcionou meios de acesso aos alunos para a participação e realização das atividades propostas, sendo eles: as aulas por TV aberta, canal do *Youtube*, aplicativo “Aula Paraná” e as trilhas de aprendizagem. O que se evidencia na prática pelas respostas e preocupação dos professores, é que mesmo disponibilizando essas ferramentas de acesso, o número de alunos participantes e envolvidos na realização das tarefas propostas, sempre foi baixo.

A formação continuada apareceu como segundo ponto mais citado pelos professores nesta questão. Para Boeno (2013, p.37),

a formação continuada de professores esteve sempre atrelada à atualização dos conhecimentos científicos, para que os currículos fossem adequados

corretamente e repassados aos alunos. Simultaneamente a estas atualizações de nível conteudista, a formação continuada também tem atendido, ao longo da história, aos interesses políticos, econômicos e ideológicos dos governos municipais, estaduais e federais, empresários e mercado global, conforme a influência de cada grupo nos sistemas de ensino.

A formação continuada tem como sua principal função dar subsídios e condições para que se efetive um trabalho de qualidade. Nesse momento, da necessidade evidente de utilização das tecnologias digitais, ferramentas e adaptação metodológica, essas não se mostraram presentes e eficazes para as demandas apresentadas. A necessidade de atualização e formação foi relatada pelos professores, apontando a dificuldade em acompanhar e utilizar as ferramentas propostas pela mantenedora, situação confirmada também pela pesquisa da Undime (2020, p.18) que cita que

identificaram-se outros impedimentos, como as dificuldades de professoras(es) no uso das tecnologias e na criação ou seleção de conteúdos; a falta de equipamentos e a baixa conectividade para professoras(es) e estudantes.

A SEED, dentro de sua diretiva para a aplicabilidade das ações propostas, viabilizou práticas regulares de formação aos professores durante esse período de pandemia, como por exemplo o Canal do Professor e o Grupo de Estudos Formadores em Ação, além de tutoriais pela Coordenação Regional de Tecnologia Educacional – CRTE dos Núcleos Regionais de Educação. O que se percebe em relação ao processo de formação é que ele tem sido bastante deficitário no decorrer dos anos e agora, insuficiente para atender o que a demanda exigiu. Incluindo-se ainda, o aumento no volume de trabalho relatado pelos professores e a dificuldade no processo de adaptação para a realização das aulas com a transferência da escola para dentro de casa, alterando toda uma rotina de trabalho, atendimento aos familiares e demais tarefas domésticas.

A formação continuada se entende por um processo lento, gradativo e constante. É realmente complexo contemplar um déficit histórico nesse processo de formação em poucos dias, como a necessidade exigiu. Para Rocha et al (2020) o professor que utiliza TDs com o objetivo de alterar seus modos de ensino acaba necessitando de constantes processos formativos, que possam repercutir em uma ressignificação de sua prática pedagógica. Concordamos com os autores que apontam essa necessidade e entendemos que essa ressignificação é um processo de deve ser construído, o que demanda algum tempo para sua efetivação.

Apesar de não ser o foco principal de nossa pesquisa, nos surpreendeu o volume de apontamentos dos professores em relação à saúde física e mental durante esse período de pandemia. Tivemos uma forte incidência nas respostas dos professores relatando o desgaste físico, psicológico e as situações de sofrimento no período da pandemia, sendo o terceiro mais citado nessa questão. Ferreira e Barbosa (2020, p.3) relatam que nesse momento se encontram

professoras que diariamente assumem a tarefa de escolarizar à mesa do almoço, letrar crianças junto às bonecas, realizar experimentos científicos à pia cheia de louças, ler histórias à meia luz amarela do quarto de dormir. Em uma somatória de ensaios e erros, ora demonstram preocupação em acompanhar prescrições conteudistas, que lhe são exigidas, ora reafirmam compromisso com os vínculos e as experiências. Juntamente às práticas cotidianas do chão da escola, suprime-se de sua rotina a convivência da sala dos professores, as trocas e os contatos dos corredores, os momentos de diálogo e de interlocução sobre, na e para a prática. Estão mais sozinhas e mais atarefadas.

Nossa pesquisa confirma os apontamentos realizados pelos autores, destacando as situações de estresse, problemas psicológicos e confirmando o aumento significativo do volume de trabalho nesse período.

As questões estruturais, que a princípio tínhamos a impressão de que seria um dos maiores problemas e um dificultador para a realização do ensino remoto, apareceu com uma incidência relativamente pequena na percepção dos professores em relação as outras questões, quebrando assim uma impressão inicial do pesquisador.

As mudanças constantes nas orientações da mantenedora, gerando insegurança nos encaminhamentos e retrabalho, também foram apontados. A pesquisa da Undime (2020) aponta que as mantenedoras relatam que a implantação do ensino remoto tem sido desafiadora: ainda há indefinições legais; os professores têm dificuldade em lidar com as tecnologias; 40% das redes municipais ainda não tinham definições sobre o ensino remoto; 90% dessas redes são de cidades pequenas.

Um grupo, mesmo que pequeno de professores relataram já ter experiências anteriores na utilização das ferramentas, o que, minimizou os problemas apresentados durante suas práticas no período da pandemia.

Percebemos pelos relatos dos professores:

QUADRO 6 – RELATOS DA QUESTÃO 1

Professor 170	“Difícil o contato com os alunos, não percebo interesse nem aquisição da aprendizagem. Carga de trabalho extenuante para professores, morosidade, alunos não realizam atividades. E temos muitas cobranças. Em relação a entender todo este processo digital também não me preocupo, pois se não sei vou procurar saber, entender e fazer. Minha preocupação é o aluno”.
Professor 253	“Muito difícil atender os alunos, especialmente os com dificuldades de aprendizagem. É muito extenuante repetir individualmente as orientações. As ações são repetidas inúmeras vezes, por exemplo o acompanhamento das frequências dos alunos e de suas tarefas, uma vez que podem ser feitas a qualquer momento. Fazer contatos e não receber respostas é muito frustrante. As exigências e a carga de trabalho só aumentam. Trabalhar em casa é difícil, não há ambiente adequado. Trabalho no meu quarto, o meu local de descanso virou meu escritório. Isso não é bom. Sem conexão, exceto as videoconferências, com os colegas. É triste. Me sinto usada”.
Professor 279	“Condições de estar aberto ao novo, aprender praticando, pois, a dificuldade era plena para todos os profissionais, alguns professores os mais jovens com mais facilidade de domínio aos aplicativos, onde se apropriaram mais rápido e nos auxiliaram muito com tutoriais desenvolvidos por eles. Diante do caos que se instalou, pois além de termos que aprendem a lidar com o novo, tínhamos que orientar e ensinar os alunos e seus responsáveis sobre como usá-lo para assistir as aulas, realizar as atividades e pontuar sua frequência. Foi muito difícil, em pouco tempo ter que dar conta de tudo”.
Professor 75	“O desenvolvimento da prática docente no período da pandemia, é comparado a um parto prematuro, onde a preocupação e a ansiedade, de ter que aprender a utilizar as ferramentas, gerenciar e ainda orientar os alunos, superaram a alegria do prazer de educar. Depois de superada as dificuldades iniciais, o trabalho se resume a produção de materiais avaliativos e a motivar/cobrar

	alunos para realizá-las. Em razão de que eles bem pouco se interagem no ambiente virtual com os professores. Basicamente, quem estão estudando são os professores e uma parcela bem mínima de alunos”.
Professor 132	“Antes da pandemia eu já utilizava a ferramenta com meus alunos, então não foi muita surpresa para mim e nem pra eles. Meu trabalho aumentou muito, pois preciso criar tudo do zero para que, nas disciplinas técnicas, eu tenha a possibilidade de o aluno compreender. Não considero que a aprendizagem esteja acontecendo, pois, não consigo com as ferramentas disponibilizadas avaliar o aluno e, eles mesmo não têm a disciplina de estudar EAD. Aos poucos eles foram aprendendo a utilizar a ferramenta, porém o interesse, percebo que está cada vez menor. Mesmo utilizando a ferramenta após a pandemia, deixando as aulas mais dinâmicas, não posso afirmar que o conhecimento técnico foi adquirido, deixando-me assim com um sentimento de frustração devido a qualidade do profissional que estou inserindo no mercado de trabalho”.
Professor 219	“Tenho um pouco de facilidade em utilizar os recursos tecnológicos devido à minha formação acadêmica, mesmo assim afirmo que foi muito desgastante a implantação do ensino remoto emergencial. O excesso de informações, lives, tutoriais foi muito grande”.

Nas declarações acima fica latente a preocupação dos professores com a participação e o retorno dos alunos nas atividades propostas. As difíceis condições de se trabalhar em casa, a necessidade urgente de capacitação para a utilização das ferramentas disponibilizadas e o aumento do nível de ansiedade e de situações de estresse, foi outro apontamento com forte incidência.

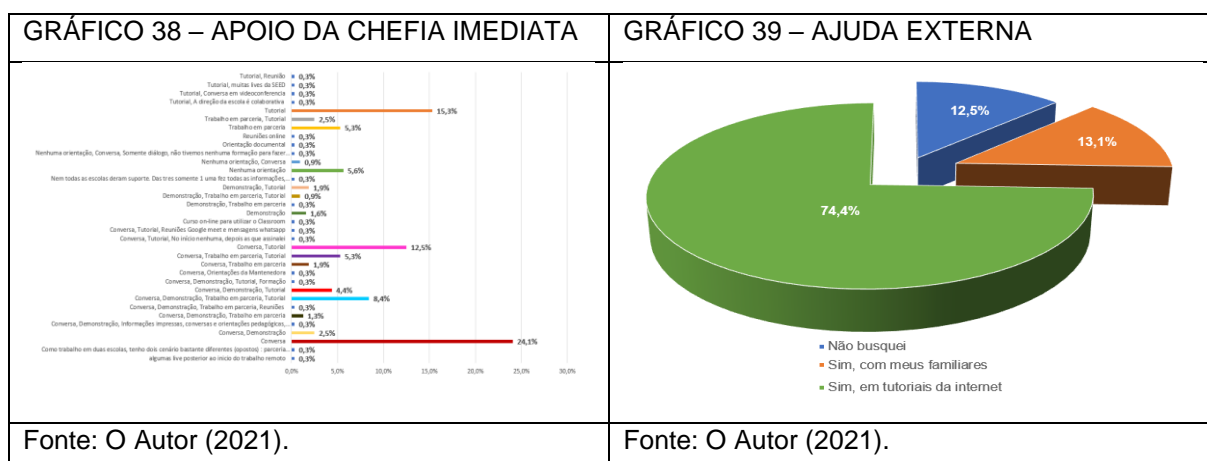
4.6 APOIO PARA ATUAÇÃO DOCENTE NO PERÍODO REMOTO

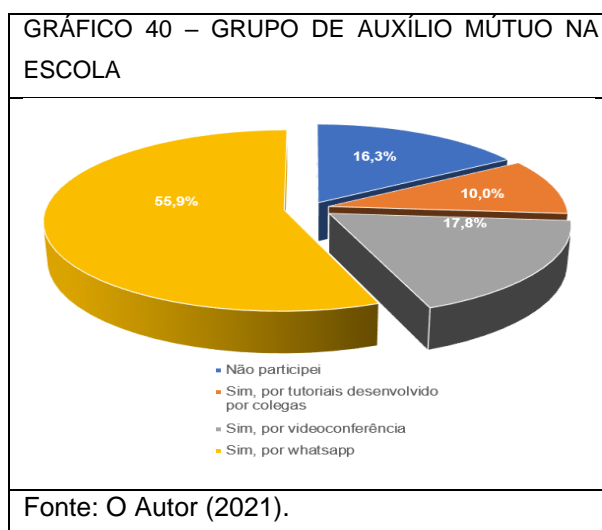
Nesse tópico foi questionado o apoio que o professor recebeu da sua chefia imediata para a realização de suas atividades remotas no período da pandemia.

Sobre o auxílio e o suporte dos diretores e coordenadores da escola para estimular a participação dos estudantes nas atividades pedagógicas, as respostas da maioria, algo próximo 80% foi que concordam e concordam fortemente que existiu esse auxílio, referendando a tentativa de auxílio mútuo e o processo colaborativo que se deu no período de pandemia entre os professores. Na abordagem sobre o tipo de formação/orientação que receberam da chefia imediata ou da instituição na qual trabalha para realizar a atividade remota no período de pandemia, as respostas da maioria foi de que o processo se deu por conversas e tutorias. Quando perguntados se buscaram ajudas externas para aprender a operar as plataformas disponibilizadas pela instituição na qual trabalha, a resposta para uma maioria foi que sim, sendo que 74% recorreram aos tutoriais da internet, 13% apelaram ao auxílio de familiares e uma minoria, em torno de 12% declararam não ter buscado auxílio externo para a utilização das plataformas.

Foi questionado se o professor participou de algum grupo criado na escola entre os professores para auxílio mútuo de utilização das ferramentas digitais, e a resposta foi de que apenas 16% não participou. O restante declara ter participado e de várias formas, tutorias, videoconferências e whatsapp, sendo este o mais utilizado (56%). Nos parece que a escassez de treinamento sobre o tema, disponibilizado pela SEED, impulsionou as tentativas individuais dos professores para minimizar as dificuldades encontradas. Sendo essa busca constante por auxílio de colegas, como de pessoas externas, além de tutoriais na internet.

Os gráficos 38 a 40 sintetizam esses dados.





4.7 A PRÁTICA PÓS PANDEMIA

Na terceira questão aberta de resposta curta que denominaremos Q3 (questão 3), solicitamos que o respondente nos apontasse sua avaliação de como serão as suas práticas docentes depois da pandemia? Tivemos o retorno de 269 respostas que, quando analisadas, foram classificadas da seguinte forma: com mais utilização da tecnologia nas aulas; melhor que hoje; não muda; mudanças na prática pedagógica; momento de retomada dos conteúdos/ conhecimentos; intensificação das desigualdades; inovação; satisfatório; de muitas dúvidas; superação. Na percepção dos professores ficou bem marcado que no período pós pandemia serão utilizadas muito mais as tecnologias do que no que era empregado anteriormente. Mizukami (2006, p. 214) pontua que “os processos de aprender e ensinar, de aprender a ser professor e de desenvolvimento profissional de professores são lentos, iniciam-se antes do espaço formativo dos cursos de licenciatura e se prolongam por toda a vida”. E Penteadó (2000) reafirma a necessidade de uma formação constante, apontando que muitos professores evitam as TD justamente pela mobilidade frequente delas. Mas é fato que o mundo virtual é uma realidade (LÉVY, 1999), e que não seria mais possível seguir sem as tecnologias digitais, inclusive nas escolas.

O segundo ponto apontado pelos professores é a necessidade da retomada dos conteúdos e a necessidade de mudanças na prática pedagógica. E para um número bem pequeno dos professores disseram que nada deve mudar no período pós pandemia, sendo esses últimos, os professores que de alguma forma têm facilidade com a utilização das ferramentas tecnológicas e que já se utilizavam das mesmas antes do período da pandemia. Os professores nessa questão, reafirmam suas preocupações em relação ao aprendizado do aluno, citando a necessidade de retomada dos conteúdos, isso, ficou muito evidenciado em nossa pesquisa, aparecendo também em outros momentos. Com isso, o professor reafirma seu compromisso pedagógico e o comprometimento em ensinar, mesmo diante desse contexto atípico e difícil.

Seguem as respostas classificadas na categorização, por nível de incidência do maior para o menor.

QUADRO 7 – CATEGORIZAÇÃO DA QUESTÃO 3

Com mais utilização da tecnologia nas aulas	83
Momento de retomada dos conteúdos/ conhecimentos	35
De muitas dúvidas	30
Melhor que hoje	29
Mudanças na prática pedagógica	24
Inovação	21
Superação	14
Não muda	10
Intensificação das desigualdades	08
Satisfatório	03

Abaixo, alguns relatos trazidos pelos professores:

QUADRO 8 – RELATOS DA QUASTÃO 3

Professor 15	“Totalmente diferente de antes. Penso que a abertura que estamos tendo na área de tecnologia vai impactar diretamente a prática de todos nós”.
--------------	--

Professor 40	“Gostaria de ter mais o uso da tecnologia como ferramenta para auxiliar em algumas aulas. Porém entra em questão se essa tecnologia estará à nossa disposição na escola para toda a turma e em condições de uso”.
Professor 76	“Teremos que voltar à escola com um olhar diferenciado e fazer uso de novas tecnologias e novos métodos”.
Professor 100	“Muito melhores! Pois, embora uma pandemia seja algo muito triste, estamos sendo obrigados a sair da zona de conforto e lidar com as tecnologias com mais profundidade! Algo que no passado seria impossível imaginar!”.
Professor 251	“Certamente melhores. Não há como se abrir mão do ensino presencial, especialmente no ensino fundamental, mas dá para ter a tecnologia como um importante aliado. Antes da pandemia não percebia a necessidade do uso de todas essas tecnologias que por hora estão sendo utilizadas”.
Professor 183	“Trabalhosa, pois terei que abordar novamente os conteúdos trabalhados com alunos que não conseguiram de forma alguma realizar as atividades, assim como com alunos com dificuldades”.

É preciso levar em consideração que durante a pandemia viu-se uma redução das atividades econômicas e conseqüentemente, da arrecadação tributária, que é a principal fonte de financiamento da educação pública. Esse cenário pode ameaçar a garantia do direito à educação, a permanência e o sucesso escolar, comprometendo ainda mais a situação atual. A retomada de conhecimentos apontada pelos professores de nossa pesquisa é confirmada por dados de uma pesquisa realizada em 2020 pela Nova Escola, p. 22, apontando que “A defasagem da aprendizagem dos alunos é uma das principais preocupações em relação ao retorno letivo. Em uma escala de 1 a 5, mais de 80% dos respondentes atribuíram nota de 3 a 5 para o tamanho do desafio”.

5 JORNADAS FORMATIVAS - DEMANDAS EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA: DE PROFESSOR PARA PROFESSOR – PRODUTO DESTA DISSERTAÇÃO

Nessa pesquisa, foi realizado um intenso esforço para levantar informações, dados e discutir os problemas enfrentados pelos professores na prática docente e as condições em que essa prática se efetivou no período da pandemia do Covid-19. Longos meses de planejamento, organização, estudos, orientações, coletas de dados, leituras e reflexões em referenciais teóricos e análise das informações apontadas pelos professores. Como uma das condições para se atingir o grau de mestre no programa de Pós Graduação – Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, se forja que a partir da pesquisa realizada se apresente uma proposta que possa contribuir, de forma que ajude a responder as questões trazidas no resultado da pesquisa. Diante desta necessidade, entendendo a importância dessa contribuição e considerando o resultado de nossa pesquisa, as quais revelaram a preocupação dos professores no processo do ensino aprendizagem no modelo remoto, os impasses do não retorno dos alunos sobre as tarefas direcionadas pelo professor; a dificuldade do professor em administrar o tempo para conciliar atividades profissionais e domésticas; o déficit no processo de formação continuada; e as condições físicas e psicológicas do professor, é que apresentamos como produto da dissertação, uma proposta que vai na direção da Teoria Social de Aprendizagem de Lave e Wenger (1991). Estes autores nos apontam que “a aprendizagem é um processo de participação em comunidades de prática, participação esta que é inicialmente periférica legitimada e gradualmente aumenta em complexidade e engajamento”.

Propomos, assim, **Jornadas Formativas** no modelo de Comunidades de Prática, que intitulamos de *Demandas Educacionais em Tempos de Pandemia: de professor para professor*, com indicativos de trilhas que conversem com o resultado de nossa pesquisa. Consideramos que as trilhas indicadas podem ou não ser seguidas, já que a comunidade constituída tem autonomia para elencar suas demandas mais urgentes. Os temas sugeridos para nossa Jornada são os seguintes: conceitos de tecnologias e tecnologias digitais educacionais; ensino à distância, remoto e híbrido; utilização de ferramentas digitais educacionais; metodologias; roda de conversas entre os pares. Segundo Romanowski, Prates e Martins (2020, p.69), “a

comunidade de prática favorece aprendizagens gerais de interação entre seus membros, pois se trata de um trabalho em grupo, uma vez que a comunidade se forma pela prática de trabalho produzida em conjunto”. A proposta contempla os diferentes sujeitos para atuarem coletivamente considerando objetivos em comum, nesse caso, as demandas trazidas pelos professores como resultado de nossa pesquisa.

O objetivo da proposta é proporcionar aos professores uma vivência coletiva prática na assimilação das demandas existentes no conjunto das tarefas, bem como, elaborar de forma conjunta alternativas para minimizar o volume do trabalho, o sofrimento físico e psicológico, buscando obter resultados satisfatórios no processo de ensino aprendido, na qualidade do trabalho realizado e na saúde do professor. Na pesquisa ficou evidenciado que o professor sempre foi coadjuvante no processo de implementação do ensino remoto durante o período da pandemia, sem ser ouvido e sem participação na elaboração dos encaminhamentos pedagógicos. Nessa ação propomos um *fazer pelas próprias mãos*, partindo das dificuldades práticas e reais enfrentadas pelos professores nesse período, sendo uma experimentação, e colocando em prática sua autonomia e experiência.

A metodologia da proposta está baseada na participação ativa e prática dos participantes, produzindo e trocando informações entre os pares, pois entendemos que a caminhada coletiva se faz no processo. Como aponta Wenger (1998 apud Romanowski, Prates e Martins (2020, p.70, grifos das autoras),

a aprendizagem desenvolvida em *comunidades de prática* promove o engajamento mútuo no processo de envolvimento para desenvolver uma relação mútua e no conhecimento do outro. Concomitantemente, amplia o relacionamento e entendimentos e favorece a afinação ao projeto. E, por fim, a aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento de repertórios, de estilos e de discursos, renegociando o significado de alguns elementos, produzindo e adotando certas ferramentas, artefatos, recordando eventos, adotando novas terminologias e abandonando outras.

Os resultados da pesquisa apontam que uma maioria considerável dos professores necessitam de formação continuada para o entendimento e utilização das tecnologias digitais educacionais, mesmo sendo as mais básicas. Ainda, uma preocupação evidenciada na menor participação dos alunos nas aulas remotas e o pouco retorno das atividades atribuídas a eles. A piora nas situações de estresse refletido nas condições físicas e psicológicas dos professores foi também lembrada de forma significativa.

A Jornada Formativa para comunidades de prática aqui proposta foi pensada com sugestões de trilhas assim distribuídas: educação e sociedade; tecnologias digitais na educação; EaD, ensino remoto e ensino híbrido; ferramentas educacionais I; ferramentas educacionais II e metodologias de ensino remoto. Vale ainda apontar que qualquer outra temática pode ser trazida para a comunidade e referendada a sua discussão, se assim o grupo entender necessário. As comunidades serão criadas de acordo com as demandas de cada grupo de professores, não precisando necessariamente seguir uma ordem na escolha. O professor define os temas de seu interesse e se insere na comunidade para participação e contribuição. Dentro de cada comunidade será discutido as demandas prioritárias, avançando de acordo com o que emergir a partir dela, podendo inclusive transitar umas nas outras. Os processos de aprendizagem podem ser construídos a partir das práticas de trabalho e das formas como os mais novos adquirem conhecimentos e se relacionam com os mais experientes do meio profissional.

A participação em tempo real com os colegas, as angústias e anseios apresentados, o se sentir parte, a troca de experiências vivenciadas, digeridas e elaboradas coletivamente, tendem a minimizar a sensação de incapacidade e sofrimento apresentado pelos professores, além de oportunizar aprendizados imediatos para sua prática docente. No quadro abaixo apresentamos as sugestões de trilhas para as comunidades de prática.

QUADRO 9 – TRILHAS FORMATIVAS - SUGESTÕES

JORNADAS FORMATIVAS PARA COMUNIDADES DE PRÁTICA					
DEMANDAS EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA:					
DE PROFESSOR PARA PROFESSOR					
TRILHA 1	TRILHA 2	TRILHA 3	TRILHA 4	TRILHA 5	TRILHA 6
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO	EaD, ENSINO REMOTO E HÍBRIDO	METODOLOGIAS DO ENSINO REMOTO	FERRAMENTAS EDUCACIONAIS I	FERRAMENTAS EDUCACIONAIS II
Relações históricas	Usar ou não usar?	Características	Sala de aula invertida	Google Classroom	Mentimeter
Escola no contexto do ensino remoto	Contribuições para o aprendizado	Abordagem	Aprendizagem baseada em projetos		Kahoot
Professor no contexto do ensino remoto	Jogos digitais com interface metodológica	Utilização	Aprendizagem baseada em problemas		Padlet

Fonte: O Autor (2021).

Optamos por esse produto, entendendo que ele pode possibilitar ações em que o professor se constitua como protagonista de sua história, construída junto aos seus pares. Para Wenger (1998 apud Romanowski, Prates e Martins, 2020), esses são os indicadores da formação da comunidade de prática:

- a) Relação mútuas sustentadas, sejam elas harmoniosas ou conflituosas;
- b) Maneiras compartilhadas de engajamento para fazer as coisas juntos;
- c) Rápido fluxo de informações e propagação de inovações;
- d) Ausência de comentários introdutórios, como se as conversas e as interações fossem continuação de um processo em curso;
- e) Rápida exposição de um problema a ser discutido;
- f) Coincidência substancial nas descrições dos participantes que pertencem à comunidade;
- g) Saber o que os outros sabem, o que podem fazer, e como podem contribuir para o empreendimento;
- h) Identidades definidas mutuamente.

Tomando como base os indicadores de Wenger (1998 apud Romanowski, Prates e Martins, 2020), pretende-se caminhar na efetivação dessa prática, pois, o professor está passando um período de reinvenção diária, tentativas com acertos e erros, cobranças constantes, falta de apoio prático e dificuldades nas mais diversas esferas e não está sendo ouvido. Acreditamos que o espaço das comunidades de prática tende a oportunizar aos professores um espaço de acolhimento e respostas efetivas advindas dessa construção coletiva por quem está com a *mão na massa e os pés no chão* da escola. Segundo Romanowski, Prates e Martins (2020, p.74), “formação é uma construção constante, efetivada pela reflexão, provocando avaliações e mudanças realizadas por rupturas e continuidades”. É o que almejamos com a proposta de trabalhar com as comunidades de prática com os professores.

Assim, fica o convite aos professores para a composição de comunidades de prática. Como muito dos professores ao responderem o questionário desta pesquisa no Google Forms, solicitaram a devolutiva dos resultados de pesquisa, após a defesa faremos essa comunicação. Nessa comunicação vai enfatizar esta proposta de **Jornadas Formativas** no modelo de Comunidades de Prática, que intitulamos de

Demandas Educacionais em Tempos de Pandemia: de professor para professor. Igualmente nos colocaremos em disponibilidade para realizar uma live com os interessados em desenvolver comunidade de prática com seu grupo de professores. Esta será a contribuição social da pesquisa!

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo compreender o contexto da implementação do ensino remoto em função da pandemia nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio na rede pública de ensino do estado do Paraná no ano de 2020, e as condições em que ela se efetivou, considerando o processo de formação dos professores, bem como o acesso às tecnologias digitais e informacionais. Nessa perspectiva se constituíram objetivos secundários: identificar a formação dos professores da rede pública de ensino no estado do Paraná para a inserção de tecnologias; apontar as situações na utilização das ferramentas disponibilizadas aos professores da rede pública de ensino no estado do Paraná e as condições de acesso; discutir o processo da prática pedagógica dos professores no contexto da COVID-19 nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio na rede pública de ensino do Estado do Paraná; propor um processo de discussão, formação de professores no que diz respeito ao uso das tecnologias durante o período de pandemia nas séries finais do ensino fundamental e médio nas escolas públicas do Paraná.

Após as análises do contexto de implementação do ensino remoto durante a pandemia na rede pública do estado do Paraná, os dados e as reflexões apontam que os desafios envolvem desde questões básicas e fundamentais, como por exemplo, o não retorno dos alunos sobre as tarefas direcionadas pelo professor; a dificuldade dos professores para organizar e administrar o tempo para conciliar atividades profissionais e domésticas; o déficit no processo de formação continuada quanto ao uso de tecnologias digitais; e as condições físicas e psicológicas do professor, alteradas significativamente nesse período. As grandes questões que suscitaram em nosso trabalho passam necessariamente por repensar as práticas pedagógicas, condições de trabalho, processo de formação continuada e saúde do professor. A efetivação de melhores condições está vinculada ao apoio da mantenedora: proporcionar acesso aos equipamentos que possibilitem realizar aulas remotas; conversar com a gestão escolar para organizar e sistematizar uma política de ações coordenadas que considerem as condições existentes e a formação dos professores. O enfrentamento e proposição de planos desde o emergencial a metas de longo prazo como a retomada das aulas considerando as dificuldades e desencontros neste ano de pandemia carecem de planejamento coletivo envolvendo professores, gestores e mantenedora. Consulta as famílias são necessárias para mapeamento das condições

de efetivação de ações para o desenvolvimento das aulas. Enfim, trata-se de estabelecer uma proposta colegiada e com a participação de todos.

Em relação aos objetivos da pesquisa ficou caracterizado que o processo de implementação se deu de forma bastante aligeirada, de maneira verticalizada, sem a devida formação e sem a participação e contribuição efetiva de quem poderia contribuir para o processo acontecer, nesse caso, os professores. Vimos que a mantenedora, diante de uma necessidade urgente, em duas semanas colocou em prática as ações para o atendimento aos alunos, mas sem observar as condições desses alunos e também dos professores: a partir dessa improvisação ocorreram modificações em vários momentos, causando insegurança aos professores e às famílias, quando de sua aplicação. Percebemos também que de forma interessada as chefias imediatas (direções de escolas) fizeram com muito afincamento a tentativa de auxiliar seu grupo de professores com orientações para a realização das tarefas, mas que de fato, faltava para esse grupo, também, a capacitação para o devido auxílio.

A estrutura e a qualidade dos equipamentos utilizados para a realização das aulas remotas, segundo os dados, não foram para os professores um dos maiores problemas, não confirmando uma hipótese nossa no início da pesquisa. Vimos que o auxílio mútuo entre os professores se deu de forma constante, em que àqueles com mais facilidade na utilização das TD auxiliaram seus pares com orientações regulares, contribuindo muito para a realização do trabalho.

As questões de gênero também apareceram na pesquisa como retrato de uma classe profissional composta por 70% de mulheres. Vários relatos evidenciam preocupações advindas da dupla jornada, como a dificuldade de conciliar as atividades domésticas com as profissionais e de acompanhar e apoiar os estudos dos filhos em idade escolar, tudo isso acontecendo na sala de aula transferida para dentro das casas.

O processo de formação já deficitário na rede não deu conta de atender às novas demandas trazidas neste novo momento. A dificuldade de utilização das ferramentas apresentadas e a organização do replanejamento para essa nova forma de ensinar ficaram evidenciados, reforçando assim, o entendimento de que, o processo de formação se efetiva quando ocorre de maneira contínua durante a carreira para garantir a melhoria no trabalho e a profissionalização do professor.

O professor está passando por um momento de medo do desconhecido, de insegurança, de sobrecarga de trabalho, de aumento das demandas familiares, e modificação repentina na forma de ensinar. Por conta dos aspectos advindos da crise trazida pela pandemia, o professor foi obrigado a se reinventar no seu trabalho, procurando métodos para as ações que lhe dessem condições de acessar seus alunos e garantir o processo de ensino aprendizagem. Vimos que os professores fizeram isso com muito afincamento, porém, com dificuldades. Isso se tornou desafiador e trouxe ao professor possibilidades de refletir sobre o contexto atual do exercício da sua profissão, e sua relação com o novo cenário no âmbito educacional e podendo ainda, perceber que muitos desafios ultrapassarão o final da pandemia, vão permanecer interrogações, demandas e novas questões para o período pós pandemia. Com as respostas advindas da pesquisa, propomos como o produto da dissertação, uma ação denominada de Jornadas Formativas no modelo de Comunidades de Prática, que intitulamos de *Demandas Educacionais em Tempos de Pandemia: de professor para professor*. Entendemos que a ação vai proporcionar aos professores momentos de trocas com seus pares, aprendizado e contribuições fundamentais para esse momento, aprender e ensinar, o professor poderá falar e ser ouvido, o que tanto faltou nesse período.

Vivemos um momento de incertezas. Diante de tantas mudanças e dentro desse cenário está a educação, que tem sido vitrine para os ataques apressados e sem informações consistentes: com o discurso odioso de que professor ficou o ano sem trabalhar e garantiu o salário, há um ressentimento que a categoria teve privilégios durante a pandemia. Tudo isso tem demandado muito tempo e esforço do professor para se contrapor: Os professores têm se mobilizado e buscado incansavelmente meios para colocar em prática todas suas competências, saberes pedagógicos e conhecimentos, superando com criatividade para manterem-se próximos dos alunos e conseqüentemente manter a continuidade educativa. A escola foi obrigada a adaptar-se para uma nova forma de ensinar, os tempos e os espaços para a aprendizagem nesse contexto atual perpassam as paredes da sala de aula tradicional, exigindo assim, do professor, uma ação diferenciada em seu modo de ensinar. É possível, como aponta por Nóvoa (2017), que, tudo isso, está fazendo parte de uma nova escola que está surgindo e daqui por diante, o processo educativo, será fortalecido com a partilha de experiências com os professores que estão vivendo este momento.

Mesmo com tantas incertezas, as reflexões realizadas evidenciam que uma das formas de minimizar os efeitos da quarentena é investir em redes de apoio para o trabalho docente, oferecer boas ferramentas de trabalho e formação para professores de acordo com os desafios que estão colocados, procurar se antecipar aos obstáculos que vão surgir na rotina por conta do contexto e tirar o que se tem de melhor das ideias e das trocas entre as pessoas. Ter clareza das dificuldades e do novo cenário educacional do período de pandemia é essencial para que as mantenedoras possam pensar políticas e ações que minimizem os percalços e garanta a participação dos alunos e melhores condições de trabalho para o professor, avançando para um ensino de qualidade, mesmo com as adaptações.

Ouvir o professor, mais do que nunca, se torna fundamental. É certo que ele tem contribuições significativas para a melhoria do processo. Nunca foi tão urgente por parte das mantenedoras um olhar atento ao professor, profissional insubstituível no processo de ensino e aprendizagem. As exigências trazidas pela mudança do ensino presencial para o remoto têm cobrado demasiadamente desses professores, que necessitam de apoio, e de formas mais humanas e respeitadas de serem incluídos nos processos decisórios. Os professores estão sendo levados a refletir sobre o novo papel educacional daqui para frente, e como deverá ser sua atuação profissional diante de todas as mudanças que estão emergindo e vão permanecer. Temos a impressão de que a escola nunca mais vai ser a mesma. Será necessário um programa de formação constante e com qualidade, por parte das mantenedoras, para dar condições aos professores desenvolver seu trabalho com menos sofrimento e com mais qualidade.

Entendemos, com o que levantamos até aqui, que a presente pesquisa apresenta dados relevantes em relação ao professor e suas práticas nesse contexto da pandemia, que poderão ser utilizados pela mantenedora para pensar políticas públicas de melhoria do processo e na garantia de que o professor possa realizar suas atividades com mais qualidade, tanto de trabalho, como de saúde. Faz-se necessário criar alternativas para a participação efetiva dos alunos nas aulas e na devolução das tarefas nas aulas remotas. Fica evidenciado que o processo de formação disponibilizado pela mantenedora se mostrou deficitário e insuficiente para as demandas que foram trazidas e que, é fundamental que a SEED se preocupe com as condições físicas e psicológicas da categoria, fator de muitos apontamentos nessa pesquisa.

Com essa pesquisa foram abertos espaços para uma discussão mais qualificada no que tange as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores das séries finais do ensino fundamental e do ensino médio da educação pública no Paraná. A pesquisa apontou indicativos relevantes em relação ao não acesso e a pouca participação dos alunos nas aulas remotas, como também, as condições de saúde do professor nesse contexto de pandemia, dois temas com vasto espaço para discussões futuras. Sabemos que as questões não se esgotaram por aqui, e então, vislumbramos a continuidade de estudos sobre a temática, tanto da utilização das novas tecnologias no meio educacional, bem como, a necessidade de ressignificar as práticas pedagógicas no período da pandemia e pós pandemia, o que está colocado, como uma necessidade. É fato que a pandemia não terminou, e que, novas tentativas serão experimentadas durante e pós esse período pandêmico. Apontamos ainda que a revolução causada nesse período no processo de ensinar, com certeza vai deixar marcas e indicativos de caminhos, já que, muito provavelmente, não mais retornaremos ao que era antes. Sendo então, que uma nova demanda de pesquisas e estudos sobre a implementação e o aprimoramento das novas metodologias e da utilização de ferramentas digitais no meio educacional está aberta para novas investigações. É o que almejamos!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. I. **Docentes para uma educação de qualidade: uma questão de desenvolvimento profissional**. I Conferência Municipal de Educação. Piracicaba-Secretaria Municipal de Educação. Texto, 2001. (mimeo).
- ALVES, T. et al. Implicações da pandemia da COVID-19 para o financiamento da educação básica. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 979-993, Aug. 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122020000400979&lng=en&nr m=iso>. Acesso em 08 Dez. 2020
- AMARO, R. **Mediação Pedagógica online: análise das funções do tutor na Universidade Aberta do Brasil**. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2012.
- APPTV AO VIVO: Bate papo com o professor e escritor Luiz Carlos de Freitas. Webinar apresentado por Hermes Silva Leão. Curitiba, APPTV, 07 abr. 2020. 1 vídeo (1h07min32seg). Publicado pela página APP-Sindicato. Disponível em: <<https://www.facebook.com/appsindicato/videos/234324444348061/>>. Acesso em: 04 jul. 2020.
- BAHIA. Secretaria de Comunicação Social. **Em live, António Nóvoa diz que pandemia provocará mudanças na educação**. 2020. Disponível em: <<http://www.secom.ba.gov.br/2020/04/153269/Em-live-Antonio-Novoa-diz-que-pandemia-provocara-mudancas-na-educacao-.html>>. Acesso em 20 maio 2020.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3ª reimp. da 1ª. edição. São Paulo: Edições 70, 2010.
- BOAVENTURA SANTOS. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra/PT: Almedina, 2020.
- BOAVENTURA SANTOS. **Pandemia nos traz muitas lições**. Disponível em: <<http://www.unirio.br/news/pandemia-nos-traz-muitas-lico-es-aponta-professor-boaventura-de-sousa-santos>>. Acesso em 15 set. 2020.
- BOENO, R. K. **Formação continuada para o uso de tecnologias em sala de aula: o que os professores querem**. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.
- BONK, C.J; GRAHAM, C.R. Handebok of Blended Learning. San Francisco: Vossey-Bass, 2006.
- BRASIL. **Decreto nº 1.237, de 6 de setembro de 1994**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 08 set. 1994, Seção 1, p. 13477. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1994/decreto-1237-6-setembro-1994-449637-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 24 ago. 2020.

_____. **Decreto nº 5622, de 19 de dezembro de 2005.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 dez.2005, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em 10 ago. 2020.

_____. **Decreto nº 9057, de 25 de maio de 2017.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 26 maio 2017. Seção 1, p. 3. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm#art24>. Acesso em 17 set. 2020.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, n. 12, 23 dez.1996. Seção 1, p. 6.544. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro1996-362578-norma-pl.html>>. Acesso em 30 ago. 2020.

_____. Base Nacional Comum Curricular, **de 20 de dezembro de 2017.** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 30 ago. 2020.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 05, de 28 de abril de 2020.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 01 jun. 2020, Seção 1, p. 32. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 03 jun. 2020.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 14, de 26 de outubro de 2020.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=153571-pcp014-20&category_slug=agosto-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 03 jun. 2020.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 02, de 01 de julho de 2015.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 02, de 20 de dezembro de 2019.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

BRITO, G. S. Inclusão digital do profissional professor: entendendo o conceito de tecnologia. In: 30º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2006, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Caxambu, 2006. Disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/encontros/papers/30-encontro-anual-daanpocs/gt-26/gt24-14/3475-gbrito-inclusao/file>>. Acesso em 08 jul. 2020.

BRITO, G. S. et al. A reconfiguração das aulas no período de pandemia: percepções dos professores da rede pública de ensino do estado do Paraná – Brasil. **Revista Interações.** Santarém/Portugal, n°. 55, 2020, p.186-206. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/21064/16145>> Acesso em 03 jan. 2021.

BUENO, N. L. **O desafio da formação do educador para o ensino fundamental no contexto da educação tecnológica**. 239 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Federal de Educação Tecnológica, Curitiba, 1999.

CALDAS, D. S. et al. Inserção de tecnologias na prática pedagógica. In: AFONSO, G. B.; OLIVEIRA, M. M. F.; DONATO, S. P. **Educação e Tecnologias: perspectivas teóricas e práticas da educação contemporânea**. Curitiba/São Paulo: Artesanato Educacional, 2019, p.226-248.

CARVALHO JUNIOR, A. F. As tecnologias nas aulas de Educação Física Escolar. In: XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 2015, Vitória/ES. **Anais eletrônicos...** Vitória: 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/7740/3831>> Acesso em 06 maio 2020.

CASIMIRO, F. H.C. **A Nova Direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular. 2018.

CETIC.BR – CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **Painel TIC COVID-19**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/pesquisa/tic-covid-19/indicadores/>>. Acesso em 1 set. 2020.

COSTA, L. P. **O uso das Tecnologias Digitais de informação e comunicação (TDIC) na prática pedagógica do professor de matemática do ensino médio**. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

COUTINHO, C.; LISBÔA, E. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para a educação no século XXI. **Revista de Educação**, Lisboa, vol. XVIII, nº1, p. 5-22, 2011. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista_Educa%c3%a7%c3%a3o%2cVolXVIII%2cn%c2%ba1_5-22.pdf>. Acesso em 07 jul. 2020.

CRUZ, R. M.; LEMOS, J. C. Atividade docente, condições de trabalho e processos de saúde. **Revista Motrivivência**. Florianópolis/SC, ano XVII, nº24, jun/2005, p. 59-80. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/742/3887>>. Acesso em 06 jan. 2021.

DOMINICO, E.; JOHANN, M.M.; NUNES, M.A. Infância, tecnologias digitais e educação: novos tempos, novos olhares e ressignificações. In: TEDESCO, A. L.; LACERDA, T. E. (org.). **Educação digital e práticas pedagógicas**. Vol.1. Curitiba: Bagai, 2020. p.135-151.

FERREIRA, L. H.; BARBOSA, A. Lições de quarentena: limites e possibilidades de atuação docente em época de isolamento social. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, 2020, p.1-24.

FREITAS, L. C. **A reforma empresarial da educação**. São Paulo: Expressão Popular, 2108.

GARCIA, A. V.; HILLESHEIM, J. Pobreza e desigualdades educacionais: uma análise com base nos Planos Nacionais de Educação e nos Planos Plurianuais Federais. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial n. 2, p. 131-147, set. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/nspe.2/0104-4060-er-02-00131.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

GATTI, B. A. Formação inicial de professores para a educação básica: pesquisas e políticas educacionais. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 25, n. 57, p. 24-54, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/view/2823>>. Acesso em 15 ago. 2020.

_____. 2007. Caxambu. **Reunião de Trabalho...** Caxambu: [s.n.], 2007. (GT 08 – Formação de Professores, anotações da comunicação).

GATTI, B; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação. In: WELLER, W.; PFAFF, N. **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação: Teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GIANNINI, S. **Priorizar a saúde e o bem-estar agora e quando as escolas reabrirem. UNESCO, 2020**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/artigo-priorizar-a-saude-e-o-bem-estar-agora-e-quando-as-escolas-reabrirem/>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

GUEDES, P. **Os impactos da covid-19 sobre a educação e o aumento das desigualdades**, 11 de maio 2020. 1 vídeo (1h41m35s). Publicado portal.fgv.br. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zYRyw3v2Zag>>. Acesso em 05 jun. 2020.

GURJAO, E.T.B. **Formação de professores em tecnologias digitais: contribuições para a prática pedagógica**. 2014, 71 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

INBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. Tradução: S. T. Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Resumo Técnico: Censo da Educação Básica Estadual 2019** [recurso eletrônico]. - Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_do_estado_do_parana_censo_da_educacao_basica_2019.pdf> Acesso em 23 jan. 2021.

KENSKI, V. M. **O novo ritmo das informações**. Campinas: Papyrus, 2012.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LEMOS, A. C. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: _____.; CUNHA, P. (Org.) **Olhares sobre a cibercultura**. Sulina: Porto Alegre, 2003.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 1999.

MARCELO, C. G. **Formação de Professores: Para uma mudança educativa**. Porto: Porto Ed., 1999.

MELO, W. V.; BIANCHI, C. S. Discutindo estratégias para a construção de questionários como ferramenta de pesquisa. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia (RBECT)**, Curitiba, v. 8, n. 3, p.43-59, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/1946>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

MIZUKAMI, M. G. N. Aprendizagem da docência: conhecimentos específicos, contextos e práticas pedagógicas. In: NACARATO, A. M.; PAIVA, M. A. V. **A formação do professor que ensina matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 213-231.

MORAN, J. M. Desafios da educação a distância no Brasil. In: ARANTES, V. A. (org.). **Educação a distância: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2011.

_____. Mudar a forma de ensinar e de aprender: transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual. **Revista Interações**, São Paulo, 2000, vol. V, p.57-72. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/uber.pdf>. Acesso em 17 ago. 2020.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**. Goiânia/GO, v.20, 2020, p.2-35. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>>. Acesso em 02 jul. 2020.

NÓVOA, António Sampaio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017.

OLIVEIRA, D. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 89, set./dez. 2004, p. 1127-1144. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22614>>. Acesso em 10 set. 2020.

OLIVEIRA, et al. **Diálogos com docentes sobre ensino remoto e planejamento didático**. Recife: EDUFRPE, 2020.

PALAGI, A. M. M. **Formação de professores em tecnologias digitais em diálogo com as políticas públicas no estado do paraná**. 2016, 252f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

PARANÁ. **Decreto 4.230, de 16 de março de 2020**. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390948#:~:text=8%C2%BA%20As%20aulas%20presenciais%20em,20%20de%20mar%C3%A7o%20de%202020>>. Acesso em 06 out. 2020.

_____. **Resolução N.º 1.014, de 03 de abril de 2020.** – GS/SEED. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/res_1014-2020-gs-seed_amg_chamamento_emergencial_grupo_de_trabalho_para_producao_de_material_audiovisual.pdf>. Acesso em 10 out. 2020.

_____. **Resolução N.º 1.175, de 17 de abril de 2020 – GS/SEED.** Disponível em: <http://www.ducacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/resolucao17752020gsseed.pdf>. Acesso em 10 out. 2020.

_____. **Resolução N.º 1.249, de 20 de abril – GS/SEED,** disponível em <http://www.gncpedroaraujo.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/29/860/334/arquivos/File/RES_1249_2020_GS_SEED_calendario_2020_adequado.pdf>. Acesso em 04 jul. 2020.

_____. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação nº 01, de 02 de abril de 2020 do CEE/CP.** Disponível em: < http://www.cee.pr.gov.br/sites/cee/arquivos_restritos/files/migrados/File/pdf/Deliberacoes/2020/deliberacao_01_20.pdf> Acesso em 02 out. 2020

_____. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação nº 02 de 01 de junho de 2020 do CEE/CP.** Disponível em: <http://www.cee.pr.gov.br/sites/cee/arquivos_restritos/files/migrados/File/pdf/Deliberacoes/2020/deliberacao_02_20.pdf> Acesso em 02 out. 2020.

PENTEADO, M. G. Possibilidades para formação de professores de Matemática. In: PENTEADO, M. G.; BORBA, M. C. (org). **A informática em ação: formação de professores, pesquisa e extensão.** São Paulo: Olho d'Água, 2000, p. 23-34.

PINTO, C. S. S. **Avaliando uma proposta de formação de professores em tecnologias digitais na rede municipal de educação de Niterói.** 2018, 99f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon.** MCB University Press, v.9, n.5, out. 2001. Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em 18 jul. 2020.

PROGRAMA ATUALIDADES DA EDUCAÇÃO: teletrabalho nas escolas. Webinar apresentado por Alvinio Mozar. Curitiba, Rádio Uninter, 23 de jun. 2020. 1 vídeo (37min13seg). Publicado pela página Rádio Uninter. Disponível em: <<https://www.facebook.com/radiouninter/videos/314922526531560>>. Acesso em: 03 set. 2020.

RABELO, A. O. O gênero e a profissão docente: impactos na memória das normalistas. **Revista Ártemis.** v.6, jun 2007, p.58-67. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/download/2125/1883#:~:text=A%20quantidade%20de%20mulheres%20que,10%25%20da%20quantidade%20de%20mulheres>> Acesso em 10 dez. 2020.

RICHIT, A.; MOCRSOSKI, L. F.; KALINKE, M. A. Tecnologias e prática pedagógica em Matemática: tensões e perspectivas evidenciadas no diálogo entre três estudos. In: KALINKE, M. A.; MOCROSKY, L. F. (orgs.). **Lousa digital & outras tecnologias na Educação Matemática**. Curitiba: CRV, 2016, p. 117-140.

ROCHA, F.S.M. et al. O uso de tecnologias digitais no processo de ensino durante a pandemia da covid-19. **Revista Interações**. Santarém/Portugal, n°. 55, 2020, p.58-82. Disponível em: < <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/20703>>. Acesso em 03 jan. 2021

ROMANOWSKI, J. P.; CARTAXO, S. R. M. **O que dizem as pesquisas em formação de professores no Brasil: 1987 – 2017**. Arquivo em word da autora, 2017, inédito.

ROMANOWSKI, J. P.; PRATES, S.C.; MARTINS, P. L. O. Aprendizagem da docência para a educação básica em comunidades de prática **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 29, n. 57, jan./mar. 2020, p. 61-77. Disponível em: < <https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/8269>>. Acesso em: 26 fev. 2021.

ROMANOWSKI, J. P.; SAHAEB, D.; MARTINS, L. O. Desafios da formação pedagógica do professor da educação básica. **Ensaio Pedagógicos**. Sorocaba, v.3, n.3, set-dez. 2019, p.59-68. Disponível em: <<http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/159/182>>. Acesso em 04 mar. 2020.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologia**. 2 ed. Chapecó: Argos, 2012.

SANTOS, I. S. As novas tecnologias na educação e seus reflexos na escola e no mundo do trabalho. In: II JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. 2005, São Luís/MA. **Anais eletrônicos...** São Luís: UFMA, 2005 Disponível em: <www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos2/Iracy_de_Sousa_Santos.pdf> Acesso em 06 maio 2020.

SEMIS, L. (coord.). A situação dos professores no Brasil durante a pandemia. **Revista Nova Escola**. 2020. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/19386/qual-e-a-situacao-dos-professores-brasileiros-durante-a-pandemia>> Acesso em 10 jan. 2021.

SENA JUNIOR, Carlos Zacarias F. de. A dialética em questão: considerações teórico-metodológicas sobre a historiografia contemporânea. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 24, n. 48, 2004, p. 39-72.

SILVA, F.F.; BAZIQUETO, E.P.; PANSERA, M.C. Constituição docente em tempos de pandemia, a partir das contribuições de António Nóvoa. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA UNIJUÍ, 28., 2020, Ijuí. **Anais eletrônicos...** Ijuí: Unijuí, 2020. Disponível em: < <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/18151>.> Acesso em: 20 jan. 2021.

SILVA, M. R.; RUFATO, J. A. Educação Física EaD no Brasil. In: MICALISKI, E. L.; FIGUERÔA, K. M. (org.). **Educação Física na EAD: histórico, cenários e perspectivas**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2019, p.15-31.

SILVA JUNIOR, L. H.; SAMPAIO, Y. Notas Sobre Pobreza e Educação no Brasil. **Problemas del Desarrollo**. Coyoacán, v. 41, n. 163, p. 75-97, octubre-diciembre 2010. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0301-70362010000400005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 07 jun. 2020.

TAJRA, S. F. **Informática na Educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade**. São Paulo: Ed. Érica, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO (UNDIME). **Desafios das Secretarias Municipais de Educação na oferta de atividades educacionais não presenciais**. Disponível em: <https://undime.org.br/uploads/documentos/php7Us IEg_5ee8efcba8c7e.pdf> Acesso em 02 nov. 2021

UNICEF. **Enfrentamento da cultura do fracasso escolar: Reprovação, abandono e distorção idade-série**. Janeiro 2021. Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/enfrentamento-da-cultura-do-fracasso-escolar>>. Acesso em 05 fev. 2020.

VOSGERAU, D.; BRITO, G. S.; CAMAS, N. PNE 2014-2024: Tecnologias educacionais e formação de professores. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**. Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 103-118, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/135/123>>. Acesso em: 12 set. 2020.

WELLER, W.; PFAFF, N. Pesquisa qualitativa em educação: origens e desenvolvimento. In WELLER, W.; PFAFF, N. **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação: Teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos professores

AS PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE COVID-19: implicações para o processo de formação docente

Prezado (a) professor(a),

A pesquisa para a qual solicitamos sua contribuição faz parte da dissertação de Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias junto ao Programa de Pós-graduação em Educação do Centro Universitário Internacional – UNINTER, na linha de pesquisa de Formação Docente e Novas Tecnologias, desenvolvido pelo aluno João Antonio Rufato, sob a orientação da Prof. Dr^a. Joana Paulin Romanowski.

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada "Práticas docentes na educação básica em tempos de COVID-19: implicações para o processo de formação docente". É direcionada para docentes dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio. Portanto, pedimos a gentileza de dispor de alguns minutos de seu precioso tempo para responder a este questionário.

As informações colhidas por meio deste questionário ajudarão a identificar e compreender os principais impactos e desafios que os(as) professores(as) têm enfrentado para lidar com a pandemia em si, bem como com as mudanças em seu trabalho docente em relação à utilização das tecnologias digitais e ao seu processo de formação. Suas respostas serão anônimas; jamais serão analisadas ou divulgadas individualmente. Não existe resposta correta ou incorreta. Estamos interessados na sua resposta sincera ao que for perguntado. O tempo estimado para responder toda a pesquisa é entre 10 a 15 minutos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com o parecer sob número 4.133.063.

Ao responder o questionário o respondente manifesta seu consentimento em participar da pesquisa.

Na certeza de poder contar com a sua colaboração, colocamos-nos à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Desde já, agradecemos.
Atenciosamente,

João Antonio Rufato
Prof. Dr^a. Joana Paulin Romanowski

Responda as questões a seguir. Algumas solicitam resposta curta, e em outras a resposta é assinalada com X que corresponde a sua escolha.

Eixo I – Perfil docente



Algumas questões solicitam resposta curta, e em outras a resposta é assinalada com X que corresponde a sua escolha.

Sexo/Gênero: *

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não dizer
- Outros...

Cor/Raça: *

- Amarela
- Branca
- Preta

- Parda
- Indígena
- Prefiro não dizer

Idade: *

- Até 25 anos
- De 26 a 30 anos
- De 31 a 35 anos
- De 36 a 40 anos
- De 41 a 45 anos
- De 46 a 50 anos
- Mais de 50 anos

Qual é a sua primeira formação acadêmica? *

- Artes
- Biologia
- Ciências
- Educação Física

- Ensino Religioso
- Espanhol
- Filosofia
- Física
- Geografia
- História
- Inglês
- Matemática
- Química
- Sociologia
- Outros...

Você realizou uma segunda formação acadêmica?

- Não
- Sim

Se na questão anterior sua resposta foi sim, qual foi a formação?

Texto de resposta curta

Após a seção 2 Continuar para a próxima seção

Seção 3 de 5

Seção sem título

Descrição (opcional)

A sua graduação foi realizada em instituição pública ou privada? *

- Pública Federal
- Pública Estadual

Privada

A sua graduação se deu na modalidade: *

Presencial

EaD

Em qual ano você concluiu sua primeira graduação? *

Texto de resposta curta
.....

Você realizou pós-graduação? Se sim, assinale a de maior nível. *

Especialização

~

Mestrado

Doutorado

Não realizei

Em sua formação inicial você teve alguma disciplina que discutisse o tema das tecnologias digitais na educação? *

Tive, com a abordagem do tema dentro de uma disciplina

Tive disciplina específica de tecnologias digitais

Não tive

Durante a sua carreira profissional, que tipo de formação foi ofertada pela instituição na qual você trabalha que abordasse as tecnologias digitais na educação? *

Nenhuma formação

Curso de curta duração

Palestra

Oficina

Semana pedagógica

Outros...

Na sua trajetória profissional, assinale as formas pelas quais você buscou formação em tecnologias digitais na educação? *

- Não procurei nenhuma
- Tenho muita dificuldade para atuar usando tecnologias
- Aprendizagem com outro colega de profissão
- Cursos
- Auto aprendizagem (consulta a site e tutoriais)
- Outros...

O que você conhece de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)? *

- Fiz curso para utilização de AVA
- Fiz cursos que utilizavam o AVA como ferramenta
- Não conheço a ferramenta

Após a seção 3 Continuar para a próxima seção

Seção 4 de 5

Eixo II – Condições de trabalho

Assinale as alternativas de acordo com sua opção de escolha.

Em que tipo de instituição de ensino você atua? *

- Pública
- Privada
- Pública e privada

Outros...

Em quantas escolas você atua? *

01

02

03

04

05

06

Outros...

Atualmente, qual tipo de contrato de trabalho você possui? *

Estatutário

CLT

PSS

Outros...

Qual(is) disciplina(s) você ministra atualmente? *

Artes

Biologia

Ciências

Educação Física

Ensino Religioso

Espanhol

Filosofia

Física

Geografia

História

Informática

- Inglês
- Matemática
- Química
- Sociologia
- Outros...

Qual a sua carga horária atual de trabalho semanal? (Considere toda a jornada, incluindo regência e hora-atividade) *

- Até 10 horas
- De 11 a 20 horas
- De 21 a 30 horas
- De 31 a 40 horas
- Mais de 40 horas

Em qual período do dia você tem o maior número de aulas? *

- Matutino
- Intermediário
- Vespertino
- Noturno

A maior parte da sua carga horária semanal concentra-se em qual etapa ou modalidade? *

- Anos Finais do Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Educação de Jovens e Adultos
- Profissional Técnico de Nível Médio
- Outros...

Assinale a opção para a quantidade de turmas em que você leciona: *

- Até 5 turmas
- De 6 a 10 turmas
- De 11 a 15 turmas
- De 16 a 20 turmas
- Mais de 20 turmas

Para quantos estudantes, aproximadamente, você leciona? *

- Até 50
- Entre 51 e 100
- Entre 101 e 150

- Entre 151 e 200
- Entre 201 e 250
- Entre 251 e 300
- Entre 301 e 350
- Entre 351 e 400
- Entre 401 e 450
- Entre 451 e 500
- Mais de 501

Após a seção 4 Continuar para a próxima seção

Seção 5 de 5

Eixo III – Atuação docente no período remoto



As questões a seguir são de escala Likert. Pouco é o nível inferior e muito é o nível superior. 1 Discordo fortemente. 2 Discordo. 3 Não concordo nem discordo. 4 Concordo. 5 Concordo fortemente. Assinale a APENAS UMA resposta que corresponde a sua opção.

Você está desenvolvendo atividades remotas? *

Você está desenvolvendo atividades remotas? *

- 1 2 3 4 5
-

As condições dos equipamentos que utiliza para atender as demandas do atendimento remoto são de que qualidade? *

- 1 2 3 4 5
-

Você já utilizava algum material didático digital nas suas aulas? *

- 1 2 3 4 5
-

As tecnologias, os programas e os materiais disponibilizados pela instituição na qual trabalha têm sido suficientes para o desenvolvimento de suas atividades remotas? *

- 1 2 3 4 5
-

Os estudantes têm participado das aulas remotas? *

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

Os estudantes têm conseguido realizar as atividades remotas solicitadas? *

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

Com as aulas realizadas foi possível provocar aprendizagem nos estudantes? *

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

Diretores, coordenadores da escola deram algum suporte para a participação dos estudantes nas atividades pedagógicas? *

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

:::

Foi realizada alguma avaliação da aprendizagem dos estudantes? *

- 1 2 3 4 5
-

Em relação aos equipamentos que você utiliza para realizar o seu trabalho nas aulas não presenciais, estes são: *

- De uso exclusivo, não preciso dividir com ninguém
- De uso compartilhado com mais uma pessoa que mora comigo
- De uso compartilhado com duas ou mais pessoas que moram comigo

Quantas horas semanais você utiliza no planejamento e preparação de material didático? *

- Até 5 horas
- De 5 a 10 horas
- 10 a 15 horas
- Mais que 15 horas
- Não preparo material didático
- Outros...

Quantas horas semanais você utiliza ministrando aulas on-line? *

- Até 5 horas
- De 5 a 10 horas
- 10 a 15 horas
- Mais que 15 horas
- Não ministro aulas online

...

Quantas horas semanais você utiliza com avaliação de atividades? *

- Até 5 horas
- De 5 a 10 horas
- 10 a 15 horas
- Mais que 15 horas
- Não faço avaliação de atividades

Quantas horas semanais você utiliza com atividade de orientação dos alunos? *

- Até 5 horas
- De 5 a 10 horas
- 10 a 15 horas

Não faço orientações aos alunos

⋮

Em relação a sua carga horária de trabalho no período de pandemia, você avalia que está trabalhando: *

- Muito menos
- Menos
- Nem mais nem menos
- Mais
- Muito mais

Durante o período de pandemia, as situações no trabalho têm lhe deixado: *

- Mais cansado
- Mais ansioso
- Mais estressado
- Tranquilo
- Esperançoso

Que tipo de formação/orientação você recebeu de sua chefia imediata ou da instituição na qual trabalha para realizar sua atividade remota nesse período de pandemia? *

Nenhuma orientação

Conversa

Demonstração

Trabalho em parceria

Tutorial

Outros...

Você buscou ajuda externa para aprender a operar as plataformas disponibilizadas pela instituição na qual trabalha? *

Sim, em tutoriais da internet

Sim, com meus familiares

Não busquei

Você participou de algum grupo criado na sua escola entre os professores para auxílio mútuo de utilização das ferramentas digitais? *

Sim, por whatsapp

Sim, por videoconferência

Sim, por tutoriais desenvolvido por colegas

Não participei

Na sua opinião, qual a maior dificuldade profissional dos(as) docentes nesse período de trabalho remoto? *

- Ministrar aulas remotas
- Acompanhar e avaliar a aprendizagem dos estudantes
- Utilizar as ferramentas virtuais
- Trabalhar em casa
- Preenchimento/produção de documentos e relatórios
- Outros...

Na sua percepção até agora, os estudantes têm utilizado quais equipamentos para acompanhar as atividades remotas? *

- Nenhum
- Celular
- Computador
- Tablet
- Televisão
- Outros...

Indique que tipo de formação você gostaria de ter recebido para atuar com aulas remotas.

Comente as condições do desenvolvimento e como foi sua prática, e aponte a situação vivida nas atividades profissionais nesse período de pandemia.

Texto de resposta longa

Como você avalia que serão as suas práticas docentes depois da pandemia?

Texto de resposta longa

Texto livre: deixe seu comentário sobre questões não abordadas neste questionário.

Texto de resposta longa

Você está disposto(a) a fornecer informações adicionais sobre a temática desta pesquisa, se os pesquisadores precisarem? *

Sim

Não

...

Você gostaria de receber os resultados dessa pesquisa, quando estes forem divulgados? *

Sim

Não

Muito obrigado por sua contribuição!

Descrição (opcional)

APÊNDICE B – Respostas das perguntas de respostas curtas

Questão 1 - Comente as condições do desenvolvimento e como foi sua prática, e aponte a situação vivida nas atividades profissionais nesse período de pandemia. 260 respostas

Muito difícil, cansaço, estressante, desanimador.

Eu busco aprender, e ensinar sempre.

Foi jogado nas lives, e faça as gravações das aulas.

As condições não são ideais, no entanto excluindo a dificuldade de acesso às ferramentas digitais da maioria dos educandos, tenho conseguido desenvolver os conteúdos planejados. No entanto, essa nova realidade veio reforçar a necessidade de que a EJA, seja entendida nas suas especificidades, não se pode ter a expectativa que o aluno trabalhador da EJA, possa ser colocado no mesmo quadrado do ensino regular.

Dificuldade de acesso aos estudantes e familiares, pouca motivação para realização de atividades remotas.

Tenho tentado administrar meu tempo, para que preparação de atividades sejam de qualidade. As atividades profissionais se misturam com as atividades domésticas.

A PMC não trabalha com a plataforma.

O desenvolvimento foi rápido, porém foi necessário abrir mão das minhas necessidades particulares para me doar inteiramente a aprender e trabalhar muito. Ainda não tenho o domínio total nem próximo do desejado, mas estou crescendo e me aprimorando

É um momento novo para todos, temos de nos reinventar para darmos conta dessa nova demanda, oportunizando ao aluno a aprendizagem.

Alunos despreparados para o formato EaD, equipe pedagógica perdida sem formação alguma, professores com inúmeras dificuldades, evasão em grande escala, desemprego.

Inicialmente foi bastante difícil ficar em frente a uma câmera e falar pra alguém que de certa forma não está ali. Depois de algumas tentativas e erros a coisa toda começou a fazer mais sentido. Hoje não vejo direito dificuldade em gravar, mas o processo de ensino ainda está meio estranho.

Eu tive que ser pró ativa e buscar o conhecimento para aprender rapidamente e me virar. Com pouco tempo hábil para me preparar.

Minha tarefa principal e preparar webs para os professores interessados.

Eu estou em casa com minhas duas filhas 2 e 7 anos, durante a tarde tenho que conciliar as tarefas domésticas e aulas da minha filha mais velha. Pela manhã acompanho as aulas do Aula paraná e faço anotações. Somente à noite depois das 22h consigo preencher a planilha obrigatória da PMC e fazer minhas leituras e pesquisas. É difícil conciliar preparo de atividades, pesquisa, capacitação etc com as crianças, mas tenho dado conta.

Pesquisa e gravar vídeo contribuiu para conhecimento tecnológico.

Foi remota.

Muito difícil.
O setor pedagógico não nos dá suporte.
Temos que trocar ideias com os professores.
Sinto-me abandonada.

Já atuava com a ferramenta disponibilizada, então foi fácil para mim. O maior problema é o engajamento dos estudantes.

Disponibilizo atividade, avaliações e animações. Porém, dos 30 alunos somente 5 participam.

Foi tudo muito rápido e tivemos que apreender no decorrer dos acontecimentos, muita ansiedade e sensação de incapacidade inicialmente.

Com muito esforço nuca em tutoriais, ajuda de colegas.

Minhas condições são boas, tenho uma internet veloz, as aulas que ministro na escola Particular tem uma ótima participação através de uma plataforma da rede de ensino, também atuo em uma escola Especial onde as aulas são enviadas por Whatsapp e por atividades impressas onde tenho um bom retorno, na escola Pública já não ocorre esse retorno.

Começamos com muitas dificuldades, nós e os alunos, aos poucos, mais por iniciativas individuais do que da SEED, nos viramos para poder dar conta de nossas atribuições.

Muito corrido, sem muito tempo para planejar as atividades e o terrorismo de certas pessoas da Gestão.

Tive que aprender a gravar e editar vídeos, desenvolver atividades no classroom.

Ok.

Foi de grande aprendizado tecnológico, mas cansativo.

No começo foi difícil pq eu não sabia usar as plataformas, a falta de orientação de como deveria ser realizado os registros por parte da mantenedora tbem dificultou, o material oferecido pela Seed era ruim e não tinha sequência lógica então desenvolvo todas as minhas atividades.

No começo muita dificuldade em criar as atividades pois esqueci de algumas informações para aqueles que não estavam acessando a plataforma! Agora está bem tranquilo!

Foi tudo no susto. A cada dia surpresas. Penso que a categoria está bastante preocupada, angustiada com a participação dos alunos, pois o índice de abandono e a falta de compromisso por parte dos alunos é alta.

Foi extremamente angustiante, deprimente, anti didático

Tudo imposto pela mantenedora, sem formação ou discussão de como seria esse trabalho, muitas mudanças no decorrer do processo. Muito estresse, desgaste emocional e muito tempo trabalhando sem pouco retorno na aprendizagem efetiva dos alunos.

Já havia trabalhado com EAD, inclusive gravando e editando aulas. Mas creio que nesse período de Pandemia, o maior conflito está na participação e comprometimento efetivo dos alunos.

A prática tem sido difícil. Os alunos (poucos) que tem feito as atividades propostas, muitas vezes não retornam às orientações e questionamentos que são feitos, muitos alunos não têm acesso a nenhuma ferramenta para realização das atividades, o que faz com que tenhamos que produzir material para ser impresso.

Partindo do princípio de que a educação física utiliza o corpo como instrumento de aprendizagem, tem sido um grande desafio aliar o ambiente virtual com atividades que promovam esse equilíbrio entre prática e teoria. Tenho pensado em formatos diferentes de atividades, como a realização de uma atividade física e o envio de uma foto ou vídeo. A criação de um jogo ou esporte que possa ser praticado em casa, pensar em jogos cooperativos que envolvam o período que estamos vivendo. Tenho procurado não me ater muito ao currículo e fazer parceria com professores de outras áreas, como biologia e história para a elaboração de vídeos interdisciplinares e gamificação de conteúdos. Porém, isso demanda mais tempo de planejamento e elaboração.

Com dificuldade.

Fbdf.

Tem sido estressante e sem totalmente inútil...assistir aulas não melhora minha prática docente. Tem sido trabalhoso preencher planilhas sem que isso tenha um porquê. Parece que perco meu tempo ajustando pedras...

Muito complicado Difícil.

Muito difícil!!! Principalmente conseguir a participação dos alunos

Horrível pois sou contrário ao ead. Trabalhar com isso é o mesmo que comer caco de vidro.

Trabalho árduo e vago, sem retorno da mantedora.

Muito estressante e desgastante. Está ocorrendo uma superexploração do trabalho docente. A maior frustração é que mesmo trabalhando muito mais, não é possível mensurar a aprendizagem.

Está sendo cansativa, assistir aulas, preencher planilhas, fazer relatório das aulas em um caderno, produzir atividades complementares/ adaptadas, correção, produzir atividades de revisão/ correção, ir à escola para entrega de cestas de alimentos e atividade, estudo do currículo (responder questões/no meu pensamento não deveria estar fazendo isso nesse momento, deveria ser sobre outra temática/pós pandemia(retorno), avaliação dessas atividades/ e assistindo lives.

Difícil e estressante, pois vou aprendendo durante o processo, o que gera dúvidas e insegurança.

Está complicado, o trabalho triplicou. Não temos formação adequada. Não nos passam informações. É muita cobrança. Os estudantes não conseguem realizar as atividades. Cada dia tem uma novidade, mas as orientações das mudanças são escassas. Temos materiais precários em casa para trabalhar.

Uma grande pressão/assédio moral com ameaças, para que um mecanismo absurdamente exclusivamente, por falta de condições materiais e de formação tanto para professes quanto estudantes desse certo.

Aprendendo no dia a dia.

De adaptação.

Estou trabalhando mais e não estou atingindo os objetivos, pois agora só trabalhamos teoria.

Bem, inicialmente estava planejando e postando minhas aulas na plataforma fornecida pela SEED. Tive dificuldades de como baixar os vídeos e postá-los no you tube. A questão da vergonha, da exposição, do julgamento. Tive angústias relacionadas ao dar conta. Você seria professor presencial e acorda EAD! Foi bem complicado. Além da questão de dar conta das minhas obrigações como docente, me vi extremamente estressada, irritada e ansiosa pois estava sobrecarregada. São 15 turmas.... o acesso destes alunos mesmo que eles não o façam nos termos que entrar diariamente no classroom e interagir postando algo.

Muito angustiante

Todas as atividades foram impostas pela SEED, sem debate prévio sobre a eficácia das eads. Muitos alunos foram excluídos do uso da tecnologia pela condição precária de acesso a ela. Situação que vivemos é de marcar presença em mural pra garantir o salário integral. Utilizamos nossa ferramenta, nossa internet para executar essa imposição do governo.

Produções de vídeos explicativos e explicações nos murais no Google Classroom.

Estamos acompanhando as aulas online, tirando dúvidas, acrescentando atividades dos conteúdos trabalhados relacionando com o livro, para facilitar para o aluno. Atendimento individual e no grupo pelo WhatsApp e atendendo na sala virtual, através do meet.

Tenho dois filhos em casa estudando pelo google classroom que tenho que assessorar. Alunos que não compreendem o conteúdo e tem muita dificuldade com a ferramenta tecnológica. Um grande desafio e exercício de saúde mental.

Muito stress, desanimada e doente. Houve um agravamento porque o Estado não concede as licenças de afastamento que os médicos pedem!

Minha prática se resume em preparar atividades que serão impressas e enviadas para a escola. Sou da prefeitura e fui obrigada a assistir aulas da plataforma do Estado e fazer resumos das aulas e enviar. Inclusive tenho que assistir aulas de docência I, mesmo não atuando. Também temos que fazer leitura da BNCC, refletir, fazer apontamentos e enviar também periodicamente. Não fiz correção ainda das atividades, então não posso mensurar o aprendizado dos alunos.

O desenvolvimento da prática docente no período da pandemia, é comparado a um parto prematuro, onde a preocupação e a ansiedade, de ter que aprender a utilizar as ferramentas, gerenciar e ainda orientar os alunos, superaram a alegria do prazer de educar.

Depois de superada as dificuldades iniciais, o trabalho se resume a produção de materiais avaliativos e a motivar/cobrar alunos para realizá-los. Em razão de que eles bem pouco se interagem no ambiente virtual com os professores. Basicamente, quem estão estudando são os professores e uma parcela bem mínima de alunos.

Durante este período estamos apenas preenchendo planilhas relatando sobre as aulas remotas que os alunos assistem e que nós também temos que assistir, preparando atividades remotas quinzenais e fazendo leituras sobre o currículo, enquanto poderíamos contribuir muito mais com aulas online ou criando outras formas de manter o vínculo com os estudantes e isto não deixa um pouco frustrados, pois ficamos de mãos atadas sem poder realmente participar do processo de aprendizagem durante a pandemia.

Muito trabalho.

Precisei descobrir tudo sozinha.

A imposição do modo de trabalho remoto sem uma preparação prévia dos professores, gerou incertezas, inseguranças e ansiedade. Mudanças semanais nas informações e ter que aprender a usar a ferramenta do Classroom principalmente em meio a todas as incertezas deixou as pessoas ansiosas e desmotivadas. Em relação ao município, o trabalho remoto que consiste em assistir videoaulas e gerar relatórios é totalmente sem sentido e acabou virando uma grande burocratização da nossa função nesse período de pandemia, cheio de cobranças e sem perspectiva de formação profissional que agregue em algo na prática docente.

Aprendendo sempre!!!!

Os núcleos regionais exigem relatórios dos professores sobre as aulas da tv Paraná e atividades complementares p os estudantes do município. Na realidade, esse método não efetivo aprendido para os alunos.

As condições representam o que possuo em casa, dividindo a rede com as pessoas que moram comigo e com a instabilidade da companhia telefônica. Tem sido difícil administrar o trabalho de mulher, mãe, Professora e do lar em virtude da organização temporal, além das vídeo aulas do Estado não estarem de acordo com o conteúdo Municipal, devendo haver adequação do conteúdo e ressignificação dos mesmos no retorno.

Muita dificuldade de acesso por parte dos alunos. Leciono em escola rural onde a maior dificuldade foi a de acesso

Tudo por tutoriais e ajuda de colegas!

Foi um tanto quanto difícil, não podemos ficar parados no tempo e sim estar sempre atualizados com as novidades tecnológicas que estão no mundo atual

Não está fácil pois além das atividades remotas tenho minha filha de 3 anos pra cuidar.

Muito complicado.

A situação inusitada do home office sem dúvida pegou todos de surpresa, ter que, de uma hora pra outra, virar "youtubers" e ser professor protagonista de forma virtual realmente tornou nossa prática mais trabalhosa e cansativa.

É bem solitário pois não há troca significativa com os estudantes. Percebo pelas devolutivas das atividades que há baixa participação prática nas aulas de educação física que são passadas pelo canal tv escola (tv aberta e youtube).

Desespero é a palavra. Pensei em pedir exoneração do cargo.

Sempre tive muita facilidade com tecnologia, então não tive muito problema. Por isto, sempre ajudo meus colegas professores nas atividades online.

Com dificuldade, com erros.

O trabalho remoto, tem sido muito mais trabalhoso do que na escola em si.

Bastante dificuldade.

O início foi muito difícil. Como dou aula de Educação Física, as atividades para esse período não presencial tiveram que ser criadas praticamente do zero. Inicialmente dei continuidade aos conteúdos que já vinham sendo trabalhados, posteriormente dei início a outros conteúdos..., mas as ideias vão acabando conforme o isolamento vai se estendendo. Esse é somente um dos problemas. O mais difícil é lidar com a ansiedade, com o cansaço, a exaustão mental e o desânimo. Muito é cobrado de nós professores e pouco é valorizado.

Meus equipamentos não são os melhores, mas estão servindo. Tenho espaço disponível em casa para realizar as aulas on-line. No entanto, sinto muita dificuldade de prender a atenção dos alunos e instigá-los a participar das aulas. Pois como estão em casa, a impressão que tenho é que ainda não sentem que a aula está acontecendo realmente.

Tenho me esforçado bastante para aprender a utilizar as tecnologias no ensino de inglês, mas sem me esquecer dos alunos sem acesso à internet. Entre os meses de junho e julho, marquei algumas aulas online no Google Meets com as minhas turmas e percebo que essas aulas têm ajudado os alunos. Criei um e-mail específico para receber as devolutivas de atividades dos alunos e disponibilizei meu Whatsapp para que os alunos possam tirar suas dúvidas comigo. Acredito que estou fazendo tudo o que está a meu alcance para ajudar meus alunos e as escolas nesse momento difícil.

Muita confusão, ninguém sabe se situar a onde está, cada hora um fala uma coisa diferente, muda toda hora os planos.

Muito complicado.

Não é fácil pois a carga horária aumentou muito e a sua casa virou a escola, além de ter também as atividades para realizar com a filha.

Acredito que tenho tido condições para desempenhá-las muito bem.

As condições foram as mais adversas possíveis, o material foi postado pela mantenedora foram se acumulando não dando tempo hábil para o aprendizado da ferramenta utilizada. Agora após o primeiro trimestre tanto professor como alunos estão se adequando as aulas online.

Percebi que os alunos selecionam aquilo que é mais fácil e ficam de fazer aquilo que é mais complicado.

Preparação de atividades para famílias pegarem na escola. Correção dessas atividades. Elaboração e correção de atividades para postagem no classroom. Sou uma cumpridora de tarefas que não se reverte em aprendizado.

Desde o início das aulas remotas. Busquei de imediato aprender a usar os aplicativos oferecidos pela instituição de ensino. Em seguida fui procurar atividades que fossem interessantes aos alunos. A situação mais estressante de tudo isso foi tentar ajudar os alunos a utilizar os aplicativos. Resgatar o interesse deles para as produções e participação nas aulas e é o que continua até o momento: Manter a presença deles nas aulas.

A instituição mantém suspensas as atividades desde março, mas alguns docentes realizaram atividades apenas para manter o contato com os estudantes, dentro de suas possibilidades. A participação é baixa e a qualidade das atividades desenvolvidas pelos estudantes é muito inferior ao normal.

Demorei muito tempo aprendendo fazendo pesquisa de tutoriais para saber como lidar com o modelo imposto pela mantenedora. Atualmente, decorridos 3 meses, o desgaste se encontra no retorno dos estudantes, que não depositam crédito no modelo adotado e nas constantes mudanças implantadas no sistema, que tem onerando bastante os estudantes e docentes.

Foi muito difícil no início pois não tivemos nenhuma informação prévia sobre aula EaD, ocorreram durante o processo de implantação EaD muitos desencontros de informações.

Implantação de atividades remotas "a toque de caixa". Não houve formação para professores e estudantes. O professor é tutor pois o conteúdo é as aulas são prontas e disponibilizadas na plataforma de ensino.

Completamente estressante, não tivemos suporte inicial para aprender e desenvolver as atividades.

Foi tranquilo no começo, mas tornou se muito estressante e cada vez mais cobrança.

Sem suporte, muito estressante.

Está complicado. A principal dificuldade é a baixa participação dos alunos.

Muito trabalho para elaboração das atividades e com as tecnologias e também para disponibilizar as aulas e o retorno, devolução das atividades é muito baixa.

Aprender na prática.

Trabalho sem retorno.

Minhas práticas pedagógicas estão limitadas, devido ao pouco conhecimento em ferramentas digitais e recursos aos poucos recursos tecnológicos que possuo.

No meu trabalho com a EJA pude estar gravando muitas aulas com os alunos (na maioria idosos) foi muito interessante e gratificante.

Antes da pandemia eu já utilizava a ferramenta com meus alunos, então não foi muita surpresa pra mim e nem pra eles. Meu trabalho aumentou muito, pois preciso criar tudo do zero para que, nas disciplinas técnicas, eu tenha a possibilidade de o aluno compreender. Não considero que a aprendizagem esteja acontecendo, pois, não consigo com as ferramentas disponibilizadas avaliar o aluno e, eles mesmo não têm a disciplina de estudar EAD. Aos poucos eles foram aprendendo a utilizar a ferramenta, porém o interesse, percebo que está cada vez menor. Mesmo utilizando a ferramenta após a pandemia, deixando as aulas mais dinâmicas, não posso afirmar que o conhecimento técnico foi adquirido, deixando-me assim com um sentimento de frustração devido a qualidade do profissional que estou inserindo no mercado de trabalho.

Estou aprendendo, pesquisando e ainda errando muito, mas à medida que acerto, aprendo a lidar com um novo recurso e assim prosseguindo.

Acredito q as atividades direcionadas aos estudantes e preenchimentos de planilhas. Sempre tem algo a ser acrescentado.

Foram positivas, porém acumulativas devido ao trabalho em dobro na plataforma digital e no registro de classe online LRCO.

É muito difícil trazer a participação dos alunos na sala virtuais.

As condições são razoáveis, porém as maiores dificuldade que percebo é da de acesso dos nossos estudantes, na maioria das vezes tendo que dividir aparelho, e também não conseguir aprender sozinhos.

Está sendo um aprendizado que ã tem como mensurar, aprendi em 3 meses o que poderia ter aprendido no passado...

Muita ansiedade, pedindo auxílio à família, preocupada com a internet que oscila muito.

O desenvolvimento foi paulatino.

Foi muito tenso aprender a manusear as ferramentas com o processo educacional em andamento. Tal fato gerou muita angústia e insegurança.

Dificuldade de acompanhar o aprendizado dos alunos.

As atividades remotas exigem do profissional, muito mais tempo para pesquisa de ferramentas associadas aos conteúdos da disciplina. Portanto o tempo de dedicação aumentou consideravelmente. A adequação a esse modo diferente de interação entre professor e alunos também causou impacto na aprendizagem dos alunos. Boa parte deles tem muita dificuldade pois não possui a cultura da autonomia, desconhece ferramentas básicas, ou ainda, não possui nenhum equipamento tecnológico digital (smartfone, tablet, computador).

Tenho tido muitas de faculdades, porém busco auxílio de outros.

A prática foi ótima e acessível, muito aprendizado.

Foi de aprendizado para mim e dúvidas sobre a aprendizagem dos alunos. Na rede pública as aulas são gravadas por um grupo de professores da rede e disponibilizada pela sede, elas são postadas no classroom e nós professores temos que interagir com o aluno, confesso que há pouquíssima participação dos alunos na plataforma, alguns não tem acesso à internet ou equipamentos, outros por falta de interesse. Além da plataforma há aulas pela tv e a escola distribui material impressora para a realização das atividades avaliativas. Não tive nenhuma formação, tive que buscar esse conhecimento.

Dificuldade, ansiedade e quando pegamos à sistemática de funcionamento são realizadas mudança desnecessárias.

Percebo que os alunos não estão participando cansado, desinteressado.

De muita pesquisa e de muita interação com os colegas docentes.

Para desenvolver as aulas online busquei tutoriais no YouTube para aprender a gravar a tela do PC, bem como mesa digitalizadora para resolver os exercícios e problemas propostos. Confesso que tive que me dedicar bastante e desembolsar dinheiro para baixar programa de edição. A maior dificuldade é o barulho para realizar as gravações.

Utilização de recursos próprios e aprendizado autodidata. Dobro da carga horária da escola inserida no cotidiano familiar. Mesmo tentando fazer o melhor possível sendo cobrada como se não fosse o suficiente e como se a responsabilidade pela ausência dos alunos fosse culpa dos professores.

Buscar informações sobre o uso da ferramenta, acredito que jamais aula remota supera ou substitui aulas presenciais.

Bons.

As maiores dificuldades são cuidar da casa e do filho, separar os horários, trabalho de madrugada e estou sempre cansada.

Eu já utilizava o classroom, com isto não tive dificuldades.

Situação estressante devido ao pouco tempo para se apropriar de ferramentas não utilizadas. Tendo uma prática razoável por ter condições de desenvolvimento insatisfatórias.

Bons.

Assistir videoaulas produzidas pela SEED, registrar elas em caderno e planilha de conteúdo. Planejar e concretizar com meus pares, listas de atividades complementares e adaptá-las. Isso ocorre para o projeto de Direitos Humanos: atividades. Alimentar e produzir materiais para o blog de Matemática da escola. Assistir e participar de lives, palestras, semana pedagógica da SME.

Tudo foi complicado de fazer porque eu sabia muito pouco.

Percebo que os alunos não estão participando cansado, desinteressado.

Muito difícil.

Acredito que todos, apesar das difíceis condições, aprendemos muito, porque o aprender só acontece na prática e conseguimos vencer e aprender sozinhos. A dificuldade é o fato de não termos como garantir que os alunos fizeram por si mesmos as atividades. Há muita cópia da internet nas atividades dos alunos.

Desesperador, buscando conhecimento para atender os alunos. Assistir várias lives. Buscando contactar alunos através Whatsapp para ensiná-los acessar o Classroom para incentivá-los a interagir e participar das aulas e conseguir fazê-los aprender.

Difícil, contato com os alunos, não percebo interesse nem aquisição da aprendizagem. Carga de trabalho extenuante para professores, morosidade, alunos não realizam atividades. E temos muitas cobranças. Em relação a entender todo este processo digital também não preocupo me, pois se não sei vou procurar saber, entender e fazer. Minha preocupação é o aluno.

Tenho tentado fazer uma prática de interação com os alunos, para tornar a aula dinâmica, mas os alunos são resistentes a essa tática.

Condições péssimas. A prática do dia a dia foi nos ensinando. Aprendi um pouco com os colegas de trabalho, outro pouco com alguns alunos/as, e com os filhos. Tem dias que é muito angustiante, me sinto, às vezes incapaz. Ainda bem que meu filho, que fez tecnologia da informação tem me ajudado muito.

O desenvolvimento se deu de forma autodidata, a situação é muitas vezes tensa e estressante devido às dificuldades de utilização das ferramentas e do repasse das informações.

Frustrante. A gente se esforça muito e tem pouco retorno dos alunos.

No começo foi difícil pq eu não sabia usar as plataformas, a falta de orientação de como deveria ser realizado os registros por parte da mantenedora tbem dificultou, o material oferecido pela Seed era ruim e não tinha sequência lógica então desenvolvo todas as minhas atividades.

O desenvolvimento foi pessoal. Trabalhando mais por ter que estar a todo momento entrando na plataforma e colocar participação de alunos que levam as atividades na escola.

Condições ruins falta de controle sobre a avaliação.

Difícil pouco engajamento dos estudantes.

Turbulenta, crianças estudando em casa, marido também trabalhado de casa. Mais trabalho e sem muita ajuda. Cada hora um relatório diferente pra fazer, uma nova metodologia. Além das intermináveis entregas de atividades atrasadas. Alunos no wat sapp a toda hora e independente da hora. Pedagoga cobrando atividade para os que não tem acesso à internet, correção dos mesmos quando entregam. O interminável lançamento no RCO, terminou de atualizar ufa, aí um aluno começa a fazer atividade desde o primeiro dia de Ead, aí começa tudo de novo. É um trabalho exaustivo e pouco produtivo. Pressão e ameaça para deixar tudo atualizado, isso é desumano e inacreditável, visto que todos sabem que é impossível atualizar em tempo real o RCO. Além de que estamos utilizando internet doméstica e particular, fraca e muitos acessando ao mesmo tempo. Tem muito mais, mas para exemplificar basta.

Condições difíceis, pois não tivemos formação e foi muito improvisado por parte da seed.

Incapacidade.

No início tive dificuldade, mas com ajuda das pedagogas e amigos da escola, tudo ficou mais tranquilo.

Desinteresse enorme por parte dos alunos.

Carga horária superior, pois foi necessário aprender utilizar as ferramentas e ainda dar assistência aos alunos.

Muita dificuldade no início, pânico nos primeiros meses. Na insistência e contando com ajuda da esposa que também é professora, conversa com colegas do trabalho, acabou saindo o mínimo para contornando a situação

Como a situação foi emergencial, não houve tempo para preparação e organização das atividades. No início foi muito difícil por desconhecer as ferramentas necessárias. A dificuldade agora é convencer os estudantes a participar das aulas.

Muitas mudanças no período de inserção no aplicativo.

Difícil realizar uma aprendizagem efetiva, ainda mais quando as aulas e assuntos não são feitos por nós docentes.

A minha prática foi Boa, porem o stress e a ansiedade foram muito grande.

Um aprendizado constante

O uso das ferramentas foi a maior dificuldade por ser o primeiro contato. Com a busca em tutoriais feitos por colegas o domínio sobre as ferramentas está suficiente.

Ficamos no escuro sem saber se os alunos estão acessando as aulas, conseguindo fazer. De mãos atadas. Não confio quando minha direção diz que estão em sua maioria acessando as aulas.

Temos que fazer uso de recursos tecnológicos próprios... A prefeitura não disponibiliza nada! Computador, crédito pra celular, internet, formação... Simplesmente querem que seja feito um excelente trabalho.

A partir do conteúdo das aulas seed eu procuro pedir trabalhos que os façam pensar na possibilidade de vivenciarmos isso na prática. Também estimulando que façam atividade física em casa

Não foi fácil, mas estou dando conta.

No momento estava prestando serviço na mantenedora e ouvia dos núcleos regionais a dificuldade tanto dos docentes quanto dos discentes no envio e atividades e avaliações principalmente na Educação de Jovens e Adultos.

Se aperfeiçoar, aprender, solicitar ajuda de famílias...

Academicamente este ano está totalmente comprometido. Não temos como mensurar a qualidade da aprendizagem. Os alunos têm dificuldades para resolverem as atividades. As aulas transmitidas são complexas e distantes da realidade. Nos formulários os estudantes compartilham as respostas entre si. As notas não traduzem nem minimamente a aprendizagem.

A todo momento surgem novas orientações. O sistema é engessado. Poucas possibilidades de autonomia.

Muito ruim, por não está preparado para tal situação.

Muito estressante, principalmente a forma como a prefeitura de Curitiba vem impondo aos profissionais que devem assistir videoaulas fora do seu componente curricular, além de elaborar relatórios e aulas sobre os temas das aulas propostas.

Aprendi por conta, e está sendo difícil desenvolver todas as atividades propostas, pois estamos todos em casa, inclusive duas crianças.

Muita pesquisa, parece que estamos no escuro, sem direção sem saber onde se quer chegar.

Tenho um pouco de facilidade em utilizar os recursos tecnológicos devido a minha formação acadêmica, mas mesmo assim afirmo que foi muito desgastante a implantação do ensino remoto emergencial. O excesso de informações, lives, tutoriais foi muito grande.

De cumplicidade e colaboração com os colegas

Com muito aprendizado

Pouco acesso aos alunos

Dificuldade na mudança nas metodologias

Muita pressão de todas as partes

Foi bem tranquilo, já conhecia as ferramentas

Muita angústia e sentimento de incapacidade

Me senti abandonado pela própria sorte

Apesar das dificuldades, percebo que aprendi bastante.

Difícil contato com a família

De muitas descobertas

Reconheço o fato de que estou em uma situação privilegiada na minha rede de ensino. A minha chefia imediata sinalizou, desde o início da pandemia, que o foco do nosso trabalho pedagógico seria a qualidade do ensino e, na medida do possível, a universalidade do acesso para toda comunidade escolar. Tivemos um período de reuniões, onde estabelecemos formas de comunicação com a comunidade (predominantemente pelo whatsapp), sendo que as alunas e alunos que não dispunham desta tecnologia foram contactados por telefone. Hoje temos o atendimento garantido à aproximadamente 90% da nossa comunidade. Este talvez seja o ponto de maior sucesso na organização da nossa escola - obvio que contamos com uma comunidade relativamente abastada, que dispunha das mínimas condições para acessar as tecnologias de comunicação com a escola. Sobre o nosso trabalho pedagógico, me sinto refém de uma situação constrangedora. As atividades remotas nas aulas de educação física não dão conta de atender as mínimas condições de acessar o universo de conhecimento dos alunos, e, por consequência, se transformaram em uma atividade que se esvazia em si mesma. E, dentro dessa política pública, nada conseguimos fazer além de acompanhar as atividades à distância, e oferecer os nossos feedbacks para uma situação de retorno às atividades na escola. Ou seja, além de não termos um alcance substancial com a nossa crítica ao modelo remoto, precisaremos lidar com o fato de que o conjunto dos atores da escola o consideraram suficiente para dar conta de contemplar os critérios e objetivos lançados em nossos mapas curriculares. Confesso que estou muito frustrado com isso! Procurei estabelecer um vínculo de proximidade com as minhas turmas. Para isso, dediquei um tempo bastante grande para aprender a utilizar as ferramentas de edição de vídeo, e aproximar os nossos encontros daquilo que as turmas consomem na internet para o seu lazer e entretenimento. Fiz no autodidatismo, mas consegui me apropriar de algumas tecnologias de streaming, utilizando ferramentas como o twitch e o aplicativo OBS (utilizado para a transmissão de "lives"). Apesar de o resultado desse trabalho ter me sido satisfatório, eu não consegui estabelecer contato com um número significativo de alunos, pois eles estão muito envolvidos em dar conta dos formulários de atividades enviados pela SEED e pelas atividades complementares da escola. Ah, outros deles estão preocupados em

sobreviver a essa pandemia, e estão, de alguma forma, tentando ajudar nas atividades de trabalho das suas famílias, o que acaba os afastando dos compromissos com a escola. Enfim. não acho que tem sido uma experiência fácil para todas as profissionais do magistério, e confesso que tive sorte, por ainda participar de uma geração que teve a oportunidade de aprender a produzir conhecimento utilizando essas ferramentas tecnológicas. Por outro lado, o excesso de atividades e compromissos pela produtividade na escola foram sempre um obstáculo para que pudesse atualizar os meus conhecimentos nessa área, e tornar o uso e o consumo de mídias digitais útil, relevante ou significativo para a minha prática cotidiana na escola. Estou em processo, com intenções claras de me aprofundar (muito mais pelo meu próprio interesse, do que para compactuar com uma prática de educação falaciosa).

O que mais afeta o trabalho é a mudança de direcionamento e falta de organização. A maneira da chamada já mudou várias vezes, acesso as atividades, tipos de atividades, tornando difícil um planejamento efetivo de avaliação.

Como eu já tinha um pouco de conhecimento de atividades em ava não foi tão estressante, inclusive pude auxiliar os colegas com mais dificuldade.

O desenvolvimento foi pessoal. Trabalhando mais por ter que estar a todo momento entrando na plataforma e colocar participação de alunos que levam as atividades na escola.

Muita burocracia e pouca efetividade em atingir os estudantes, muito devido a falta de planejamento da mantenedora.

Dentro da normalidade.

O uso das ferramentas foi a maior dificuldade por ser o primeiro contato. Com a busca em tutoriais feitos por colegas o domínio sobre as ferramentas está suficiente.

Desmotivante, pouca adesão de estudantes.

Apreendi a lida com as ferramentas aos poucos. Mas, como ã são todos os alunos que acessam, sinto-me desconfortável nesse ambiente virtual.

No começo foi difícil, depois que aprendi foi fácil realizar.

Acompanhar videoaulas com a mesma temática para várias series, pensar na adequação possível no retorno.

Para mim, a adaptação foi um processo sofrido e lento. Demorei a me adaptar, dominar as ferramentas e trabalhar dentro de limitações. A dificuldade com a interação com os estudantes também tem sido angustiante, estou cheia de dúvidas quanto ao que eles realmente estão aprendendo.

A escola precisou de reinventar e os profissionais também, foi necessária uma atualização da prática de imediato, gerando ansiedade junto ao novo.

tenho dificuldade para avaliar os alunos, estou dando aula pra tv e isso ocupa meu tempo para a preparação.

Complicada, a Educação Física é uma disciplina prática, a maioria dos alunos não tem material em casa o que limita a atividades teóricas.

Repassar e responder alunos.

A escola precisou de reinventar e os profissionais também, foi necessária uma atualização da prática de imediato, gerando ansiedade junto ao novo.

Muito difícil.

O problema foi o tempo, as situações acontecendo simultaneamente e ter que atuar sem formação para os aplicativos... aprender na força e com muitas cobranças pela SEED.

O maior problema são a falta de condições de acesso por parte dos estudantes, que muitas vezes vivem em condições de pobreza extrema.

Foi estressante no início, agora vou fazendo aos poucos.

Alunos desinteressados, não demonstram ao menos ler o que se posta no mural; fomos atirados à plataforma no susto. e quem não foi. tempo necessário para preparar uma aula condizente aos alunos insuficiente, muitos alunos sem acesso à Tecnologia.

Fiz apenas as avaliações obrigatórias aos alunos, por meio de auxílio de colegas e com muitas dificuldades. Utilizei e indiquei aos alunos as aulas e conteúdos postados pela SEED.

Foi acertado e errando para aprender

Desafiadora! Sempre em busca de novas formas de ensinar e aprender.

Atendimento a pais e professores por wats, até mesmo fora do horário de trabalho, reuniões por videoconferência, análise e preenchimento de planilhas.

Tenho elaborado atividades para aqueles alunos que não tem acesso às aulas remotas e encaminhado para os colégios onde esses alunos irão buscar para fazer em casa e depois devolver para corrigirmos e acompanhado os alunos que acessamos aulas de vídeo e elaborado questões extras no Google Classroom, elaborado relatórios, preenchido o registro de classe online, participado de reuniões online (vídeo-conferências), conselhos de classe, etc.

Muito difícil atender os alunos, especialmente os com dificuldades de aprendizagem. É muito extenuante repetir individualmente as orientações. As ações são repetidas inúmeras vezes, por exemplo o acompanhamento das frequências dos alunos e de suas tarefas, uma vez que podem ser feitas a qualquer momento. Fazer contatos e não receber respostas é muito frustrante. As exigências e a carga de trabalho só aumentam. Trabalhar em casa é difícil, não há ambiente adequado. Trabalho no meu quarto, o meu local de descanso virou meu escritório. Isso não é bom. Sem conexão, exceto as videoconferências, com os colegas. É triste. Me sinto usada.

A maior dificuldade foi o pouco tempo que tivemos para trabalhar e em se adaptar o mais rápido possível com o Google Classroom e os cadastramentos com e-mail e senhas.

No início, foi angustiante, pois o que estava sendo testado não era minha competência pedagógica, mas tecnológica. Horas e horas de trabalho mexendo na ferramenta, procurando soluções por caminhos desconhecidos e tentando adivinhar como ajudar o aluno que estava do outro lado, muitas vezes, sofrendo mais do que você. Não foi fácil, mas aos poucos foi melhorando e hoje olho para tudo como sendo um grande aprendizado e uma grande vitória minha e dos meus alunos que foram guerreiros. Agora, que venha o segundo semestre!!!!

Muita conversa via mural. Mando e-mail.

Muita ansiedade; possível síndrome do pânico; afastamento médico

É muito difícil conciliar o trabalho em casa, os problemas familiares e a ansiedade e medo de pegar covid. Isso atrapalha muito.

Tive que procurar por tutoriais e fazer buscas pessoais para aprender a utilizar alguns recursos de vídeo para gravação de algumas aulas.

Aprender e ensinar ao mesmo tempo.

Como direção tivemos que aprender tudo correndo para conseguirmos auxiliar o corpo docente, equipe pedagógica e os estudantes! Trabalho sem fim pois os estudantes apresentam dificuldades com a utilização das ferramentas então ainda não esgotamos as orientações!

Dificuldade em conciliar as duas escolas.

Tranquila, pois busquei com " urgência " a solução para o aprendizado.

O trabalho se desenvolveu intuitivamente, sem preparo e seguindo as informações de última hora propostas pela mantenedora. O processo é inconstante pelas mudanças de orientação. Além disso, a participação dos estudantes é extremamente baixa, o que prejudica a aprendizagem e sua mensuração.

No início, assim como para a maioria das pessoas acredito, foi bastante difícil. Senti muita dificuldade e por muitas vezes tive vergonha de ficar perguntando por medo de exposição. Não estávamos preparados, mas agora está bem mais tranquilo e já familiarizada com as ferramentas. Acho que tudo foi um grande aprendizado.

Condições repentinas e pouco assertivas e com planejamento no decorrer do processo que foi desfavorável para o momento.

Apesar de toda dificuldade por parte dos alunos também, penso que consegui superar bem essa fase de adaptação a uma nova condição ministrar aulas. Foi muito cansativo, porque a maioria dos alunos não tiveram nenhuma orientação quanto a manuseio da plataforma, eu tive que ensiná-los a usá-la. Penso que 95% usam o celular para estudar, o que tem dificultado o aprendizado. Por isso, o número grande de desistentes. Boa parte acessa o WhatsApp, e não conseguem a cessar o Classroom, acham complicado. Daí o atendimento via WhatsApp, ter se intensificado. Eles não têm recursos tecnológicos, para isso. Nem mesmo os professores. Eu tive que comprar um laptop novo, pois o meu anterior já não conseguia acompanhar essas novas versões de programas. Até meu celular terei que comprar outro, pois esse também está obsoleto. Enfim, o Estado não nos oferece condições e recursos tecnológicos para trabalho, sem contar a questão da internet, que aumentei a velocidade por conta do trabalho. Tudo isso encarecendo mais ainda, para que eu possa executar e oferecer um bom ensino aprendizagem para os alunos.

"finja q aprende que eu finjo que ensino".

Aprendizado diário.

As condições extremamente desgastantes, estressantes. Aprender fazendo, com o mínimo de auxílio desde o início. Muitas mudanças por parte da secretaria de Estado, seja no ambiente virtual ou não formas de encaminhamentos do processo. Quanto professores e alunos estão começando a ser adaptar, mudam. Tenho orientado muito com recados, auxílio nas atividades reprimendo questionamentos de alunos, mas sempre de forma escrita. Não fiz gravações de vídeo. Não me sinto a vontade nem segura. Além de sentir invadida na privacidade de minha casa, que não é meu ambiente de trabalho. Muito trabalhoso e não acredito que ocorra a aprendizagem. Concordo que alguma atividade deve haver para os alunos, porém, não de forma tão exaustiva como tem sido.

Ajuda mútua e dedicação.

Como minha área temos mais atividades práticas, a situação de ficar sentada por muito tempo me deixa muito cansada e com dores, em relação teoricamente dos conteúdos acredito que ficará um Conhecimento mais profundo para os alunos, daqueles que estão fazendo conforme o pedido.

Dificuldade em utilização de aplicativos, falta de um lugar e equipamentos de qualidade para trabalhar em casa, dificuldade em saber se o aluno está se dedicando nos estudos propostos.

Foi boa.

É impossível afirmar que existe processo de aprendizagem em curso. A maioria dos estudantes não têm acesso às plataformas e os poucos que têm acesso não tem orientação adequada para este tipo de educação - isto se reflete, por exemplo, na esmagadora maioria das atividades que são simples cópias diretas de sites da internet. Junto à isto, somos pressionados pela direção e equipe pedagógica a dar nota para os alunos, por conta do Ideb, gerando os números que o Estado chama de educação. O discurso do Estado é de que somos protagonistas e temos autonomia para mudar os conteúdos e atividades postados pela Secretaria de educação. Mas isto é falso na medida que o Estado não proporcionou a estrutura necessária para que haja a devida interação entre professores e alunos. O dado da direção da escola é de que em torno de 1/3 dos estudantes acessa as plataformas, 1/3 vai à escola buscar e entregar atividades impressas e 1/3 não teve qualquer tipo de interação à distância no primeiro trimestre. Por conta desta situação somos abrigados a adequar as atividades ao conteúdo das aulas vinculadas pelo Estado através da televisão. Caso gere algum conteúdo novo para as plataformas, exercendo meu "protagonismo", não tenho nenhum meio para avaliar o aprendizado de 2/3 dos meus alunos. Enviamos atividades impressas para a escola, baseadas nas aulas da Seed, com a esperança de que os alunos tenham acesso e assistam as aulas pela televisão, mas não temos como saber se isso acontece ou como acontece.

As condições foram ruins e a prática insatisfatória. Há um desinteresse generalizado por parte dos estudantes devido às dificuldades de acesso, falta de orientação e baixa aprendizagem.

Condições de estar aberto ao novo, aprender praticando, pois, a dificuldade era plena para todos os profissionais, alguns professores os mais jovens com mais facilidade de domínio aos aplicativos, onde se apropriaram mais rápido e nos auxiliarão muito com tutoriais desenvolvidos por eles. Diante do caos que se instalou, pois além de termos que aprendem a lidar com o novo, tínhamos que orientar e ensinar os alunos e seus responsáveis sobre como usá-lo para assistir as aulas, realizar as atividades e pontuar sua frequência. Foi muito difícil, em pouco tempo ter que dar conta de tudo.

Tenho pesquisado bastante para preparar minhas atividades, organizando de maneira clara para os alunos.

As exigências a mil e eu catando cavaco atrás.

No início foi muito difícil, porque todos foram pegos de surpresa, na utilização de uma plataforma que muitos ou a maioria não tinha nenhum conhecimento.

Estamos vivendo um momento muito difícil e infelizmente mesmo essas práticas remotas não sendo as melhores é o que temos no momento para tentar minimizar tudo isso.

As respostas a atividades atrasadas dos alunos exigem um retrabalho constante.

Muita cobrança em cima do professor para que os estudantes utilizassem a plataforma, claro que isso varia em cada escola, postagem no mural sem resposta dos alunos...

Foi complexo, demorado e estressante. Reaprender a lecionar utilizando uma nova ferramenta tecnológica e ensinar ao aluno a utilizar algo qual você não domina. A aceitação, superação e cooperação dos discentes, a conscientização, foi algo que diariamente precisou ser reforçada.

Vejo positivamente as vídeo aulas, ajudam com os conteúdos, as quais eu assisto e trabalho as aulas com meus alunos, como um reforço dos conteúdos, aplico atividades e com os poucos alunos que as realizam tem obtido bons resultados.

Foi tudo muito atropelado, tivemos que nos virar nós 30. Aprendemos sozinhos, mexendo no classroom, errando e aprendendo.

Básicas.

Sofrido, adaptação não foi fácil, mas acredito que estou superando as dificuldades.

Eu não utilizo nenhuma atividade da Aula Paraná. Eu continuei propondo os meus conteúdos e atividades, como se estivéssemos em sala de aula presencial. Os alunos do terceiro ano estão tendo aulas de História no lugar de Sociologia. Optei em seguir o meu planejamento e o livro didático do nosso colégio.

Sofrida.

No começo bem confuso, depois com as instruções da coordenação e direção foi mais tranquilo, e conseguimos terminar o semestre e formar uma turma online.

Muito sofrida

Fazendo e aprendendo

Tenho pesquisado bastante para preparar minhas atividades, organizando de maneira clara para os alunos

Muitos professores têm sentido dificuldades de lecionar com o auxílio de tecnologias, devido à ausência de preparo para lidar com as mesmas e por receio de não conseguir avançar com a aula, que vai desde ferramentas de colaboração a ferramentas de interação. A formação continuada será fundamental neste momento pós pandemia, com o retorno de aulas presenciais, nem os professores e nem os estudantes serão os mesmos.

Me virei como pude, sem orientações precisas. A angústia só tem aumentado.

Tentativa e erro constante.

Realmente me pegou de surpresa ter que trabalhar remotamente, apesar de achar que estou apto. A parte mais difícil é trazer os alunos para a prática pedagógica, pois os alunos têm demonstrado pouco interesse em ler e ver vídeos sobre conteúdo.

Foi um grande desafio, já que os alunos, além de desconhecerem o funcionamento do classroom, não têm as ferramentas para utilizá-lo (celular, computador). Isso obriga o professor a disponibilizar as atividades impressas, o que gera muito trabalho e atraso na apuração de resultados.

O maior problema são os softwares empregados em matemática é muito difícil elaborar material) muito trabalho)

Fomos pegos de surpresa. Muitos colegas de trabalho não tinham experiência ou tinha pouca experiência com AVA. Não tive dificuldades para me adaptar, mas o cansaço e o tempo durante a preparação e correção é muito longo e extenuante.

Muita aprendizagem em tecnologias.

Tudo tenso demais.

Videoconferências com direção, elaboração de atividades complementares, estudo de currículo.

Fui sozinho aprimorando as técnicas de preparo e trabalho e fui comprando equipamentos cada vez melhores

Dificuldade em entender as mudanças nas propostas das mantenedoras, mudam todos os dias as direções.

Foi por erros e acertos e vídeos.

Respostas da Questão 2

Questão 2 - Indique que tipo de formação você gostaria de ter recebido para atuar com aulas remotas.

270 respostas

Utilização de ferramentas.
Administração do tempo.
Curso de produção de vídeo aula.
Cursos.
Eu a princípio, somente de ensinar por meio de uma câmera. Mas acho que o que mais me impossibilita, e ter os recursos.
Material de edição de vídeo e postura na oratória e desenvolvimento de material.
Formação específica para uso de ferramentas digitais.
Videoconferência com equipe multidisciplinar.
Como usar o classroom de maneira a extrair todo o potencial da plataforma, programas para auxiliar na gravação de vídeos.
Cursos específicos da plataforma.
Formação presencial e prática de aplicativos do google e internet em geral.
Treinamento específico.
Formação como trabalhar em EaD.
Metodologia de gravação de vídeos.
Apropriação e utilização prévia das mesmas ferramentas que estou utilizando, como o google classroom e o Google Meet.
Todas as formações possíveis.
Capacitação para gravação e edição de vídeos; uso de aplicativos mais interativos.
Novas metodologias através da tecnologia.
Capacitação tecnologia.
Uma palestra mostrando na prática o uso da ferramenta.
Deveríamos ter tido cursos, no lugar daquelas SEP cheias de documentos para ler. Talvez desta forma não encontrássemos tantas dificuldades.
Cursos mais aprofundados.
Aula via telefone. Única solução para ter contato com o aluno.
Cursos, tutoriais, manuais explicativos etc.

Formação presencial com as ferramentas q usamos atualmente.
Ideias de trabalhar aulas práticas de Ed. Física remotamente.
Educação permanente/treinamento.
Adaptações Curriculares Específicas na Educação Física, MEET, CLASSROOM, FORMS, enfim todas as ferramentas para utilização nas plataformas que estão operando.
Como ministrar e utilizar equipamentos.
Todas possíveis.
Curso mais aprofundado sobre as mídias digitais relacionada as práticas de educação física.
Tutoriais de como utilizar equipamentos, auxílio do grupo pedagógico da escola.
Ferramentas tecnológicas alternativas para enriquecer as aulas e as atividades dos alunos.
Curso para utilização das ferramentas.
Curso.
Apostila.
Durante as capacitações fornecidas pela seed.
Como trabalhar com o Classroom, vídeos aulas como produzir.
Cursos presenciais sobre as ferramentas utilizadas.
Um curso onde fossem abordadas as diversas tecnologias disponíveis.
Como deve ser uma aula remota.
Acho que as demandas que apareceram nas aulas remotas não seriam supridas com cursos anteriores.
Antes da pandemia em lá laboratório.
Cursos.
Cursos de formação...ferramentas... utilizar alguns aplicativos.
Como usá-las.
Nenhuma. Ead não serve para educação básica.
Google Clasroom, Zoom.
Formação que vincule os conteúdos com a realidade pratica durante a pandemia.
Ensino remoto.
Capacitação quanto ao uso e as possibilidades do classroom.
A utilização de tecnologias no aprendizado virtual.

Formação direcionada a fundamentar de forma conceitual e prática as metodologias que comprovem de forma crítica e científica argumentativa o processo de aprendizagem remota com adolescentes sem condições materiais nem preparo, considerando as faltas de condições materiais, espaços físicos e formação dos professores. Pois, estamos apenas reproduzindo conteúdos de forma intuitiva e arcaica.

Cursos de aperfeiçoamento.

Uso de programas e plataformas.

Novas ferramentas tecnológicas.

Capacitação para utilizar as ferramentas digitais.

Classroom e Google forms.

Utilização de Editor vídeos. Plataforma YouTube para disponibilizar às aulas gravadas pelo professor. Utilização de ferramentas como o classroom.

Formação de Aulas online.

Curso de tecnologia da aprendizagem.

Programas de edição de vídeos interativos mais completos.

Estamos recebendo as formações gradualmente, conforme a necessidade do momento.

Tecnológica do Google Classroom.

Curso de formação tecnológica.

Formação em Tecnologias Digitais.

Curso presencial.

Na rede municipal de ensino de Curitiba os estudantes não têm acesso às plataformas digitais. São apenas disponibilizadas aulas gravadas por professores da rede estadual, reproduzidas via TV e canal do YouTube e recebem quinzenalmente atividades remotas que são entregues na escola. Eu gostaria muito que tivéssemos acesso ao Google Sala de aula, como foi feito pelo estado e, assim, manter o vínculo com os estudantes.

Aulas práticas, tutoriais, exemplos.

Como usar as ferramentas do google classroom antes dele ter sido imposto.

Gostaria de ter tido disciplina específica na formação acadêmica.

Sobre tecnologias de modo geral.

Os alunos do Ensino Fundamental II do município de Curitiba foram esquecidos, pois eles acompanham as aulas do Estado sem os acessos remotos que auxiliam os estudantes no aprendizado remoto.

Apoio metodológico.

Formação tecnológica para desenvolver materiais.

Curso de tecnologia digital.

Uso de tecnologias, Excel, Power point.

Google.

Cursos, maior variação de tutoriais, maior número de materiais disponíveis, tanto didáticos quanto tecnológicos.

Curso office, edição de vídeos, criação de infográficos e templates.

Orientação e aplicação de como não podemos esperar o mesmo do aluno em casa, do que ele desenvolvia na escola.

Cursos presenciais e de longa duração.

Cursos com práticas.

É tudo tão inesperado, porém, o ensino público, já deveria estar muito mais avançado nesta área.

Gravar vídeo.

Estratégias para a utilização de ferramentas digitais.

Edição de vídeo.

Gostaria de ter recebido uma formação inicial através da rede municipal para trabalhar com as aulas remotas. Por mais que tenha facilidade com tecnologias e já tenha conhecimento disso, muitos colegas meus não têm e a prefeitura da cidade não ofereceu nenhum curso específico. Só exigiu a aplicação do ensino não presencial.

Web, vídeo aula.

Cursos.

Estou fazendo especialização em EaD.

Não foi necessária.

Formação de novas tecnologias para educação.

Google clasroom , obs, ivcam entre outros.

Sou contra aula remota. Não há relação de ensino aprendizagem na educação básica, é um engodo pra desviar dinheiro público.

Formação sobre as plataformas digitais.
Utilização de ferramentas audiovisuais, direitos de imagem, um debate crítico sobre o papel social das plataformas de redes sociais como youtube ou google.
Produção e gravação de aulas.
Como utilizar o classroom.
Curso de extensão na modalidade EaD.
Recebi as necessárias.
Cursos de aplicativos específicos.
Curso sobre os recursos disponíveis.
Formação pedagógica.
Antes de começar a aula Paraná deveríamos ter tido capacitação específica.
Cursos sobre ferramentas digitais.
Curso presencial.
AVAs.
Utilização das plataformas e aplicativos, noções de gravação de vídeos.
Curso específico.
Cursos sobre ferramentas virtuais e aplicativos para facilitar o desenvolvimento das aulas.
Tecnologia (editar vídeos/informática).
Cursos de curta duração sobre recursos avançados da ferramenta a ser utilizada.
Acredito que estou aprendendo, mas ministra aulas via ambiente virtual, não é fácil. Assim, entender recursos tecnológicos, para criar recursos para os estudantes.
Mais instruções.
Aprimoramento da ferramenta digital e suas aplicabilidades no google sala de aula.
Cursos sobre produção de atividades.
Recebi a formação necessária.
Ferramentas para facilitar a preparação das aulas.
Todas possíveis, mas não dei importância quando me foi ofertada.
Foi o uso de planilhas que ainda tenho dificuldade.
Formação na área digital.
Uma especialização.
Mais do que formação, condição concreta de trabalho.
Cursos práticos.

Curso prático de criação de jogos pedagógicos - gamificação / ferramentas digitais - metodologias ativas.

Orientações tecnológicas.

Mini curso Google classroom.

Ministrar aulas remotas.

Formação geral de utilização do app.

Computação.

Aplicativos.

Cursos de formação.

Cursos, palestras etc.

De como utilizar e orientar os estudantes a ferramenta.

Informática.

Tecnologia, educação 4.0.

Como conseguir chamar a atenção dos alunos no Ead ou usar mais o classroom, formulários.

Ensino à distância e Ambiente Virtual.

Treinamento.

Uma formação direcionada ao uso das ferramentas que estou utilizando nesse momento.

Formação sobre o uso das ferramentas e das plataformas utilizadas.

Didática para aulas remotas.

Treinamento.

Curso específico dessa plataforma "Classroom".

Não tem como indicar, porque a situação pegou todos de surpresa.

Tecnologia informática.

Curso de formação.

Computação.

Aulas remotas.

Curso de capacitação para uso do Google Classroom.

Informática.

Atualização em relação a plataformas para gravação e edição de vídeos.

Treinamento.

Curso para utilização das ferramentas.

Mas ferramentas do drive google.
Xxx.
Utilização de metodologias para o engajamento dos estudantes no ensino remoto.
Mídias digitais na prática, chega de teoria.
Mídias e programas de vídeo conferência.
Cursos.
Tenho Recebido através da Certificação Educador Google 1 e 2, está me ajudando bastante.
Capacitação.
Gostaria de ter visto na graduação.
Cursos para entender com mais facilidade o que posso fazer nas minhas turmas.
Gostaria que tivesse uma ferramenta e formação para tal, de criação de vídeos criativos, com personagens e estratégias criadas por nós mesmos.
Gostaria de ter recebido antes do início das aulas remotas, um treinamento e depois sim, iniciar com atendimento aos alunos.
Prática de uso das ferramentas.
Construção de formulários, gravação e edição de vídeos.
Instruções de manuseio dos aplicativos do Classroom.
Os tutoriais do estado são vagos, e as ferramentas péssimas.
Melhor uso da tecnologia.
Formação em ferramentas Google.
Desde a formação, na universidade e depois na formação continuada ofertada pela prefeitura. Aprender as metodologias, plataformas e formas de avaliação.
Tecnologia digital.
Elaboração de vídeos.
Formação sobre ensino híbrido.
Como trabalhar a educação física de forma remota se não estou ao lado verificando a forma de execução correta.
Gostaria que tivesse acontecido as formações antes de começar essas aulas, paralelo se torna muito difícil.
Formação em plataformas digitais para aulas e documentos pedagógicos.
Ambientes estáveis, com informações claras.
Uso de app para educação - uso de apps para professores.

Formação específica das ferramentas disponíveis.
Formação em ferramentas Google.
Curso
Google Classroom.
Xxx.
Cursos e oficinas.
Google for Education.
Sistema em geral.
Uso de tecnologia, curso básico.
Tutoriais e cursos.
Cursos que demonstrasse como utilizar as ferramentas.
Uma formação antecipada para trabalhar com a plataforma classroom.
Aulas sobre EAD.
Grupos de trocas de experiências.
Utilização da Plataforma Google Classroom.
Acho que para todos está tudo muito novo. Ninguém se preparou para essa tecnologia, tão apressada... estamos aprendendo com os erros. Tudo está sendo aprendido. A partir de agora, temos que pensar em aperfeiçoamento.
Acredito que fomos pegos no susto, pois não havia como nos prepararmos para essa modalidade, mesmo que não houvesse a necessidade do isolamento. Muito disso se deve ao fato de que, as políticas públicas para a educação não estão preocupadas em garantir a universalidade do acesso, ou a mínima qualidade para a educação. Sinto a sensação de que as atividades remotas garantem a manutenção de um sistema de ensino precário, cujo objetivo é garantir a progressão das alunas e alunos para a próxima etapa da educação básica, mesmo que isso custe num prejuízo acadêmico muito grande dessas e desses estudantes.
Um curso mais avançado e disponibilização efetiva de ferramentas virtuais e digitais para o trabalho.
Além do domínio das ferramentas, gostaria de receber orientações sobre como modernizar o que já se faz de modo tradicional.
Cursos com práticas.
Práticas pedagógicas internet.
Recebi as formações necessárias.

Como trabalhar em EAD.

Formação para professores e estudantes na utilização do classroom.

Formação de qualidade de uso de ferramentas.

Tutoriais e cursos que explorassem os aplicativos antes de ter que começar a atender os estudantes.

Tecnologias.

Prefiro aula presencial. Sei que não é essa a resposta pedida, mas não quero direcionar essa questão.

Não acredito na construção de conhecimento por meio remoto.

Com os formulários.

Conhecer a priori as ferramentas da plataforma. Teria poupado tempo e estresse e teria contribuído para qualidade do trabalho.

Faltou um curso de capacitação.

Metodologias para o ensino EAD, utilização das plataformas, gerenciamento do tempo.

Cursos de informática.

Compreender a função do pedagogo neste período. Como auxiliar professores e estudantes. Estamos atuando como técnicos de informática a distância.

Formação continuada.

Treinamento do Google Clsssroom.

Nesses tempos de pandemia, só mesmo com cursos pela internet.

Na verdade, não sou professora de educação à distância. Mesmo estas aulas remotas, da forma que nos foi imposto o trabalho, deveriam ter um período de preparo que antecederesse o início dos trabalhos efetivos com alunos. Com orientação/conhecimento só menos da plataforma, capacitação para preparar e usar material no ambiente virtual... Fomos e estamos sendo obrigados a trocar os pneus do carro enquanto o mesmo está em movimento. O risco de muitos se ferirem neste processo é grandioso.

Curso para utilizar plataforma como Kahoot e Nearpod.

Esclarecimento do funcionamento da plataforma do classroom.

Formação para melhor manusear a plataforma.

Ao menos um curso de 4 a 20 horas e com equipamento/plataforma para os alunos poderem executar suas atividades.

Ambientes virtuais e tecnologias envolvidas.
Mais formação no Classroom.
Formação de tutoria em EAD.
Apoio pedagógico com clareza.
Formação saúde mental, A escola vai aonde o estudante está. Quanto isso contribuiu efetivamente para aprendizagem.
Formação nas plataformas utilizadas.
Utilizar o Google Classroom ou algo semelhante.
Formação para o uso de aplicativos e mecanismos de buscas.
Produção de videoaulas.
Formação integral em EAD; uso de web-ferramentas domésticas; youtuber.
No início da pandemia achei não tutoriais, mas, depois de um tempo melhorou muito a qualidade das informações nos tutoriais.
Um curso de formação pedagógica seria muito importante.
Gostaria de conhecer em profundidade as ferramentas do Google.
Mais vídeos de apoio.
Tlc's.
Como trabalhar com os aplicativos do Google.
"Não há como avaliar minhas lacunas de formação na medida em que a grande maioria dos estudantes não acessam e os poucos que acessam não interagem nas plataformas digitais. Outro fator é que nunca passei por nenhuma formação orientada para este tipo de trabalho, portanto não sei, ignoro o que poderia conhecer sobre o tema."
Uso de mídias digitais.
Uso de novas tecnologias.
Curso de qualificação.
Curso Google.
Curso sobre as ferramentas do Classroom.
Preparar conteúdos no PowerPoint.
Cursos presenciais.
Cursos de computação.
Cursos.
Desde como utilizar o Google sala de aula até edição de videoaula.

O funcionamento de todas as ferramentas disponíveis no Google sala de aula.
Curso de qualificação.
Tutorial presencial.
Maneiras de promover a participação dos alunos no ensino remoto.
Formação completa de pelo menos três meses, antes de iniciar as aulas remotas.
Não tive nem tenho interesse nessa modalidade de ensino.
Sobre metodologias para trabalhar em EAD.
Utilização do Classroom e suas ferramentas.
Utilização das ferramentas de trabalho.
Curso e aplicativos melhores.
Cursos online.
Formação continuada.
Formação no Google forms classroom.
Treinamento específico.
Talvez grupos de estudo para trocar trabalhos já aplicados. Mas eu fui atrás disso.
Métodos que aumentem a produtividade.
Objetos imersivos.
Tenho recebido várias formações da escola que atuo.
Presencial.
Treinamento.

Fonte: O autor (2021)

Questão 3 - Como você avalia que serão as suas práticas docentes depois da pandemia?

269 respostas

Avalio que poderemos utilizar parte do que estamos fazendo como um meio no processo de ensino aprendizagem.
Acredito que não mudarei nada, já utilizava TIC nas minhas aulas
Bem melhor.
Mais calor humano.

Não tenho grandes expectativas de mudanças. Avalio que após tudo passar, as coisas voltarão a normalidade, a não ser que as experiências com aulas remotas, venham a ser um reforço para a terceirização da educação pública.

O uso das tecnologias será indispensável, com uso do celular em sala de aula.

Usarei mais as plataformas digitais.

Tomara que melhores.

No início elas poderão até ser diferenciadas, porém creio que pela falta de estrutura da escola voltará a ser como sempre foi. Deixará muito a desejar

Será um recomeço para repensarmos nossas práticas pedagógicas.

Provavelmente serão revistas para tentar sanar o problema de absorção do conhecimento junto aos alunos, eles não estavam preparados para o EaD que requer disciplina e foco.

Totalmente diferente de antes. Penso que a abertura que estamos tendo na área de tecnologia vai impactar diretamente a prática de todos nós.

Com mais comunicação virtual e com mais inserção de tecnologias nas aulas. Porém com as desigualdades porque ainda dependemos dos equipamentos particulares dos alunos (e nossos).

Bem mais criativas.

Eu já utilizava vários recursos tecnológicos digitais nas minhas aulas, acredito que vou continuar neste caminho. No entanto, esse tempo serviu para reavaliar minha prática docente e perceber o quanto meus alunos eram passivos. Penso em inverter esse quadro com aulas que necessitem da participação efetiva dos alunos, desenvolver mais a criatividade deles.

Prazeroso.

Mais prática, menos teoria.

Acredito que por um bom tempo sem tecnologia kkkk.

Normais, para as já usava tecnologias educativas em sala.

Saber que a sala de aula é a melhor interação professor-aluno.

Melhores e com outra visão, melhor aproveitada é baseada.

Mais práticas e tecnológicas.

Espero que melhor, e usando as tecnologias aprendidas

Penso que como tenho o contato direto com eles, terei que me adaptar com as atividades práticas esportivas para minimizar o contato físico

Complicadas e temerosas, pois não sabemos a realidade das famílias, dos colegas e o medo de contrair e disseminar a covid é muito grande!

Tentando me superar com as dificuldades.

Mais tecnológicas.

Ok.

Provavelmente híbrido.

Não sei, mas provavelmente a tecnologia estará mais presente

Tirar muitas dúvidas dos alunos e ter que ensinar tudo novamente para muitos!

É necessário um planejamento coletivo, para depois sim, reiniciar os novos tempos.

O governo terá que diminuir muito a quantidade de alunos nas salas de aula.

Gostaria de ter mais o uso da tecnologia como ferramenta para auxiliar em algumas aulas. Porém entra em questão se essa tecnologia estará à nossa disposição na escola para toda a turma e em condições de uso

Maior utilização dos recursos digitais

Não sabemos como voltaremos, se teremos apenas aula remota, se teremos aula presencial..., mas certamente nossa prática não será a mesma de antes.

Difícil retomar com os alunos todo o conteúdo

As aulas serão mais voltadas à escuta e demandas dos estudantes.

Não sei.

Mais tecnológicas

Não acredito em melhoras. Afinal sabemos que teremos cortes de verbas...famílias mais empobrecidas... desemprego nas alturas e ameaças de diretores e governantes pra uma educação de faz de conta...sem levar em conta aprendizagem.

Difícil pois terei que retomar conteúdos.

Terei q me adaptar mais com a tecnologia online.

Lutarei para acabar com o ead na educação básica.

Acredito que teremos que resgatar os alunos, se inovar e reinventar.

Mais do que nunca, os conteúdos precisam dar significado para os estudantes interpretarem a realidade objetiva em que estão coletivamente inseridos.

Quebra de paradigmas. Buscar inovações disruptivas.

Voltando às aulas presenciais, com certeza muito melhores.

Permeada pelas mudanças impostas pela pandemia.

Os estudantes mesmo no ensino médio necessitam do concreto para atingir os objetivos de uma aprendizagem consolidada. Mesmo tendo sido experienciado as aulas remotas e uso de ferramentas tecnológicas, estas não atingem a maioria dos estudantes, seja pela falta de acesso ou pela sua forma de uso. Intercalar as metodologias é o que eu já fazia, mas não ser o único recurso o tecnológico, pois se pensamos Educação inclusiva e para todos, ela atualmente não atende a esta proposta. Nossos estudantes da rede pública atualmente não têm sequer o alimento garantido, quem dirá equipamentos e internet.

Muito melhores.

Adaptação.

Mais digitais.

Os níveis de aprendizagem vão estar mais distantes do que antes.

Melhores.

Igual.

Com a tecnologia precária das escolas públicas, é difícil dar uma resposta positiva afirmando que vai utilizar a tecnologia. Já usamos, quando conseguimos acessar. Se cada sala de aula houvesse equipamento poderíamos utilizar muito mais.

O processo de interação com os alunos deve ser mais frequente. Pois os alunos que houve mediação com o professor conseguiram resultados melhores nas atividades práticas de Arte.

Provavelmente diferente das praticadas antes da pandemia.

Serão mais tecnológicas do que antes, porém os encontros presenciais serão preciosos...

Não sei, nem quero saber, minha vontade é nunca mais voltar para a sala de aula!

Melhores que agora, pois este processo me fez refletir.

Elas com certeza serão renovadas.

Teremos que voltar à escola com um olhar diferenciado e fazer uso de novas tecnologias e novos métodos.

Medianas.

Bem melhor.

Espero me aposentar e não precisar conviver com tantas mudanças,

Por se tratar da Educação Física, acredito que muitos aspectos da socialização e interação física durante as aulas e atividades serão afetadas e deverão ser revistas,

o que é muito preocupante, pois toda a espontaneidade do contato com o outro poderá ser perdida.

Teremos que reavaliar nossos alunos e retomar as explicações antes e durante a pandemia.

Teremos que diagnosticar as perdas pedagógicas e construir conhecimento a partir desse resultado.

Um processo de adequação e ressignificação de conteúdos e acolhimento aos alunos dando ênfase ao conteúdo da vida.

Me sinto preocupada com a situação é mais ainda em pensar na retomada, espero que seja segura para todos. Com mudanças implementação de ferramentas de higienização, políticas para apoio às escolas e tentativa de mudança de comportamento de todos.

Difícil pq o ensino está ficando com lacunas e deveremos retomar.

Serão fáceis, pois temos que mudar, renovar e buscar novas formas e atitudes para uma aprendizagem eficaz.

Sinceramente não sei. Não sei o que nos espera quando voltarmos

Reavaliada e ressignificadas

Complicado.

A escola e a forma de lecionar teve que ser reinventada, os professores e os alunos que não estavam preparados para tais mudanças e tiveram que se adaptar rapidamente, muitas incertezas com relação os pós pandemia, mas acredito que acontecerão poucas mudanças.

Ampliarei o uso de tecnologias e criarei mais momentos de aprendizagem criativa durante as aulas

Mais práticas mesmo. Menos conteúdo teórico.

Muito melhores! Pois, embora uma pandemia seja algo muito triste, estamos sendo obrigados a sair da zona de conforto e lidar com as tecnologias com mais profundidade! Algo que no passado seria impossível imaginar!

Muito trabalhoso.

Estaremos num novo tempo de ação e cuidados. A retomada não vai ser fácil.

Melhores.

Com certeza sofrerão muitas mudanças, especialmente na utilização maior dos recursos tecnológicos.

Acredito que passei a utilizar muito mais a tecnologia a meu favor durante as aulas. Sempre fui um entusiasta da tecnologia e acredito que é possível sim aprender com o auxílio da tecnologia. Com certeza, passarei a utilizar mais a tecnologia no ensino presencial e orientar os alunos no uso dessas ferramentas. Espero que as escolas da rede municipal se abram mais em relação a isso.

Mais experiência a gente ganha, mais acho que bem desestimulante, pretendo largar as aulas.

Complicado.

Melhores, usando aplicativos como o Google Sala de Aula de forma permanente para atividades e materiais de apoio aos estudantes

Acredito que no início será bastante difícil, um grande desafio coletivo que demandará discussões, amadurecimento e reflexões acerca das prioridades educacionais e necessidades básicas dos nossos estudantes.

Não tem como fazer uma previsão, pois tudo vai depender de como os alunos estarão no retorno.

Um pouco diferente, com menos cobrança.

Espero que consigamos derrotar o projeto de aula remota/EaD no ensino médio e profissionalizante. Pq no fundamental se comprovou ser uma farsa.

Difíceis. No sentido de atualizar conteúdos, os alunos voltarem a ter ritmos de estudos entre outras coisas.

Valorizando mais o espaço da sala de aula como melhor espaço de diálogo.

Certamente melhores. Não há como se abrir mão do ensino presencial, especialmente no ensino fundamental, mas dá para ter a tecnologia como um importante aliado. Antes da pandemia não percebia a necessidade do uso de todas essas tecnologias que por hora estão sendo utilizadas.

Depois de tudo que vivenciamos acredito que EaD veio para ficar. Apesar de não estar dominando totalmente essa ferramenta.

Penso que a EaD será empurrada "goela abaixo" e de termos de nos adaptar a ela.

Reavaliadas.

Creio que o ensino híbrido permanecerá e a prática docente se dividirá entre o presencial e o remoto.

Usarei mais ferramentas digitais.

Readaptar.

Acredito que muitos irão retornar com problemas psicológicos. Haverá muita pressão sobre os professores.

Não muito diferente.

Aulas Híbridas ou sala de aula invertida.

Com certeza bem melhores.

Preocupada trabalhar mais com o emocional dos estudantes.

Mais tranquilas e com maior qualidade.

Retomar todos os conteúdos com novas ideias.

Serão mais tecnológicas e dinâmicas, continuarei utilizando as ferramentas.

Com certeza, mais eficiente.

Provavelmente, não estarei frente com os estudantes, devido a idade.

Mais procurada e mais intensificada.

Será diferente, anteriormente não era tão necessário elaborar matérias autorais como agora. Antes você poderia utilizar algumas questões do Enem ou de concurso, mas hoje com acesso a internet as respostas estão mais acessíveis.

Muito desafiadora, tendo de retomar quase ou todos os conteúdos.

Muito mais engajada tecnologicamente e inclusive revendo a relevância de certos conteúdos postos nos currículos...

Ainda não tenho como responder, tudo cheio de novidades e precisarei parceiros.

Sofrerão um processo de melhoramento.

Será aprimorada, já que a adesão a esse formato de educação nos obrigou a produzir materiais, mexer com ferramentas tecnológicas e incentivar o desenvolvimento de maior autonomia por parte dos alunos.

Serão mais produtivas que as aulas remotas, pois provocam um aprendizado maior dos estudantes e tem maior participação dos alunos presentes.

Adquiri uma boa experiência em relação à orientação dos alunos com dificuldades. A linguagem tecnológica precisa ser transposta para ser compreendida pelo aluno da educação básica presencial.

Acredito que muitas das experiências vivenciadas nesse momento, se tornarão permanentes pós PANDEMIA.

Metade presencial, metade EaD

Com certeza vou acrescentar nelas o uso de tecnologias.

Difícil falar pois não temos muitos recursos,

Melhores.

Com certeza vou melhorar muito, pois aprendi muita coisa.

Ainda não imagino como será a educação física na retomada das aulas, pois acredito que as aulas práticas só ocorreram efetivamente após o surgimento de uma vacina. Mas com certeza as novas tecnologias estarão mais presentes nas aulas

Será principalmente focada nas dificuldades dos alunos.

Mb.

Utilizarei mais tecnologia.

Vou usar mais o classroom, formulários

Com mais uso de tecnologias.

Mb.

Primeiramente direcionadas para a retomada de conteúdos, recorrendo a práticas pedagógicas tradicionais (quadro e giz), e metodologias diferenciadas com o uso pedagógico de tecnologias digitais.

Não sei.

Muita dedicação para recuperar esse faz de conta que jogaram nas redes on-line, aluno não tem acompanhado, por falta de ferramentas.

Serão realizadas utilizando mais ferramentas digitais.

Mais solidárias.

Certamente com mais tecnologia que antes.

Serão complexas, pois os alunos também estarão mudados.

Animadas pelo retorno, mas com uma visão mais complexa da importância do exercício e o cuidado com a saúde. (retornar priorizando os conteúdos desenvolvidos para que haja uma maior aprendizagem desse tempo de pandemia).

Gosto de dar aulas e estar com os meus alunos. Eu espero mais valorização e respeito por parte da sociedade, dos pais. Eu? Vou procurar melhorar, dedicar-me cada dia mais.

Será necessário retomar os conteúdos principais da disciplina.

Muito diferente do que foi até aqui. Mesmo com todas as dificuldades aprendi muito.

Melhores com certeza, pois mesmo com esses percalços houve um avanço no aprendizado.

Teremos que utilizar mais tecnologias.

Não sei, mas provavelmente a tecnologia estará mais presente.

Terão mais uso das ferramentas tecnológicas usadas nesse período.
Ainda não sei.
Melhor.
Através de atividades Google forms.
Mais ricas.
Mais dinâmicas.
Trabalhosa, pois terei que abordar novamente os conteúdos trabalhados com alunos que não conseguiram de forma alguma realizar as atividades, assim como com alunos com dificuldades.
Melhoradas.
Continua boa.
Nada vai mudar.
Não tenho muita expectativa, pois não temos, em muitas escolas, nem se quer computadores para os alunos e tempo suficiente para ficarmos preparando aulas diferenciadas com tão pouca hora - atividade.
Um pouco mais aberta aos aparelhos de mídia
Acredito que o atendimento remoto deve permanecer ainda por algum tempo, e que as aulas serão híbridas.
Melhores.
Não consigo nem imaginar a prática da educação física em contexto escolar seguindo protocolos de higiene e distanciamento social.
Que serão melhores que durante a pandemia.
Mais saudáveis e participativas.
Espero usar mais as ferramentas digitais.
Acolhimento inicial e retomada de todo o conteúdo do ano, pois acredito que os alunos não estão aprendendo ou estão aprendendo muito pouco a distância.
Um desafio diante do que os alunos irão trazer de casa.
Intensas!
Preciso de um curso para isso eu estou extremamente assustada com esse retorno.
Com um olhar diferente, pensou que nada será como antes.
Com a utilização mais sistemáticas de ambientes virtuais e uso de tecnologias digitais.
Difícil, pois como atuo no integral em grupo não sei como faremos.

Estarei revendo muitos conceitos, buscar por mais informações.

Teremos que iniciar o ano do zero.

Espero que a autonomia de trabalho seja resgatada. Parecemos um robô reproduzindo conteúdos.

Melhores por ter mais ferramentas que eu não utilizada até o momento.

Acredito que será uma readaptação a nova realidade.

Será um período muito complicado e com muita dificuldade pois teremos dois grupos muito distintos de alunos, alguns vão assistir todas as aulas e fazer tudo, outra parte não terá feito nada.

Vou fazer uso das ferramentas tecnológicas que aprendi.

Não faço ideia.

Olhar diferente.

Continuarei utilizando o ambiente virtual e os recursos tecnológicos que usei durante o período.

Sou profissional da educação física. Meu componente curricular é um dos únicos que parte do princípio de que o conhecimento sobre a cultura do corpo depende da interação entre os sujeitos. Para mim, a questão da pandemia deveria ser trabalhada no sentido de procurar uma relação de cuidado e esclarecimento sobre a situação vivida no mundo todo. No fundamental II, esse debate simplesmente não aconteceu, mas não por falta de vontade da equipe docente, mas, justamente pela necessidade em se cumprir com os conteúdos e critérios avaliativos para a aquisição dos conhecimentos didatizados em uma proposta de Educação Física que não deu conta de se perguntar: "quem está recebendo toda essa informação?", e, talvez, mais importante: "será que isso tudo que está sendo produzido faz sentido pra quem está assistindo?"

Meu papel no retorno será levantar essas questões, e sacudir as evidências dessas práticas que, apesar de reivindicadas pelas atividades remotas, provavelmente nunca aconteceu.

Poderei utilizar das novas ferramentas disponíveis para aprimorar minhas aulas.

Ainda não sei.

Utilização maior de ferramentas tecnológicas.

Acho que pouca coisa muda.

Espero usar mais as ferramentas digitais.

Fato preocupante! Não sei! Já tenho pensado nos materiais, higienização, etc...
Quero me distanciar da tecnologia.
Diferentes.
Difícil.
Preciso inovar e aprimorar meus conhecimentos urgentemente.
Agregarei mais o uso da tecnologia em minhas práticas.
Acho que usarei mais o google class e o multimídia.
Com receio das atividades e muito difícil devido a especificidades da Educação Física.
Aulas híbridas.
Agregarei mais o uso da tecnologia em minhas práticas.
Muito mais afetivas.
Creio que com uso de mais recursos...
Não faço ideia.
Acredito, dar assistência aos alunos que por algum motivo, não conseguiram acessar as aulas remotas e/ou não tiveram interesse em participar ou não acharam relevante a participação em aulas remotas...
Não me questionei ainda sobre isso.
Imagino que, obrigatoriamente, terei que trabalhar de forma mista.
Continuaremos a prática, mas novas opções para os alunos.
Retomada da rotina com novas aprendizagens.
Ainda não consigo visualizar como será no retorno.
Penso que usarei mais recursos tecnológicos!
Pretendo utilizar mais as tecnologias disponíveis.
Pretendo continuar usando estas ferramentas mesmo nas aulas presenciais.
Mais versáteis.
Muita retomada.
Muita dificuldade em restabelecer a aprendizagem e torná-la eficaz. Provavelmente, educação híbrida.
Mais afetivas.
Irei integrar as tecnologias como parte permanente do meu planejamento.
Melhores.
Certamente melhores e com a utilização de ferramentas digitais.

Ampliar as TICs no meu planejamento.

Totalmente diferente, pois agora poderemos fazer e cobrar atividades online, de pesquisa sem medo.

Retomadas de todo o processo, tendo em vista o desnível da aprendizagem.

Muito melhores. Gosto muito de utilizar esses recursos.

Difíceis, e com muita incerteza sobre currículo e conteúdos.

Aprendi muito nesse período. Porém, não parei para pensar. apenas sei que será diferente.

Péssima.

Melhores, pois a atenção dos alunos será maior.

Realmente não tenho me dedicado a pensar nisso neste momento. Uma coisa de casa vez! Mas penso que não será mais como antes. Sempre haverá mudanças.

Diferentes, mais compreensão.

Acho que vamos ter uma aceitação maior das práticas, pois acredito que os alunos virão para as aulas presenciais com maior empolgação.

Complicada, pois tudo isso é novo e teremos que nos readaptar para que os alunos não fiquem com mais defasagem na aprendizagem.

Modificadas.

Se as condições serão as mesmas de antes da pandemia, provavelmente as práticas serão as mesmas.

Não tenho uma opinião formada.

Meu trabalho será mais tecnológico.

Serão diferentes

Mistas.

Acredito que deverá ser muito diferente e importante manter a utilização da plataforma.

Não tenho ideia.

Acredito que terei que rever os conteúdos mais complexos com os alunos, pois muitos possivelmente não os assimilaram, já que não pontuaram suas dúvidas prontamente ao assistir as aulas.

Pretendo sempre inovar.

Com certeza irá agregar, uma vez aprendido, jamais esquecido. Vamos sair dessa evoluídos e fortalecidos (se sobrevivermos).

Me preocupo com as condições psicológicas dos alunos que perderam familiares e também as condições financeiras precárias dos pais, que podem gerar ansiedade e estresse nas famílias descarregando na escola...Os professores terão que fazer com que os alunos valorizem mais a vida para motivá-los nos estudos e ter sonhos...

Acho que mais diversificadas.

Nem faço ideia.

Irei revisar quase tudo novamente.

Pretendo continuar utilizando o Classroom.

Melhor.

Não tenho como avaliar, cada momento e incerto, muita mudança irá acontecer! Estou apreensiva com as dúvidas de professores e alunos.

Não tenho como avaliar, cada momento e incerto, muita mudança irá acontecer! Estou apreensiva com as dúvidas de professores e alunos.

Melhor.

Serão diferentes.

Com certeza buscarei qualificação na área para assim saber lidar de maneira adequada em situações como estas ou similares.

Voltará a ser presencial pois os alunos não têm condições financeiras e psicológicas de aprender remotamente.

Valorizar muito mais as aulas presenciais.

Estou repensando minha prática docente, o quanto eu cativo meus alunos para o aprendizado, estou estudando e revendo minha prática online, e com certeza irei rever minha prática presencial.

Exigirá um longo período de revisão de conteúdos e verificação da aprendizagem remota.

Terríveis

Um misto de presencial e ead) trabalhos principalmente).

Usarei mais os ambientes AVA para avaliação e compartilhamento de materiais.

Muitos conteúdos serão ministrados de forma diferenciada.

Mais dinâmicas.

Ainda não pensei nisso.

Tenho a perspectiva que sejam aulas híbridas: parte presencial e outra virtual.

Totalmente diferentes. Mais tecnológicas.

Na área da ed. física não vejo muitas mudanças

Acho que de muitas cobranças

Não consigo avaliar

Sem previsão.

Aprendizados muitos

Serão de muita dificuldade

Fonte: O autor (2021)

Questão 4 - Deixe seu comentário sobre questões não abordadas neste questionário.

125 respostas

Tema relevante ao momento atual e para pensar as condições de trabalho do professor e sua formação

Só queria que as discussões sobre a educação de fato realizassem, algum tipo de mudança na prática. Vejo que as universidades e faculdades não tem também o interesse real de mudança. E muito falatório para pouco mudar. Precisa existir uma transformação na mente de quem MANDA na educação brasileira, no sistema que vem lá de cima. E creio que as grandes universidades teriam como chegar até eles.

Postura das participações dos alunos, tempo pra desenvolver as atividades, saúde física e emocional dos professores.

Fundamental formação continuada para os professores, fomos pegos de surpresa.

Saúde mental dos profissionais.

Durante este período de aulas online tive grandes decepções por ver alunos q não mudou seu comportamento. Entrou na sala de aula registrou sua presença, mas não fez absolutamente nada. Mas também me alegrei muito com aqueles, e não foram poucos, q como eu aprenderam a usar a tecnologia como uma ferramenta ilimitada para fazer, aprender e reinventar. ...sim, reinventar até quem sabe a própria vida.

Fizemos nosso melhor, fomos pegos de surpresa (todos), acredito que foi um momento diferentes, mas de muitas lições.

Apesar de ter ocorrido de forma abrupta, quero considerar que a aprendizagem de novas tecnologias é positiva e acabou contribuindo com a minha formação.

Porém é injusta a utilização de equipamentos próprios e também o fato do ensino não presencial atingir parte dos alunos e não chegar a todos.

Falta de interesse da família e do aluno.

Muita pressão da secretaria, criando ferramentas para nós monitorar, quando começamos a dominar algo, apresentam outra exigindo novos conhecimentos.

São tempos difíceis que estamos vivendo e não tivemos nenhuma capacitação para esse momento que estamos vivendo na escola.

Ok.

Ok.

O ambiente familiar diante do ensino remoto

Esse período está sendo desgastante, porém tenho reavaliado muito a função docente e como está sendo minha atuação em prol da aprendizagem do estudante.

Muito bom e completo.

Gccg.

Faltou língua portuguesa.

Não tenho nada a declarar.

Essenciais, pois representa a nossa situação atual.

Eu acredito que a situação da mulher, de maneira geral, ainda é mais complicada. Temos que cuidar da casa, da família de tudo e, ainda conviver, com essa situação no trabalho.

A realidade dos estudantes analfabetos tecnológicos, da maioria que não tem condições materiais para uso e acesso às tecnologias dentro e fora das escolas, as configurações precarizadas de trabalho dos docentes nos ambientes da escola pública e na maioria das privadas.

É difícil para todos.

Capacidade dos alunos acompanhar as aulas remotas.

Vejo que há uma questão relevante para o gênero feminino. Infelizmente além de termos que dar conta do trabalho docente estamos com os filhos em casa. Somado a isto, as tarefas domésticas. A sobrecarga de trabalho para as professoras com filhos, no meu caso, me deixou limitada quando ao poder dar o melhor de mim nas aulas remotas. Uma realidade cruel.

Acredito que as mídias permitem uma aproximação significativa com os alunos, mas o desafio é compreender que a realidade de nossos alunos mostra que há uma desigualdade em relação ao uso dos equipamentos digitais, pois a maioria não tem acesso à internet e ainda não há uma cultura de aprender com os recursos digitais e sim como entretenimento. Visto que muitos não entendem a funcionalidade dos programas ofertados. É possível sim aprender pelas ferramentas digitais, mas deverá estar presente no cotidiano dos alunos.

É sempre bom fazermos levantamento sobre práticas na educação, assim, colaboramos com a melhora de todos, acredito.

Sem comentários.

Espero que chegue ao conhecimento das categorias da educação e que seja levado em consideração para futuras reflexões e mudanças de práticas antigas que não contribuem para o progresso na Educação.

Tudo muda...precisamos nos adaptar. Quem quer estudar, estuda em qualquer lugar, de qualquer forma.

Poderia falar sobre o aumento da desigualdade na educação que a Pandemia vai gerar.

Não colocaram a disciplina fundamental que Língua Portuguesa.

A valorização do profissional docente.

Showww.

Obrigada por nos notar.

Neste período inclusive montei um canal no youtube para dar aulas de inglês! Você me ajudaria muito se inscrevendo lá! kkk
www.youtube.com/profleonardogomesingles Obrigado!

Nenhuma

Esse momento de pandemia está sendo bem complicado para todo mundo. Nós professores estamos sendo ainda mais cobrados por todo mundo (MEC, secretarias de educação, gestão da escola e famílias), mas recebemos pouco apoio. A falta de comunicação e devolutivas de atividades por parte de muitos alunos está nos desanimando. Muita cobrança em cima dos professores para pouco apoio e retorno.

Meu primeiro ano de experiência passei por uma situação bem próxima que foi a H1N1, mas não foi assim desde jeitinho, acho que nessa época de pandemia foi

muito difícil pra todos, a experiência em EAD não é tão fácil como falam e não é pra todos. Tem que ter perfil pra ser professor online. Ainda mais quem é acostumado até com o olhar dos alunos, muito diferentes em não poder ver eles, não poder estar ali presente pessoalmente.

Showwww.

Bem objetivo e preocupado com os desafios contemporâneos pertinente à atual catástrofe mundial.

Acho que seria interessante abordar, sobre a forma como os conteúdos estão sendo trabalhados e a cópia e cola dos alunos.

Uso de tecnologias deve ser usada da forma mais democratizada possível, deve ser pública portanto e oferecida por empresas públicas. O que estamos vivenciando é um arremedo de uso da tecnologia a serviço de interesses privados, que terão impacto direto na formação do estudante. Essas aulas deveriam ser para nos manter conectados com os estudantes, as lições deveriam ser revisões de anos anteriores e jamais deveria contabilizar nota. Estamos a beira de validar uma prática desastrosa para a educação pública.

...

O ensino remoto tem sido uma hipocrisia. A maior parte dos alunos não acompanha ou não tem condições de acompanhar. Os professores estão muito estressados.

Ótimas.

Boa pesquisa.

O que mais implica nesse processo é a familiaridade de se expor nesses momentos. Principalmente nos vídeos conferências. No caso isso, foi bastante referendado nas questões. Espero ter sido útil com as respostas.

Todos os envolvidos nesse processo aulas remotas, estão processo de adaptação.

A falta de acesso dos estudantes de baixa renda que contribui para desigualdade de aprendizado.

Acredito que não só investimentos em educação digital sejam necessários, mas como antes, o que percebo é a necessidade de engajamento profissional...assim como eu muitos professores buscaram aprender a trabalhar assim... mas a grande maioria continua acomodada e não vai mudar sua prática pq tem uma formação

tradicional e continuaremos tendo, infelizmente, esses profissionais atravancando a mudança no ensino... mas uma sementinha foi plantada ao menos.

A pandemia nos pegou de surpresa, trouxe desafios com resultado positivos e negativos, nunca mais seremos os mesmos.

Não é fácil para um professor de ensino regular que sempre trabalhou com quadro negro em sala de aula, de repente se ver em aulas online, mas tudo é um aprendizado. "Tudo vale a pena quando a alma não é pequena quem falou".

É importante se debruçar nas questões de alunos que se encontram à margem desse processo seja por não disporem de recursos para acompanhar as aulas remotas ou por necessitarem de atendimento pedagógico especializado.

Seria fundamental pôr em evidência e levar ao debate questões a respeito do lugar do ensino e aprendizagem dos jovens estudantes da rede pública em tempos de ensino remoto, frente às imposições da tecnologização digital à educação.

A maior dificuldade em relação ao Classroom na minha opinião seria em separar dois ícones as publicações da Seed e as publicações dos professores, pois muitos alunos se perdem na hora de encontrar a atividade proposta pelo professor na sala de aula, no meu caso acontece isso, os alunos não possuem experiência em navegar no aplicativo e muitas publicações acabam se perdendo.

As aulas remotas conseguirão atender as dificuldades dos alunos quanto as aulas presenciais?

Bons.

O trabalho em Ead pede um maior esforço do professor!

Saúde mental do profissional docente na pandemia é uma questão muito pertinente para se debater. Haja visto que muitos docentes apresentaram quadro depressivo e outros.

Bons.

Sugestão... inserir Letras na lista de disciplinas.

Mais investimentos em tecnologias dentro da comunidade escolar.

Decisões dos gestores, governo.

Que Bom João, que temos pessoas como vc fazendo esta pesquisa, para depois, nos aprofundarmos com os estudos e sermos melhores, ou pelo menos tentarmos ser melhores com a nossa prática. Obrigada.

Não sei se é o espaço, mas acredito ser importante destacar a saúde do professor.

A cobrança do governo sobre os não acessos dos alunos.

Xxxx.

Ótimas.

Novidades para serem desenvolvidas.

Os alunos estão cada vez mais desinteressados, os pais cada vez mais ausentes e omissos. Os professores ficam desestimulados e adoecem diante desse quadro que parece irreversível. Parece que nada disso está sendo considerado nos cursos de formação e nas pesquisas acadêmicas, infelizmente.

Sem problemas. Questionário bastante completo.

Parabéns pelo trabalho.

Muito bom!!!!

Realmente tem sido um paradigma ensinar Educação Física através de aulas a distância sem visualizar as crianças em movimento...

Poderia ser mencionado os licenciados em Pedagogia, para de fato abordar as séries iniciais do Ensino Fundamental de ciclo I.

O EaD aplicado da forma atual pela Seed não atinge a todos os alunos do estado. Nada substitui a figura e a importância presencial de um bom professor.

Sem comentários extras.

Penso que as questões foram formuladas de maneira a abranger as dificuldades do cotidiano tanto dos professores quanto dos alunos.

A tecnologia está aí, temos que usar com sabedoria... mas nada ainda supri o olho no olho do professor, o toque. A tecnologia pode deixar uma aula rica em imagens, sons. Mas um professor pode muito mais cativar por uma conotação de história, por um olhar atento...

Não houve. Fora Renato Feder e seu privatismo. Abaixo a ditadura empresarial na educação. Não precisamos das bugigangas do empresariado.

Que seja feito algo pela educação, realmente importante e que funcione

Para mim fica muito claro que, não importa o tamanho da revolução que você reclame para a educação (pelo rádio, pela tv, pelo computador, pela internet), ela estará fadada ao fracasso se deixar de reconhecer a importância do papel relacional docente, tanto pelo estímulo a busca pelo conhecimento, como pela

tradução dos temas e conteúdo do seu componente curricular, dando sentido àquilo que está sendo discutido para as alunas e alunos da escola.

Os professores sofrem uma carga de trabalho excessiva, muitas vezes trabalhando além da carga horária, sob pressão dos gestores e beirando o assédio moral. Mesmo estando em recesso eu recebi pedidos de relatórios e as mensagens e e-mails não tem dia nem hora pra chegar, vem fora do horário de trabalho e até nos finais de semana.

Xxxx.

Tudo bem.

Acredito que os professores não foram preparados, eu não tive dificuldade para operar as ferramentas porque já as usava, mas não há cursos com práticas na escola - o professor precisa entrar em contato com a ferramenta para aprender usar e não apenas ver slides de como usar.

Pesquisa boa.

O problema não é as aulas remotas... O problema é como foram organizadas... sem a participação do docente da disciplina na escolha dos conteúdos a serem disponibilizado... da formação inicial para o professor... da falta de equipamento adequado por estudantes e docentes... Como sempre... da forma autoritária e unilateral como foram conduzidas.

Estamos vivendo um momento que ninguém imaginou passar. É desafiador para todos os profissionais, especialmente professores que atuam com um grande número de estudantes. Acredito que a experiência vivenciada (seja ansiosa ou tranquila) deixa um aprendizado e vigilantes com relação à saúde e a vida!

Penso que essas aulas remotas não deveriam ser implantadas este ano e sim ano! Após formação para os professores!

Esqueceram da saúde mental do professor. Do quanto essa abordagem é contrária ao perfil do profissional do magistério. As mantenedoras deveriam oferecer também cursos ou palestras sobre a manutenção da saúde mental e física. O professor também é vítima da pandemia, tem medo, tem família, perde aulas, perde o sono, perde o sonho.

As perguntas são ótimas em bem redigidas em relação ao tema.

Senti falta de comentar sobre o total desespero, angústia, sensação de derrota que além dos professores, falo por mim, os alunos sentiram. Trabalho com EJA e

foi muito triste ver quantos abandonaram o processo por diversos motivos. Aqueles que ficaram precisaram de muito apoio, muito incentivo para não desistirem. Então, acredito que o processo foi terrível para ambos os lados.

A educação escolar não será mais a mesma, assim como a vida conforme a vivemos até o início deste ano de 2020. Houve e haverá rompimentos importantes nos paradigmas, com a inserção de projetos visionários para tornar essa experiência mais lucrativa. É preciso ter muito cuidado!

A preocupação está muito voltada para os alunos e como estão, mas as redes públicas de ensino não estão preocupadas com seus profissionais que agora também precisam atender a seus filhos durante a pandemia. Para estes profissionais não se tem contemplado um tempo para fazer, por exemplo, as tarefas de seus filhos. Assim, além da carga horária que ele tem que utilizar para atender a rede na qual trabalha tem que trabalhar em horário extra (noite e finais de semana) para cuidar da educação dos próprios filhos.

Fazem parte da docência atualmente.

Tudo bem.

Ansiedade e estresse provocados pela desorganização da mantenedora e pelo controle excessivo do trabalho remoto. Ferramentas que poderiam ser utilizadas para levantar dados de aprendizagem e melhorar o processo, funcionam como "vigias" do trabalho do educador.

"o novo normal que de normal n tem nada!".

Muito me preocupa a saúde, tanto de professores como dos alunos com esta forma de aulas.

Trabalho apenas com sextos e sétimos anos - crianças de 10 a 12 anos a maioria.

Tenho alunos que enviam atividades de madrugada, 2, 3 horas da manhã. Estão sozinhos???

O que mais pedem estar vendo???

E os horários de dormir???

Nós professores estamos muito cansados, preocupados. Muita cobrança por parte das escolas, de núcleos regionais de educação, da SEED. Além da preocupação com o desempenho/aprendizagem dos alunos que é inerente ao trabalho de professores. Confirme tenho conversado com colegas, penso que teremos muito mais professores doentes do que já tínhamos até então.

Lives auxilia muito.

Aulas EAD para o ensino fundamental são muito complicadas, os alunos não sabem mexer nos aplicativos e não tem maturidade para este tipo de aula.

Surpresa por não ter português na lista de disciplinas. Sucesso a vc.

É muito importante abordamos este tema, até porque a utilização da tecnologia a partir deste momento vai fazer parte de nossas vidas.

Na minha opinião esse ano letivo deveria ser prorrogado pelo menos um semestre para retomada dos conteúdos e serem trabalhados presencialmente para um aprendizado eficiente.

Muito interessante e pertinente

Saúde do profissional, não foi abordado.

As aulas são completamente "engessadas". Os alunos apenas respondem a atividade da chamada. Poucos realmente aprendem. A situação é ainda pior nos Cursos Técnicos.

Espero ter contribuído!

Objetivas.

Aulas EAD para o ensino fundamental são muito complicadas, os alunos não sabem mexer nos aplicativos e não tem maturidade para este tipo de aula.

Estou extremamente estressado e angustiado, perdendo minha saúde com tudo isso. Só tenho cobranças e mais cobranças de algo que não deu certo, mas que insistem em prosseguir devido à política.

Diante da desigualdade socioeconômica que atinge os alunos das escolas públicas, no mínimo o Estado teria que garantir condições de acesso as tecnologias para todos. Outra questão é a aprendizagem: acesso a tecnologia não é garantia de aprendizagem.

Acredito ser importante o estudo para medir e avaliar como estão as interações durante a pandemia.

Ok.

Na rede municipal de Curitiba não houve a utilização de uma plataforma AVA o que dificulta o acompanhamento de atividades e aprendizado dos estudantes.

A educação foi reinventada em 30 dias. Acho que professores dedicados e comprometidos tiraram de letra isso. Eu saí da zona de conforto e melhorei muito meu trabalho. Vejo novos horizontes na educação.

Tema relevante...e importante agir sobre essa situação de maneira a compreender mais os alunos e suas dificuldades

Estou satisfeito.

Deveria ter aparecido mais sobre a saúde do professor.

Gostei muito.

Fico preocupada com o vácuo sendo criado entre os alunos.

Fui contemplada.

Ótimas abordagens.

Tudo ok, obrigado.

Fonte: O autor (2021)

APÊNDICE C – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE COVID 19: implicações para o processo de formação docente

Pesquisador: JOAO ANTONIO RUFATO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 33896620.3.0000.5573

Instituição Proponente: Centro Universitario Internacional UNINTER

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.133.063



Continuação do Parecer: 4.133.063

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Centro Universitário Internacional Uninter, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto conforme proposto para início da Pesquisa. Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos.

É dever do CEP acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa.